

PEDAGOGIA

GRACILENE COSTA DO VALE

**Releitura de *Reinações de Narizinho*:
Recuperando a presença das fábulas no
cotidiano escolar.**



Rio Claro
2010

GRACILENE COSTA DO VALE

RELEITURA DE *REINAÇÕES DE NARIZINHO*:
RECUPERANDO A PRESENÇA DAS FÁBULAS NO
COTIDIANO ESCOLAR

Orientador: Dra. Maria Augusta H. W. Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Rio Claro
2010

Dedico

Ao meu pai Miguel,
meu herói, minha fortaleza.
Sinto muito sua falta...

Ao meu filho Fernando,
razão da minha existência...

Aos meus alunos
por me ensinarem a cada dia...

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Mundo das Maravilhas 1.....	50
Figura 2. Mapa do Mundo das Maravilhas 2.....	51
Figura 3. Mapa do Mundo das Maravilhas 3.....	52
Figura 4. Mapa do Mundo das Maravilhas 4.....	53
Figura 5. Desenho do País das Fábulas 1.....	55
Figura 6. Desenho do País das Fábulas 2.....	56
Figura 7. Desenho do País das Fábulas 3.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quadro de agrupamento dos gêneros.....	22
Tabela 2: Ficha comparativa da fábula <i>O lobo e o Cordeiro</i>	62
Tabela 3: Ficha comparativa da fábula <i>A Cigarra e a Formiga</i>	72
Tabela 4: Ficha comparativa da fábula <i>Os Dois Pombinhos</i>	78
Tabela 5: Ficha comparativa da fábula <i>O Corvo e a Raposa</i>	82
Tabela 6: Ficha comparativa da fábula <i>A Menina do Leite</i>	86

LISTA DE TEXTOS FEITOS PELAS CRIANÇAS

Texto 1: Biografia de Monteiro Lobato – grupo 1 (primeira versão)	44
Texto 2: Biografia de Monteiro Lobato – grupo 1 (segunda versão)	45
Texto 3: Texto coletivo sobre Fábulas e os Fabulistas	60
Texto 4: Reescrita da fábula <i>O lobo e o cordeiro</i>	63
Texto 5: O lobo e o cordeiro	64
Texto 6: O lobo e o cordeiro	64
Texto 7: O cordeiro e o Lobo.....	65
Texto 8: O lobo e o cordeiro	65
Texto 9: O lobo e o cordeiro	66
Texto 10: O Lobo e o Cordeiro	66
Texto 11: Três amigos no País das Fabulas.....	68
Texto 12: O Inteligente Carneirinho	68
Texto 13: A boneca de Pano o carneirinho e o tatu canastra.....	69
Texto 14: O carneiro e o tatu canastra.....	70
Texto 15: A formiga e a Cigarra	73
Texto 16: A Cigarra e a formiga	74
Texto 17: A cigarra e a formiga	74
Texto 18: A cigarra e a formiga	75
Texto 19: A Cigarra e a Formiga	75
Texto 20: A cigarra e as formigas – Versão I	76
Texto 21: A cigarra e a formiga - Versão II.....	76
Texto 22: Cigarra e a Formigas – Versão I	77
Texto 23: A Cigarra e a Formiga – Versão II.....	77
Texto 24: Os dois pombinhos.....	79
Texto 25: Os pombinhos	79
Texto 26: Dois pombinhos.....	80
Texto 27: Os pombinhos – contraris	80
Texto 28: O corvo e a Raposa	83
Texto 29: O Corvo e a Raposa.....	83
Texto 30: O corvo e a raposa.....	84
Texto 31: O corvo e a Raposa	84

Texto 32: A menina do leite.....	87
Texto 33: A menina do leite.....	87
Texto 34: A menina do leite.....	87
Texto 35: Os animais e a peste.....	89
Texto 36: Os animais e a peste.....	89
Texto 37: Os animais e a peste.....	89
Texto 38: Dois viajantes na macacolândia.....	91
Texto 39: Os dois viajantes da Macacolândia	92
Texto 40: Dois viajantes na Macacolândia	92
Texto 41: Os dois viajantes na Macacolândia	92
Texto 42: O burro e a raposa	95
Texto 43: A lagarta e a formiga	96
Texto 44: O pernilongo e a aranha.....	97
Texto 45: Os animais e o Natal	98
Texto 46: Cartaz de propaganda do livro <i>Serões de Dona Benta</i>	108
Texto 47: Cartaz de propaganda do livro <i>Os Doze Trabalhos de Hércules</i>	108
Texto 48: Cartaz de propaganda do livro <i>Memórias da Emília 1</i>	108
Texto 49: Cartaz de propaganda do livro <i>Memórias da Emília 2</i>	108
Texto 50: Cartaz de propaganda do livro <i>Memórias da Emília 3</i>	108
Texto 51: Cartaz de propaganda do livro <i>A chave do Tamanho</i>	108
Texto 52: Cartaz de propaganda do livro <i>Don Quixote das Crianças</i>	109
Texto 53: Cartaz de propaganda do livro <i>História do Mundo para Crianças</i>	109
Texto 54: Cartaz de propaganda do livro <i>Viagem ao Céu</i>	109
Texto 55: Cartaz de propaganda do livro <i>Caçadas de Pedrinho</i>	109
Texto 56: Carta para Monteiro Lobato 1	111
Texto 57: Carta para Monteiro Lobato 2	111
Texto 58: Carta para Monteiro Lobato 3	111
Texto 59: Carta para Monteiro Lobato 4	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O TRABALHO COM A LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA – REPENSANDO A PRÁTICA.	12
1.1 A aprendizagem da Língua Portuguesa	12
1.1.1 Aquisição da leitura.....	13
1.1.2 Aquisição da escrita.....	17
1.1.3 O trabalho com gêneros textuais	20
2. FÁBULAS, FABULISTAS E MONTEIRO LOBATO – CONHECER E ENSINAR ..	23
2.1 Gênero Fábulas	23
2.2 Monteiro Lobato - Fabulista	30
2.3 As Fábulas em <i>Reinações de Narizinho</i>	33
3. A PRÁTICA FUNDAMENTADA NA TEORIA – UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA.....	39
3.1 Lendo <i>Reinações de Narizinho</i>	39
3.2 A biografia de Monteiro Lobato	42
3.3 Os Fabulistas Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato	58
3.4 As fábulas	61
3.4.1 <i>O Lobo e o Cordeiro</i>	61
3.4.2 A boneca, o carneirinho e o tatu-canastra.....	67
3.4.3 <i>A cigarra e a Formiga</i>	71
3.4.4 <i>Os Dois pombinhos</i>	78
3.4.5 <i>O Corvo e a raposa</i>	81
3.4.6 <i>A menina do leite</i>	85
3.4.7 <i>Os animais e a peste</i>	88
3.4.8 <i>Os Prisioneiros</i>	90
3.4.9 Escrevendo suas próprias fábulas.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXO A – Atividades dos alunos: Propagandas dos livros de Monteiro Lobato...	107
ANEXO B – Atividades espontâneas dos alunos: Cartas para Monteiro Lobato.....	110
ANEXO C – Folhas que as crianças receberam com diferentes versões das fábulas.....	113

INTRODUÇÃO

A tecnologia da *internet*, a televisão e o acesso a jogos eletrônicos fazem com que as crianças recebam, cada vez mais rápido, uma gama de informações e, para acompanhar essa velocidade, surge uma linguagem própria, cada vez mais distante das normas da língua portuguesa culta. A quantidade de informações “jogadas”, aparentemente, pode nos parecer inofensiva e até mesmo prática. Porém, numa análise mais profunda, esse turbilhão de informações, muitas vezes desnecessárias e até mesmo impróprias, preocupa pais e professores.

A escola é o espaço privilegiado para a formação do indivíduo e deveria ser o mais eficaz dos mediadores, uma vez que a família muitas vezes pode não contribuir para essa formação. Nelly Novaes Coelho (2000, p.16) explica que, no espaço escolar:

privilegiamos os estudos literários, pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente, condição *sine qua non* para a plena realidade do ser.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* de Língua Portuguesa destacam que para uma participação social efetiva é fundamental o domínio da língua, pois é dessa forma que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende um ponto de vista, partilha ou constrói visões de mundo e produz conhecimento. Destaca, ainda, que a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. Nesse sentido, o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de pessoas capazes de escrever com eficácia. Um *leitor* competente é capaz de selecionar as informações e encontrar estratégias de abordá-las, para atender às necessidades próprias.

Um *escritor* competente é alguém que sabe selecionar o gênero apropriado a seus objetivos e circunstâncias, planeja seu discurso e sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. Para aprender a escrever é necessário que o aluno tenha acesso à diversidade de gêneros, a textos bem escritos, de preferência de autores renomados, a fim de que, analisando os recursos que os mesmos utilizam, possa aprender com eles e apropriar-se de seu repertório.

Dentre as diversas estratégias utilizadas em sala de aula, é preciso que o professor garanta o contato com diferentes tipos de textos: fábulas, contos de fadas, histórias criadas especificamente para crianças, as quais não podem ser esquecidas. Tendo a característica de encantamento e a facilidade de interpretação, as fábulas, em especial, oferecem a possibilidade de apropriação dos recursos discursivos pelas crianças.

Monteiro Lobato, na sua genialidade, já pensava assim no início do século passado. Quando ninguém ainda se preocupava com o assunto, ele já mostrava intenção de escrever para o público infantil, uma vez que na época não havia produções literárias nacionais para esse público. Disponíveis, somente os textos traduzidos de outras línguas com cenários, em sua maioria, europeus, distantes da realidade de nossas crianças. E, ainda assim, essas traduções eram feitas no “português de Portugal”, com palavras e expressões desconhecidas para o nosso público. Ao manifestar o desejo de suprir a falta de livros para crianças, Monteiro Lobato acreditava que as fábulas eram ideais para iniciação no mundo da literatura.

O que pretendia era que o perfil didático das fábulas fizesse com que a absorção de ensinamentos, presentes nas mesmas, se desse no mesmo tempo da diversão. E ele conseguiu...

É nesse universo maravilhoso, criado e recriado por Lobato, que o professor pode buscar estratégias para repensar sua prática dentro da sala de aula e assim levar seus alunos a descobrir “novos mundos”, bem diferentes daqueles impostos pela “tecnologia desenfreada” que, mais do que informar, confunde, exclui, “mutila”.

Partindo da minha experiência docente, pude constatar a dificuldade dos alunos em se envolverem com atividades de leitura e de escrita, para eles um dever árduo.

O presente trabalho teve como metodologia a pesquisa participativa, desenvolvida com crianças da 4ª série do Ensino Fundamental (8 anos) da rede pública municipal de Rio Claro-SP, com os seguintes procedimentos: leitura da obra *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato; leitura e discussão do capítulo Pena de Papagaio com os alunos; leitura das fábulas “originais”, das quais surgiram as releituras; comparação entre os estilos dos fabulistas Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato; estudo da estrutura de texto do gênero textual fábulas; produções coletivas e individuais com os alunos sobre as fábulas escolhidas, utilizando a estrutura textual própria deste gênero.

Analisar a releitura das fábulas apresentadas pelo autor no capítulo Pena de Papagaio, da obra em questão, e a partir dela trabalhar a reescrita de fábulas com as crianças, foi o nosso objetivo geral, além de relatar uma experiência didática sobre a leitura e reescrita de fábulas.

A escolha por Lobato se deu pela sua instigante trajetória, pelo fato dele não ter medo de tornar realidade um sonho e vice-versa, sem falar que sua obra diverte ao mesmo tempo em que valoriza a oralidade e o conhecimento como um todo. A rica intertextualidade¹ presente em *Reinações de Narizinho* foi o motivo para a escolha desta obra como cenário para as atividades didáticas com as crianças da 4ª série.

Deste modo, este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro aborda os referenciais teóricos a respeito da aquisição da leitura e da escrita e os diferentes gêneros textuais utilizados em sala de aula.

¹ “O que caracteriza a *intertextualidade* é introduzir um novo modo de leitura que faz estalar a linearidade do texto. Cada referência intertextual é o lugar duma alternativa: ou prosseguir a leitura, vendo apenas no texto um fragmento como qualquer outro, que faz parte integrante da sintagmática do texto – ou então voltar ao texto-origem, procedendo a uma espécie de anamnese intelectual em que a referência intertextual aparece como um elemento pragmático “deslocado” e originário de uma sintagmática esquecida”. (JENNY, 1979, p.21).

O segundo capítulo trata de um breve histórico sobre o gênero fábula e os fabulistas Esopo, Fedro e La Fontaine, com ênfase na figura de Monteiro Lobato e sua obra *Reinações de Narizinho*.

O terceiro capítulo apresenta o trabalho desenvolvido com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental da rede pública do município de Rio Claro e os comentários do pesquisador. Por fim, a apresentação das Considerações Finais.

O trabalho desenvolvido em sala de aula mostrou-se extremamente produtivo. A metodologia adotada propiciou às crianças o desenvolvimento de um repertório que os auxiliou na produção de suas fábulas. Os alunos se apropriaram da estrutura específica do gênero, desenvolveram o vocabulário, utilizaram-se mais das regras ortográficas, bem como melhoraram a coerência e a coesão nessas produções.

CAPÍTULO I – O TRABALHO COM A LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA – REPENSANDO A PRÁTICA.

1.1 A aprendizagem da Língua Portuguesa

O ensino da Língua Portuguesa deve estar voltado para a função social da língua. O aluno precisa ser capaz de combinar habilidades que o capacitem a viver em sociedade, sendo uma das mais relevantes a competência em Língua Portuguesa, pois só assim poderá atuar de maneira adequada nas mais diversas situações de comunicação. Precisa também compreender e participar de um diálogo ou de uma conversa, produzir textos escritos de diversos gêneros.

Para as *Matrizes de Referência do Sistema Nacional da Avaliação da Educação Básica* - SAEB, ler e escrever, por suas particularidades formais e funcionais, são competências mais especificamente desenvolvidas no ambiente escolar. Tanto os textos escritos de uso mais familiar (bilhete, carta etc), quanto os textos de domínio público (artigo, reportagem, anúncio, conto, fábula etc), são objetos de estudo sistemático na escola.

Daí a importância de promover-se o desenvolvimento, no aluno, da capacidade de produzir e compreender textos dos mais diversos gêneros e, em diferentes situações comunicativas, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral. (SAEB, 2008)

Para Perrenoud (1999), a escola compõe a vida social e cultural de todos nós e não pode mais se pensar isolada, seletiva, apartada da vida “lá fora”, pois seu “aqui dentro” e o “lá fora” são partes de um mesmo contínuo. É preciso rever esquemas, hábitos, atitudes e assumir o que se quer para todos, mas incluir a todos. Sabe-se que nesse momento de transformação, quando um sistema de vida e de valores está sendo substituído por outro, a escola, muitas vezes, perde a sua especificidade. É preciso rever os valores sociais, as práticas pedagógicas e a própria concepção de educação. Aqui, no entanto, vamos nos ater apenas às questões relacionadas à leitura e escrita, já que o objetivo deste trabalho se volta para este assunto.

1.1.1 Aquisição da leitura

A leitura não é uma simples decodificação. Segundo Paulo Freire (1997, p.11), “o ato de ler [...] não se esgota na decodificação pura de palavras escritas ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. O texto remete a ideias, crenças, valores, sentimentos, emoções. A leitura é um ato de vida, de relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Muitos outros autores consideraram a leitura a partir do ponto de vista de Freire. Vários estudiosos se reuniram em torno da discussão do problema da leitura em contexto escolar na obra *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor* (1982), organizada por Regina Zilberman. Nesta obra, Marisa Lajolo (1988, p.59) comenta que ler:

[...] é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. E a partir do texto ser capaz de atribuir-lhe significações, conseguir relacioná-lo a todos os textos significativos para cada um reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

A autora explica que o leitor atribui significado ao texto e é capaz de relacioná-lo com outros textos com os quais teve contato anteriormente. Em outras palavras, o leitor torna-se agente do processo de leitura.

A formação do leitor dá-se desde os primeiros anos de vida e depende de vários mediadores. Para Magda Dezotti (2004 p.12), “o acesso à leitura é, primeiramente, uma questão do meio social e dependerá, certamente, da família ou do grupo com o qual a criança estabelece suas primeiras relações.”

A família, os meios de comunicação e a escola devem ser os responsáveis pelo processo de formação do leitor. O papel da família, porém, está cada vez mais enfraquecido, enquanto os meios de comunicação e o apego à cultura de imagens e sons acabam dificultando o interesse e o acesso aos livros. Sabemos que, quando alguém deixa de exercer sua função ou não faz como deveria, acaba delegando a responsabilidade a outros. E é à escola que se delega toda a responsabilidade.

Paulo Freire (2003, p.20) comenta que a leitura da palavra é a continuidade da leitura de mundo: “*Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela*”. Assim, o ato de ler transcende o texto e modifica a visão de mundo. A maneira de ver o texto dependerá das experiências vividas anteriormente.

Da mesma forma, Jorge Larrosa (2002, p.133-134) comenta que a leitura não é somente “*um meio de se conseguir conhecimentos*”, mas também algo que muda o que somos.

Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma e nos transforma), como algo que constitui ou nos põe em questão naquilo que somos. A leitura, portanto, não é só um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real e do eu real. E não se reduz, tampouco, a um meio de se conseguir conhecimentos.

Rojo (2006, p.25) comenta que Ziraldo já dizia uma frase que acabou se tornando um lema para a população letrada, pertencente às elites intelectuais brasileiras - “*Ler é melhor que estudar*”. Esta frase nos remete a uma reflexão sobre o fato que, embora o ensino tenha passado a ser obrigatório, isto é, compulsório, uma grande parcela da população não chega a ler, pois:

a escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva à formação de leitores e produtores de texto proficientes e eficazes. Ler continua sendo coisa das elites novo milênio. Neste sentido, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) representa um avanço. (ROJO, 2006, p.25)

A visão de leitor/produtor de textos, presente nos PCNs, é a de um usuário eficaz e competente da linguagem escrita, capaz de construir e reconstruir os sentidos do texto que lê ou produz. Assim, os objetivos gerais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental destacam como tarefa principal do ensino levar o aluno a:

utilizar a linguagem na escrita e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos, de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos e considerar as diferentes condições de produção do discurso. (PCNs, p. 32)

Para Rojo (2006, p.25), o desenvolvimento ou a aprendizagem são sempre um processo de apropriação das experiências acumuladas pela sociedade

no curso de sua história (práticas sociais e atividades). A apropriação é, por sua vez, um processo de aprendizagem que conduz à interiorização de uma prática social.

Os PCNs enfocam o ensino escolar da língua materna como um processo de apropriação de práticas sociais que circulam, na forma de textos orais e escritos, em espaços públicos formais.

Considerando o contexto escolar e o Ensino de Literatura, o papel de aproximar o leitor-aluno da obra literária compete à escola, em especial ao professor.

Dos três elementos formadores do leitor, os meios de comunicação, apesar de configurarem-se como elemento que influencia na formação do leitor, não proporcionam o contato direto da obra com o leitor. A família também está deixando de exercer essa função. Conseqüentemente, acaba por incidir sobre a escola boa parte desta tarefa. A escola, segundo Ana Maria Machado (1999, p. 88-89), configura-se na principal, senão a única via de acesso ao livro:

E como, na maioria das vezes, grande parte da população só vai se tornar leitora se tiver contato com bons livros através da escola e do sistema de ensino, é de fundamental importância que a escola não desperdice essa oportunidade e não recomende bobagens nem desenvolva atividades que funcionem como vacina contra leitura, de tanto que criam anticorpos no leitor. Mas também não é preciso combater nenhum livro, mesmo que seja esse de produção maciça e pouca originalidade. Que existam todos, livres. Mas que não sejam impostos às crianças por professores ingênuos que não sabem perceber a manipulação feita por algumas editoras, interessadas apenas no lucro maior e mais rápido.

No entanto, para “formar leitores” é preciso dar o exemplo. Assim como escovar os dentes, tomar banho, comer com talheres são práticas que passamos a nossas crianças, a leitura também segue o mesmo caminho. Não adianta querer inculcar nas crianças a necessidade da leitura se não existe o exemplo. Sabemos e já discutimos que cabe à escola grande responsabilidade no processo de formação do leitor. Por isso, é primordial que o professor seja leitor, já que só transmitimos valores quando estamos convencidos de sua importância.

A necessidade de estar “antenado” todo o tempo, a rapidez na divulgação propiciada pela *internet*, a maior oferta de livros, especialmente os infantis, melhorou o acesso aos portadores de texto, contudo a qualidade ainda deixa a desejar.

Os acontecimentos da atualidade, convertidos em notícias fragmentadas e aceleradamente obsoletas, não nos afetam no fundo de nós mesmos. Vemos o mundo passar diante de nossos olhos e permanecemos exteriores, alheios e impassíveis". (LARROSA, 2002, p.136)

Normalmente os textos tendem a ser fragmentados e pobres, e isso fica evidente nas edições atuais dos clássicos da literatura, reduzidos a dez ou quinze páginas. O filósofo alemão Walter Benjamin (1985, p.115), no primeiro quarto do século XX, já nos questionava sobre isso: *"Pois qual o valor de todo o patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?"*.

Jorge Larrosa (2006) descreve o professor como *"aquele que dá o texto a ler, aquele que dá o texto como um dom, nesse gesto de abrir o livro e de convocar à leitura"*. Diz que o professor seleciona um texto para a lição como um presente ao aluno. Sendo assim, como aquele que escolhe um presente, o professor se preocupa em saber se ele será aceito, se será bem recebido.

Uma vez que só se presenteia o que se ama, o professor gostaria que seu amor fosse também amado por aquele aos quais ele remete. E uma vez uma carta é como uma parte de nós mesmos que remetemos aos que amamos, esperamos resposta, o professor gostaria que essa parte de si mesmo, que dá a ler, também despertasse o amor dos que receberão e suscitasse suas respostas. (LARROSA, 2006, p. 140)

O autor afirma que ler não é um dever no sentido de uma dívida, mas sim de uma tarefa. Se o professor dá a lição, ele também se entrega a ela. Ele lê escutando o texto, escutando a si mesmo e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo. Não se busca saber o que o texto sabe, mas o que o texto leva a pensar. O importante não é o que se sabe sobre o texto, mas o que, com o texto ou contra ele, ou a partir dele, se seja capaz de pensar.

A meta principal da leitura é a compreensão dos textos pela criança. Ler com compreensão inclui, além do entendimento linear, a capacidade de fazer inferências, de construir um "fio da meada", compor um todo coerente. Como essa capacidade não vem automaticamente, nem plenamente desenvolvida, precisa ser exercitada e ampliada em diversas atividades. Saber reconhecer diferentes gêneros textuais e identificar suas características gerais favorece bastante o trabalho de

compreensão, porque orienta, adequadamente, as expectativas do leitor diante do texto, sugere Maria da Graça Costa Val (2006).

1.1.2. Aquisição da Escrita

Josette Jolibert (2006, p. 191-192) diz que, escrever é produzir mensagens reais para serem entendidas por pessoas reais. Mais que transcrever (copiar), praticar caligrafia e escrever “redações” para provar ao professor que sabe ou não sabe, escrever é produzir textos ou tipos de texto em função das próprias necessidades e projetos.

Não se trata de produzir frases soltas ou parágrafos isolados para ser colados a outros fragmentos para constituir um texto completo. Produzir é assumir a perspectiva de um determinado tipo de texto, dirigido a certo destinatário, com uma intencionalidade específica. Todas as demais estruturas de caráter “Micro” virão integrar-se nesta macroestrutura (e não o contrário). (JOLIBERT, 2006, p. 192)

Ainda segundo Jolibert, (2006, p. 192) escrever é um trabalho complexo que requer várias etapas. É preciso que o texto seja revisado, melhorado, até que se chegue à versão final. A criança precisa tomar consciência da utilidade de escrever um texto, pois ele deve comunicar, narrar, explicar, informar, incentivar alguma coisa. É necessário que a escrita de texto esteja apoiada em competências como:

- Capacidade de representação, tanto da situação como do tipo de texto que se deseja produzir;
- Competências que lhe permitam escolher, em um leque conhecido de diferentes tipos de texto, aquele que melhor convém à situação, identificando nele suas principais características linguísticas;
- Aptidão para gestionar a atividade de produção (escrita e reescrita), de maneira a considerar os diferentes níveis de estruturas de um texto: situação de produção, superestrutura, enunciação, gramática textual, gramática das frases e da palavra;

- Competências linguísticas gerais (sintáticas, lexicais, ortográficas), competências mínimas necessárias para todo tipo de texto.

Jolibert afirma que tais competências serão conquistadas pela criança se ela aprender sistematicamente a produzir textos. Para isso é necessário produzir textos em situações reais, dentro de um contexto; apoiar-se na confrontação dos colegas; realizar atividades metalinguísticas para responder às necessidades surgidas no momento de produzir; observar como funcionam os textos sociais análogos ao que se está produzindo para “extrair-lhes seus segredos de fabricação”; construir ferramentas de sistematização dos fenômenos linguísticos observados; elaborar e utilizar critérios de avaliação.

E como fica o professor diante deste contexto? Tanto quanto seus alunos, é preciso que o professor se torne sujeito do mundo da leitura e da escrita, que organize registros de acompanhamento do processo de construção do conhecimento de seu grupo, que busque textos que acompanham a pluralidade de práticas sociais de leitura, que se preocupe com a preservação da memória dos grupos sociais com os quais interage, isto é, que se constitua, antes de tudo, em leitor e autor da sua própria prática pedagógica.

Assim como a prática da leitura ficou sob a responsabilidade da escola, escrever segue o mesmo princípio. E o professor, como mediador, precisa ter concepções teóricas que fundamentem sua prática e o levem a trabalhar de maneira segura e eficaz.

De acordo com os PCNs, leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas. *“São práticas que permitem ao aluno construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita”*. Nesse contexto, onde existe a relação entre as duas atividades, o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortográficos.

Ainda segundo os PCNs, para aprender a escrever é necessário que a criança tenha contato com a diversidade de textos escritos. O escritor² competente

² O termo “escritor” nos PCNs, é utilizado para referir-se a pessoas capazes de redigir.

planeja o discurso em função do seu objetivo e do leitor a que se destina, sem desconsiderar as características específicas do gênero escolhido. Sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. É capaz de olhar para o próprio texto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja, é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento.

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos. Mais do que isso, o contato com o texto não deve ser resumido a conhecer o código. Segundo Koch, é necessária a compreensão real do texto que só será alcançada através da interação texto-sujeitos.

manifestação verbal de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. (KOCH, 1997, p. 22)

Desta forma, o texto passa a ser compreendido como parte de atividades mais amplas de comunicação. O gênero textual passa a ser considerado não apenas como instrumento de comunicação, mas como objeto de ensino-aprendizagem. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* de Língua Portuguesa (Brasil, 2001) preconizam essa diversidade, propondo, como princípio didático, a organização de situações de aprendizagem que tenham por base a utilização dos gêneros textuais.

A escola tem como papel promover situações que favoreçam aos alunos o reconhecimento dos gêneros textuais, para que aprendam a produzi-los e, conseqüentemente, saibam utilizá-los no seu dia-a-dia, em contextos específicos. Ainda segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* de Língua Portuguesa (Brasil, 2001, p. 30), "são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada", que é um dos objetivos do Ensino Fundamental.

1.1.3. O Trabalho com Gêneros Textuais

Trabalhar os gêneros textuais em sala de aula é uma excelente oportunidade de se lidar com a língua nos seus mais diversos usos. Tomando como referência o conceito defendido por Bakhtin (2003), os gêneros textuais são formas relativamente estáveis de enunciados, que se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços linguísticos, extremamente ligados aos contextos (condições e finalidades) nos quais estão inseridos. É por esta dependência com relação ao contexto que eles são historicamente variáveis. Assim, a imensa diversidade de gêneros é que forma a língua.

Apesar de sua relativa estabilidade, os gêneros não são entidades fixas, que permanecem estáticas, independente do tempo e das mudanças ocorridas na sociedade.

Machado (1998) comenta que há gêneros que desaparecem e outros que nascem, dependendo das necessidades dos falantes que os utilizam. É essa estabilidade e mobilidade que permite ao professor tomar o gênero como objeto de ensino. Mas, essa decisão merece cuidados, pois a entrada dos gêneros textuais na escola acaba, de certa forma, transformando-os para favorecer o seu domínio.

Os gêneros, segundo Bakhtin (2003), são padrões comunicativos aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade. Funcionam como uma espécie de modelos comunicativos globais, que representam um conhecimento social localizado em situação concreta.

Os gêneros, para o autor, são agrupados em dois grupos: os gêneros primários e os secundários. Os primários são ligados às relações cotidianas (conversa face a face, linguagem familiar, cotidiana etc.), são os mais comuns no dia-a-dia do falante. Os secundários são mais complexos (discurso científico, teatro, romance etc.), referem-se a outras esferas de interação social, mais bem desenvolvidas.

O dialogismo, também conhecido como dialogia, é outro conceito elaborado por Bakhtin (2003). Para o autor, dialogismo é condição essencial para se construir o sentido do texto, porque esta construção só ocorre na interação entre, pelo menos,

dois interlocutores. Nenhum enunciado sobrevive no isolamento. Cada enunciado se une a outros, compondo a cadeia da comunicação verbal, na qual o início e o fim do diálogo não se encontram definitivamente demarcados.

Bakhtin (2003) enfatiza que o conteúdo temático, estilo e forma composicional são os três elementos "básicos" que configuram um gênero discursivo. Quando fala/escreve ou lê/ouve, o indivíduo ativa seu conhecimento prévio do paradigma dos gêneros a que ele teve acesso nas suas relações com a linguagem. Assim, ao orientar os alunos para a produção textual ou para a leitura, deve-se considerar essa dimensão, que constitui o que Bakhtin chamou de relação entre *forças centrípetas* (concentração) e *forças centrífugas* (expansão). Nos textos, as forças de concentração atuam ao lado das forças de expansão.

No entanto, é função da escola *"levar o aluno ao domínio do gênero, exatamente como este funciona as práticas de linguagem de referência."* (SCHNEUWLY e DOLZ, 1999, p.9).

Com o propósito de viabilizar o ensino dos gêneros na escola, e tendo em vista a infinita diversidade de gêneros textuais existentes, Schneuwly e Dolz (2004) elaboram uma proposta de agrupamentos de gêneros. Essa divisão consiste em organizar os gêneros textuais de acordo com certo número de regularidades linguísticas. Os agrupamentos de gêneros se dividem em cinco: Narrar, Expor, Argumentar, Instruir e Relatar.

O trabalho com gêneros contribui para o aprendizado da prática de leitura, da produção textual e da compreensão. Quando o professor explora a diversidade textual, aproxima o aluno das situações originais de produção dos textos não escolares, proporcionando condições para que o aprendiz compreenda o funcionamento dos gêneros textuais, apropriando-se, a partir disso, de suas peculiaridades, o que facilita o domínio que deverá ter sobre eles.

Na proposta provisória de agrupamento de gêneros realizada por Schneuwly e Dolz (2004, p.60-61), apresentada no quadro abaixo, foram inseridos alguns gêneros que circulam com frequência na sociedade.

Tabela 7: Quadro de agrupamento dos gêneros.

Domínios sociais de Comunicação Aspectos tipológicos Capacidades de linguagem dominantes	Exemplos de Gêneros Escritos e Oraís
Cultura literária ficcional Narrar Mimese da ação através da criação da intriga no domínio verossímil	Conto maravilhoso / Conto de fadas / Fábula / Lenda / Narrativa de aventura / Narrativa de ficção científica / Narrativa de enigma / Narrativa mítica / Sketch ou história engraçada Biografia romanceada / Novela fantástica Conto / Crônica Literária / Adivinha / Piada
Documentação e memorização das ações humanas Relatar Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida / Relato de uma viagem / Diário íntimo / Testemunho / Anekdota ou caso / Autobiografia / <i>Curriculum vitae</i> /... Notícia/ Reportagem / Crônica social / Crônica esportiva / ... / Histórico/ Relato histórico / Ensaio ou perfil biográfico / Biografia
Discussão de problemas sociais controversos Argumentar Sustentação, refutação e negociação de tomada de posição	Textos de opinião / Diálogo argumentativo Carta de Leitor / Carta de reclamação / Carta de solicitação / Deliberação informal / Debate regrado / Assembléia / Discurso de defesa (Advocacia) /Discurso de acusação (Advocacia) Resenha crítica / Artigos de opinião ou assinados /Editorial / Ensaio
Transmissão e construção de saberes Expor Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Texto expositivo (em livro didático) / Exposição oral / Seminário / Conferência / Comunicação oral / Palestra / Entrevista de especialista / Verbete / Artigo enciclopédico / Texto explicativo / Tomada de notas / Resumo de textos expositivos e explicativos / Resenha Relatório científico / Relatório oral de experiência
Instruções e prescrições Descrever Ações Regulação mútua de comportamento	Instruções de montagem/ Receita / Regulamento / Regras de jogo / Instruções de uso / Comandos diversos / Textos prescritivos

CAPÍTULO II – FÁBULAS, FABULISTAS E MONTEIRO LOBATO – CONHECER E ENSINAR.

2.1 Gênero Fábulas

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e o *Dicionário Antológico das Literaturas Portuguesa e Brasileira* trazem o significado de fábula como sendo uma narrativa que ilustra um ensinamento e usa animais irracionais como personagens.

FÁBULA – s.f. [...] narração popular ou artística de fatos puramente imaginados. 1 Lit. curta narrativa, em prosa ou verso, que tem entre as personagens animais que agem como seres humanos, e que ilustra um preceito moral <as f. de Esopo>; 2 Lit. narração de aventuras e de fatos (imaginários ou não), no romance, na epopéia, no conto; fabulação; 3 Lit. história narrada das ações dos deuses e heróis greco-romanos; mitologia; 4 p. ext. fato inventado; invencionice <*toda aquela história é pura f.*>; 5 fig. Pessoa ou fato que dá margem a crítica ou zombaria <*sua vida amorosa é f. da cidade inteira*>; 6 p. text. Inform. Avultada quantia em dinheiro <*colar custou-lhe uma f.*> [...] Etim. lat. Fabula, ae “conversa, boatos, tipo de narração alegórica, conversação, relato” [...]. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1297, grifo nosso).

[Fábula] é uma breve narrativa inventada para pôr em relevo um ensinamento útil ou um preceito moral, na qual intervêm, como personagens, os animais irracionais. Apresenta três elementos: sentença ou princípio moral (sua finalidade), “ficção” (o meio) e “animais irracionais” (personagens). São célebres as fábulas de Esopo (grego, séc. VI a. C.), Fedro (latino, séc. I a. C.) e La Fontaine (francês, séc. XVIII). (Pontes, [197-?], p. 527, grifo nosso).

O termo fábula tem sentido bastante amplo. De origem latina, é comum nos meios populares designar qualquer narração ou relato fictício. Deriva do verbo *fabulare*, “conversar, narrar”, o que mostra que tem origem na tradição oral. Aliás, é da palavra *fábula* que vem o substantivo português *fala* e o verbo *falar*. Assim, é muito provável que ela já existia muito antes da escrita, que tenha sido transmitida como narrativas tradicionais orais de civilizações arcaicas.

As fábulas devem ter sido usadas com objetos claramente pedagógicos: a pequena narrativa exemplar serviria como instrumento de aprendizagem, fixação e memorização dos valores morais do grupo social. (BAGNO, 200_?)

As fábulas de origem esópica são caracterizadas pela constante referência à vida animal como metáfora para a vida humana. Essas fábulas, também

chamadas de Apólogos, constituem um gênero cuja origem se atribui a Esopo (630-560 a.C.), “*não pela criação, pois antes dele já existiam fábulas, mas pelo reconhecimento ao seu talento em reunir temas antigos, atualizá-los e criar novas fábulas, resultando numa extensa produção*” (CHAMBRY, 1927 apud JINZENJI, 2008, p.3). Ao longo dos séculos, as fábulas de Esopo foram sendo traduzidas, reescritas e apropriadas por vários escritores e fabulistas, ganhando importância cada vez maior na educação das novas gerações.

Loide Nascimento de Souza (2004, p. 18) comenta que a fábula possui uma longa tradição e está entre as mais antigas manifestações literárias. Suas origens confundem-se com as da literatura como um todo. Antes que o homem tivesse o domínio da palavra escrita, a fábula já existia em forma de narrativa oral. Nesse caso, as origens da fábula estão próximas do contexto das origens de outras formas de literatura como: mito, anedota, provérbio, lenda, conto de fadas, conto maravilhoso etc.

Mas não é a permanência deste gênero ao longo de milhares de anos que nos chama a atenção e sim a sua adaptação a cada contexto, independentemente de tempo, classe social ou cultura. Pode ser apreciado tanto por pessoas cultas, de grandes centros urbanos, como por habitantes de aldeias distantes. “*Esta adaptabilidade permite a renovação do gênero, sem que ele perca a sua essência primitiva*” (SOUZA, 2004, p.10).

Alguns estudiosos citam a Índia como berço da Fábula devido à existência de coleções como o *Pañcatantra* (a mais conhecida) e *Hipatodexa*. Segundo Maria Valéria Vargas (1990), a versão original em sânscrito do *Pañcatantra* (cuja autoria é atribuída a Pilpay ou Bidpay) foi escrita no século I, aproximadamente. A versão em árabe desta coleção, intitulada *Calila e Dimna*, escrita por Abdallah Ibn Almoqaffa, no século VIII, estabelece a ponte definitiva entre as fábulas indianas e o Ocidente.

Pañcatantra significa “cinco tratados”, (pañca = cinco + tantra = tratado), é um conjunto de cinco livros que trazem modelos de conduta e ensinamentos utilizados pelo brâmane Visnuçarman para instruir aqueles que seriam os futuros reis. “*No Pañcatantra uma história central dá origem a outras que vão se*

encaixando, dando início a outras histórias, funcionando como intertextos.”
(VARGAS, 1990, p.50)

Não podemos esquecer que a fábula tem origem na oralidade e que já existia muito antes da escrita. No entanto, somente a partir de documentos escritos é que se pode considerar o início da história da fábula.

O que nos parece mais importante é que a fábula exprime aspectos da natureza humana que se repetem nos tempos, lugares e classes sociais. Assim, o caráter universal da fábula é reconhecido. Antonio Candido (1976, p.45, apud. SOUZA, 2004, p. 19) comenta que a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem, por sua vez, da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar.

Sobre a universalidade das fábulas, Vargas (1995, p.77) comenta:

O caráter de universalidade, de oralidade, de intertextualidade da fábula se encontra em nosso universo ideológico; revela-se constantemente em nossa linguagem. Expressar-se por meio de fábulas foi e é, enfim, um dos recursos de organização discursiva freqüentemente usado para dissimular a realidade, ou mesmo para dar-lhe um tom de verossimilhança.

Apesar de sua universalidade, a fábula grega é, sem dúvida, a mais importante referência entre os mais importantes fabulistas ocidentais, como Fedro e La Fontaine. Relatada por Hesíodo no século VIII a. C., em sua obra *Os trabalhadores e os dias*, a fábula *O Falcão e o Rouxinol* pode ser considerada a fábula mais antiga da Grécia. Encontrada em outros textos de Heródoto, Arquíloco, nas comédias de Aristófanos, entre outros da Grécia antiga, a prática de fabular “constituía um expediente discursivo bastante popular”. (DEZOTTI, M. C., 2003, p. 25)

A fábula grega anterior a Esopo (e até mesmo a fábula produzida na época de Esopo) era, na maioria das vezes, parte de um discurso. Se o discurso era em verso, como acontece com a épica, a poesia didática e a comédia etc., a fábula, conseqüentemente, também era escrita em verso. Dezotti M. C. (2003, p.26) afirma que “a fábula é, por natureza, um gênero prosaico, próprio da prosa, da fala cotidiana”.

Foi na Grécia, sem dúvida, que o gênero fábulas se popularizou e de lá se espalhou por todo o mundo ocidental. É interessante observarmos que a aproximação entre Grécia e Ocidente tem explicação histórica. Quando estudamos a história antiga, vemos que as colônias Gregas, que formavam a Grécia continental, desempenharam um papel decisivo na formação do futuro continente europeu. Segundo Souza (2004, p.27), *“desta importante posição da Grécia como país colonizador e, ao mesmo tempo, detentor de inigualável patrimônio cultural, é que nasce, portanto, a forte ligação entre mundo grego e mundo ocidental em todos os sentidos”*.

Existe uma incerteza sobre a origem e a vida de Esopo, devido à escassa quantidade de provas objetivas. Há quem negue sua existência, mas há também quem sempre se refira a Esopo como uma pessoa real. O historiador Heródoto registra-o como uma figura histórica, e Platão e Heráclides também reservam lugar de destaque a Esopo.

A terra natal de Esopo não é conhecida. Trácia, Lídia e Frígia são os nomes mais citados, todas elas situadas na região da Ásia Menor. Convencionou-se dizer que Esopo era frígio e que, por ser gago e de aparência muito desagradável, fora adotado como escravo. Após passar pela mão de alguns senhores, foi vendido ao filósofo grego Xando, morador de Samos, que, diante da inquestionável sabedoria de seu escravo, concedeu-lhe a liberdade. Com a liberdade, Esopo conheceu a corte de vários lugares, como Creso, Babilônia e Egito. Esperto, astuto e sábio, tornou-se respeitado até mesmo pelos reis, consolidando sua fama em lugares por onde passava. Sobre sua morte, diz-se que os délficos forjaram uma prova contra ele e o condenaram à morte, precipitando-o em um abismo. *“Figura real ou lendária, o seu legado é a herança que dele recebemos”*. (SOUZA, 2004, p.19)

Acredita-se que boa parte das fábulas que Esopo contou na Grécia foi colhida nos países orientais de onde veio e nos lugares por onde passou. As fábulas eram contadas oralmente, de improviso, e adaptadas a uma situação imediata.

Na história da civilização ocidental, a conquista militar de Roma sobre a Grécia, apesar de avassaladora em diversos aspectos, não significou a superação total da arte e cultura grega. Uma vez que os romanos eram fascinados pela riqueza

artística do país dominado, acabaram por aperfeiçoar ou transformar as contribuições culturais, científicas e técnicas herdadas dos Gregos.

Para Souza (2004, p.30), esse princípio de assimilação e transformação da herança cultural entre os romanos pode ser observado também nas fábulas escritas pelo maior fabulista do mundo romano, chamado Tito Júlio Fedro. *“Era declaradamente imitador de Esopo e, por sua condição de ex-escravo, almejava ser comparado ao seu grande mestre”*. Nascido na Trácia, um país de língua grega, não sabemos a data exata de seu nascimento e morte, diz-se que teria vivido por volta do século I d.C. Escravo liberto do Imperador romano Augusto, escreveu em latim cinco livros contendo ao todo 135 fábulas, entre inéditas e reescritas de Esopo. Fedro utilizava as fábulas para fazer uma:

sátira encoberta do contexto que lhe rodeava”, utilizando de seus escritos como arma de combate moral e político. Seus dois primeiros livros foram proibidos durante algum tempo, sob a alegação de conterem alusões e ataques pessoais (ADRADOS, 1979-1987; p. 136).

Possivelmente, o tom de crítica e ataque às injustiças políticas fez de Fedro um dos principais fabulistas. Fedro iniciava as fábulas geralmente com uma frase explicativa, em que ele antecipava o ensinamento moral que seria ilustrado e, em seguida, desenvolvia a breve história.

No início da era cristã, houve um longo período de silêncio na produção significativa de fábulas, que só foi quebrado nos séculos finais da Idade Média, quando ocorreu uma verdadeira disseminação de textos fabulares.

Mais especificamente na Idade Média, o homem manifesta a descoberta do *“homem pelo homem”*, com a observação de suas qualidades e seus vícios, *“revelando a evolução mental da humanidade”*. Neste contexto, as fábulas assumem, por meio de poemas e, principalmente, cantigas, sentimentos cavaleirescos de amor, religiosidade e honra, *“até chegar à idade clássica moderna, quando estaria plenamente maduro para o progresso rápido e contínuo na literatura e em todas as demais áreas do conhecimento”*. (CARVALHO, apud. SOUZA, 2004 , p.20).

O Bestiário, livro composto de descrições ou histórias de animais reais ou imaginários, também passa a ser uma das fontes de inspiração para os fabulistas.

É interessante destacar a participação relevante de Leonardo da Vinci, o poli-artista, que entre os séculos XV e XVI, já em pleno Renascimento, inspirando-se em Esopo, Fedro e Bestiários medievais, praticamente reinventou a fábula italiana. Nesta época, no entanto, nenhum escritor conseguiu alcançar, de fato, destaque significativo na escritura ou reescritura de fábulas. Somente no século XVII, em pleno Iluminismo, surgiu na França aquele que, por sua notoriedade e talento, pode ser comparado a Esopo e Fedro. La Fontaine, apesar de grande admirador dos antigos e, em especial, de Esopo, tinha uma visão própria do gênero fábula e se tornou referência para os escritores da modernidade.

Jean de La Fontaine nasceu em 1621, na cidade de Château-Thierry, França. Aos 26 anos casou-se com Marie Héricart, com quem teve um filho. De família mediana abastada, recebeu uma refinada educação. Epicurista convicto, abandonou sua família e acabou vivendo de favores de um “mecena” e de madames da alta sociedade. Escreveu contos, poesias, cartas e até peças teatrais, mas só conseguiu o sucesso almejado nas reescrituras de fábulas.

La Fontaine publicou *Fábulas* em 1668, obra formada por seis livros. Os livros VII ao XI da coletânea, inspirados nas fábulas indianas de Pilpay, foram lançados em 1678 e 1679. Apenas um ano antes do seu falecimento, em 1694, lançou o décimo segundo e último livro de fábulas. Seu estilo é inconfundível, onde a moral fica em segundo plano e o investimento maior recai no aspecto estético do texto.

Oswaldo Portella (1979, p.32) destaca que “a história da fábula conheceu três ápices, pontificados por três expoentes: Esopo, Fedro e La Fontaine”. Mas é comum a afirmação de que La Fontaine seria o maior de todos os fabulistas, por ter “lapidado a versão definitiva dos rascunhos feitos pelos fabulistas anteriores”. Trata-se, evidentemente, de uma apologia exagerada, uma vez que, ao lado do talento individual do escritor, sabemos que o texto é também fruto do seu tempo e de seu espaço. O próprio La Fontaine não deixou de reconhecer a grandiosidade de Esopo. De forma mais contida, desde Esopo e Fedro, muitos fabulistas surgiram. “Nenhum deles (ou quase nenhum) teve a projeção de La Fontaine, que modernizou a fábula dando-lhe um toque de arte.” (SOUZA, 2004, p. 35)

Entretanto, as fábulas eram também alvo de polêmicas. Rousseau apresentava restrições à sua leitura por crianças e, em *Emilio* (1762), critica especificamente as Fábulas de La Fontaine que, segundo ele, instruem os adultos, mas as crianças são incapazes de compreender a moral que subjaz, de modo que o que deve ser ensinado à criança deve ser dito diretamente e não em termos de alusão. Em diálogo imaginário e irônico com La Fontaine, ele afirma:

Prometo, de minha parte, que vos lerei com discernimento, que vos amarei, que me instruirei com vossas fábulas, pois espero não me enganar sobre seu objeto; mas, quanto ao meu aluno, permiti que não o deixei estudar nenhuma de vossas fábulas, até que me houverdes provado que é bom para ele aprender coisas de que não compreenderá nem um quarto, e que, naquelas que puder compreender, nunca se enganará e não imitará o malandro em lugar de se corrigir com o pateta (ROUSSEAU, 1999; 127).

Essa crítica seguia a tendência de se estabelecer hierarquia entre os gêneros literários. Nesta hierarquia, a fábula não ocupava unanimemente um lugar privilegiado, sendo mesmo considerada gênero de má reputação entre as “pessoas honestas”. Em uma de suas fábulas, oferecida ao Monsieur de Barillon, embaixador da Inglaterra, La Fontaine sugere o lugar de “literatura menor” ou mesmo de “temerária” ocupado pelas fábulas: As fábulas, no entanto, mantiveram seu prestígio entre os filósofos “moralistas” e educadores. *“No século XIX, conhecer as fábulas de cor e recitá-las fazia parte das atividades escolares na França que, além disso, assistiu à difusão em massa de fábulas nos manuais escolares”* (ALBANESE, 2003, apud. JINZENJI, 2008, p. 4).

As fábulas, presentes desde o mundo clássico, tomaram, no século XVII, principalmente com La Fontaine, o caráter de instrumento educativo, sendo indicadas tanto para os adultos quanto para as crianças, vindo a ser posteriormente relacionadas a esse segundo público, *“seja pela simplicidade narrativa, seja pela exemplaridade dos casos morais, que as tornam idôneas também para a recepção infantil, ou assim se espera e se crê.”* (CAMBI, 1999; 314-315).

No Brasil, segundo Abreu (2003), o interesse pelos livros de fábulas também era grande em fins do século XVIII e início do século XIX. As Fábulas de La Fontaine, Fábulas de Esopo e as Fábulas de Fedro constavam entre os títulos bastante solicitados em requisições submetidas ao Desembargo do Paço no Rio de Janeiro.

Monteiro Lobato foi quem introduziu as fábulas levando em conta o nosso contexto. Em 1922, lançou a obra *Fábulas*, dirigida especialmente para o público infantil.

Não podemos esquecer também de Millôr Fernandes e suas *Fábulas Fabulosas*, lançadas nos anos 70, que fizeram e continuam fazendo grande sucesso. Usando um tom humorístico e seguindo o estilo esopo-fedriano de organização do texto:

Millôr transforma e subverte o conteúdo, usando um tom humorístico e satírico ao abordar temas da atualidade, como capitalismo, ditadura, democracia, etc. Tudo isto exige do leitor uma certa bagagem cultural para que possa interpretar devidamente as suas fábulas” (SOUZA, 2004, p. 38).

Ainda mais recentes que as de Millôr são as fábulas de escritores como Rubem Alves e José Paulo Paes. Jô Soares também usa a fábula em alguns de seus textos recentes.

2.2 Monteiro Lobato - Fabulista

No início do século passado, Monteiro Lobato buscou resgatar o patrimônio cultural que é a leitura. Segundo Lajolo (1991), a partir da década de 20 intensificou-se a produção de livros e leitura, sendo Lobato o grande expoente desse período. Escrevia para crianças, numa linguagem de criança.

A moda de dona Benta era boa. Lia diferente dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo, ‘lume’, lia ‘fogo’; onde estava ‘lareira’ lia ‘varanda’. E sempre que dava com um ‘botou-o’ ou ‘comeu-o’ lia ‘botou ele’, ‘comeu ele’ e ficava o dobro mais interessante. (LOBATO, 2005, p. 106)

Sendo Lobato o “divisor de águas” da literatura infantil brasileira, é importante destacar a inserção do gênero fábula dentro do perfil didático da literatura produzida no Brasil nas décadas iniciais do século XX. Nesta época havia uma forte preocupação com a transmissão de valores morais que estivessem de acordo com os interesses da burguesia agrária dominante. Os textos não atraíam o leitor infantil por serem desinteressantes. A vontade de Lobato em escrever para crianças vem

justamente pela constatação desta carência: a falta de textos que despertassem o prazer da leitura entre as crianças.

Dói-me ter filhos, Rangel. Como educá-los, nesta terra? Em que princípios? Que moral ensinar-lhes? Nossa ascensão como povo é ladeira abaixo... (LOBATO, 1946, p.165)

Dentro das produções literárias de sua época, Lobato não consegue encontrar nada para a iniciação literária de seus filhos. Diante disso, resolve observar o comportamento das crianças e tentar descobrir-lhes algumas preferências na área de literatura. Desta observação é que lhe surge a ideia de escrever fábulas.

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para criança. Veio-me, diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que prosseguimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa...Com o tenho um jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. [...] (LOBATO, 1972, P. 245-6, CARTA ESCRITA A Godofredo Rangel em 08/09/1916)

Essa idéia de escrever uma obra infantil surgiu em 1912, mas em 1916 Lobato amadureceu a ideia com o projeto de escrever fábulas para crianças. Neste projeto, explicitou a ideia de valorização do gosto da criança, da imaginação e a valorização da nacionalidade.

Segundo Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1993), entre os anos 1890 e 1920 as obras publicadas para crianças tinham um forte perfil didático e muitas vezes eram escritas em conformidade com o calendário letivo e com os conteúdos curriculares. A imagem do país era transmitida sempre como perfeita e a linguagem era artificial. Havia uma grande preocupação com modelos de língua, de país e, por consequência, de indivíduo. Sobre este modelo, Lobato faz a seguinte crítica:

O menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força, os horrorosos livros de literaturas didáticas que os industriais do gênero impingem nos governos. Coisas soporíferas, leituras cívicas, fastidiosas patriotices. [...] / A pátria pedagógica, as coisas da pátria

pedagogizada, a ininterrupta amolação duma pátria de fancaria empedagogada em estilo melodramático, e embutida a martelo num cérebro pueril que sonha acordado e, fundamento imaginativo, só pede ficção, contos de fada, história de anõezinhos maravilhosos, “mil e uma noites”, em suma, apenas consegue uma coisa: fazer considerar a abstração “pátria” como um castigo da pior espécie. (LOBATO, 1969, apud ZILBERMAN; LAJOLO, 1993, p. 290)

Por essas palavras, podemos concluir que o fato dele rejeitar aquele modelo fez com que sua obra fosse exatamente o oposto de tudo o que existia até então. *“Diante de um modelo autoritário de literatura infantil, Lobato produzirá, mais tarde, uma literatura profundamente emancipadora”*. (ZILBERMAN, 1993. p. 230)

Segundo Lobato, os textos escritos para crianças só serviam para afastar o leitor, devido à falta de uma identidade recíproca. Comenta, também, que as crianças ouvem as fábulas e não prestam atenção à moralidade, no entanto isso não significa que ela não seja aproveitada. Ela *“nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que prosseguimos em compreensão”*, comenta. (LOBATO, 1972, p.245) Podemos assim concluir que a literatura infantil de Lobato possuía uma intenção de ensinar, mas seu fim primeiro era a diversão e a exploração da imaginação. Em tempo oportuno, os ensinamentos seriam digeridos.

Enquanto amadurecia o projeto de escrever fábulas, Lobato escreveu *A menina do narizinho arrebitado*, em 1920, e *Fábulas de Narizinho*, em 1922. No ano seguinte, 1922, fez uma revisão ou ampliação da obra que recebeu o nome de *Fábulas*. Nesta obra, preocupa-se com todas as características pertinentes ao gênero, mas *“a absorção do ensinamento presente, nesse caso, ficaria a critério da criança que poderia divertir-se e aprender ao mesmo tempo, como queria Lobato. Além disso, observamos que ele inova também a forma de narrar”* (SOUZA, 2004, p.148)

Lobato define Fábulas da seguinte maneira:

As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio delas a moral, que não é outra coisa que a sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. / Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece, com esses elementos pequeninas tragédias donde ressurgem a “moralidade”, isto é, a lição de vida. / O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão. (LOBATO, apud ALVES, 1929, p. 448)

O que pretendia era que o perfil didático das fábulas fizesse com que a absorção de ensinamentos presentes nelas se desse ao mesmo tempo que a diversão. E ele conseguiu...

2.3 As Fábulas em *Reinações de Narizinho*

Como já vimos, Esopo, Fedro e La Fontaine são os principais expoentes da tradição fabular ocidental. Cada um produziu suas fábulas em épocas e países distintos. Loide Nascimento de Souza (2004) diz que Esopo, no século VI a.C., escreveu suas fábulas na Grécia; Fedro, no século I d.C., introduziu o gênero fábulas na literatura romana e La Fontaine produziu suas fábulas na França, a partir da segunda metade do século XVII. A autora destaca ainda que:

nesta ordem, o fabulista subsequente, embora construindo o seu próprio estilo, estabelece um verdadeiro diálogo com os textos do fabulista anterior e reescreve muitos de seus textos. Assim, o texto de Fedro dialoga com o de Esopo e o de La Fontaine dialoga com os dois primeiros. (SOUZA, 2004, p. 150)

Também já comentamos sobre a ideia de Monteiro Lobato de escrever para crianças e sobre o encantamento de seus filhos diante das fábulas contadas por sua mulher Purezinha. No momento da elaboração do projeto, que só seria concretizado anos mais tarde, Monteiro Lobato cita o nome de Esopo, o mais antigo da tradição fabular. No entanto, é a La Fontaine que Lobato passa a dar mais ênfase. Na versão revisada e ampliada da obra *Fábulas*, de 1922, Lobato reescreveu 74 fábulas, a grande maioria do fabulista francês.

Tive idéia do livrinho que vai para experiência do publico infantil escolar. Que em matéria de fabulística anda a nenhum. [...] Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos. (LOBATO, 1972, p. 290, carta escrita a Rangel em 1919)

Em 1931, voltando dos Estados Unidos, Lobato publicou *Reinações de Narizinho*, uma coletânea melhorada de histórias criadas em partes. “[...] livro para ler, não para ver, [...]. Estou gostando tanto que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel”. (LOBATO, 1972, p. 329, carta escrita a Godofredo Rangel, em outubro de 1931)

“As histórias elencadas por Lobato em **Reinações de Narizinho** têm como principal sentido a revivência, pelo leitor, dos problemas da condição humana e de como eles foram enfocados pelas diferentes formas de narrá-los [...]. O leitor ideal [...] seria conhecedor de todos esses relatos presentes no livro, podendo, dessa forma, participar, integralmente, da história porque seria capaz de estabelecer as pontes sugeridas por Lobato entre as narrativas”. (RIBEIRO, 2005, CD-ROM).

Ribeiro comenta ainda que, ao longo de todo o livro, Lobato utiliza como recurso intertextual o *dialogismo*, interagindo os personagens criados por ele com personagens dos contos de fada europeus de origem anônima.

Além de escrever livros que tratavam exclusivamente da temática fábulas, em *Reinações de Narizinho* Lobato dedica ao tema o capítulo *Pena de Papagaio*. Nele, La Fontaine e Esopo tornam-se personagens da história, interagem com o pessoal do *Sítio do Picapau Amarelo* e intervêm nas fábulas mudando seu final, castigando o personagem mau, comentando sobre os fatos ocorridos, entre outras mudanças.

Num trecho do capítulo *Pena de Papagaio*, em companhia de peninha (suposto *Peter Pan*), a turma do sítio viaja para o *País das Fábulas* e quando chega ao maravilhoso lugar encontra, logo de cara, nada mais nada menos que o Senhor de La Fontaine:

Nisto viram um homem de cabeleira encaracolada, vestido à moda dos franceses antigos. Usava fivelas nos sapatos, calções curtos e jaqueta de cintura. Na cabeça trazia chapéu de três pontas, e renda branca no pescoço e nos punhos. Apoiava-se em comprida bengala e vinha caminhando pausadamente, como quem está pensando. [...] Aquele homem é o senhor de La Fontaine, um francês muito sábio, que passa a vida nesta terra a observar a vida dos animais. (LOBATO, 2005, p.138)

No *País das Fábulas*, as crianças não só assistem ao vivo a várias fábulas, como acabam interferindo no desfecho de algumas. Chegando a este país, mal se recuperam da tontura que a viagem com o pó de pirlimpimpim lhes causou e, antes que possam vislumbrar a beleza do local, veem de imediato a figura do fabulista a observar e anotar. Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde e Peninha resolvem imitar o fabulista, escondendo-se em uma moita para observar o que se passava. As crianças presenciam a fábula *O Lobo e o Cordeiro*. Lobato dá um desfecho diferente para a fábula. Quando o Lobo ia abocanhar o Cordeiro,

[...] o senhor de La Fontaine pulou da moita e lhe pregou uma bengalada no focinho. / Mestre lobo não esperava por aquilo. Meteu o rabo entre as pernas e sumiu-se pela floresta adentro. / Grande alegria na meninada. Emília correu a brincar com o carneirinho, enquanto os outros se dirigiam para o lado do senhor de La Fontaine. (LOBATO, 2005, p.139)

Na sequência, a turminha do sítio dirige-se a La Fontaine e conversa com ele. Emília é a que mais impressiona o fabulista, por sua espontaneidade e sinceridade. Chega a pedir-lhe que escreva uma fábula sobre uma boneca, um carneirinho e um tatu-canastra. O fabulista chegou a dizer que ela tinha “*uma estranha e viva personalidade*”, o que fez com que Narizinho a visse, dali por diante, com mais respeito.

A seguir, presenciam a fábula *A Cigarra e a Formiga*, a qual Lobato intitula de *A Formiga Coroca*. Podemos, com essa reescrita, perceber a crítica que Lobato faz à sociedade retrograda e caduca que não valoriza a arte como trabalho.

Começa com um elogio às cigarras:

Ao aproximar-se da árvore o Senhor de La Fontaine parou. / - Gosto do canto das cigarras - disse ele. - Dá-me idéia de bom tempo, sol quente, verão. Este inseto é um pouco boêmio como em geral todos os cantores. (LOBATO, 2005, p.140)

Comenta sobre as formigas:

[...] a formiga, que é outro inseto muito curioso, símbolo do trabalho incessante. [...] Não param nunca, sempre ocupadas nos trabalhos caseiros - prosseguiu.[...] São insetos de alta inteligência. A muitos respeitos a formiga está mais adiantada que nós, homens. Há mais ordem e governo na sociedade delas. São mais felizes. (LOBATO, 2005, p.140)

Na figura da formiga que recebe a cigarra, Lobato faz uma crítica à burguesia da época que dita o que é certo e o que é errado.

A cigarra bateu e ficou esperando, toda encolhida. Instantes depois apareceu uma formiga coroca, sem dentes, com ares de ter mais de mil anos. Era a porteira da casa e rabugenta como ela só. [...] Ah, ela não imaginava o que era o coração duma formiga coroca de mais de mil anos! [...] Cantou enquanto era moça e sadia? Pois dance agora que está velha e doente, sua vagabunda! (LOBATO, 2005, p.141)

Lobato usa a Emília, como em tantas outras vezes, para fazer o que acha correto, sem pensar no que os outros iriam dizer. Desde o encontro com La Fontaine, Emília conversa com ele de igual para igual, sem considerá-lo mais

importante que ela, apesar de Narizinho tentar o tempo todo recriminá-la. Chega a chamar o fabulista de *pobre e bobo* e ainda dá *risadas caçoístas*. No final da fábula, quando a cigarra ia morrer, Emília interrompe:

- Não morra, boba! Não dê esse gosto para aquela malvada. Está com fome? Vou já trazer um montinho de folhas. Está com frio? Vou já acender uma fogueirinha. Em vez de morrer, feito uma idiota, ajude-me a preparar uma boa forra contra a formiga. E continuou: Veio a formiga espiar quem era. Dando com a mesma cigarra, disse-lhe um grande desaforo e já lhe ia batendo com a porta no nariz outra vez, quando Emília a agarrou pela perna seca e a puxou para fora./ - Chegou tua vez, malvada! Há mil anos que a senhora me anda a dar com essa porcaria de porta no focinho das cigarras, mas chegou o dia da vingança. Quem vai levar porta no nariz és tu, sua cara de coruja seca!/ E, voltando-se para a cigarra:/ - Amor com amor se paga. Eu seguro a bruxa e você malha com a porta no nariz dela. Vamos!/A cigarra cumpriu a ordem, e tantas portadas arrumou no nariz da formiga, que a pobre acabou pedindo socorro ao senhor de La Fontaine, seu conhecido de longo tempo. (LOBATO, 2005, p. 141)

A sociedade que Lobato quer criticar com essa passagem, no início do século passado, é a mesma que persiste até hoje em menor número, mas não menos impactante para o crescimento de nossa sociedade. Estou falando de grupos da sociedade brasileira e, em especial, das cidades do interior, como é o caso de Rio Claro, SP. Pessoas que insistem em não deixar que a cidade cresça, que não permitem que o novo se estabeleça na cidade, que veem estudantes como arruaceiros, artistas como vagabundos e professores como incapazes, burros e mal casados. Para eles: “*Eu seguro a bruxa e você malha com a porta no nariz...*”

No capítulo *Pena de Papagaio*, Lobato também rende homenagem ao fabulista grego Esopo, que é trazido até o grupo por peninha. Esopo também se impressiona com Emília, que novamente o trata de igual para igual. Neste trecho, Narizinho tenta justificar as atitudes de Emília, mas Esopo diz que os sábios também dizem tolices o tempo todo:

Emília fala muito bem - explicou Narizinho. - Pena é que diga tanta tolice. O grego sorriu com malícia. / - Nós, sábios, também não fazemos outra coisa - disse ele. - Mas como dizemos nossas tolices com arte, o mundo se ilude e as julga alta sabedoria. Vamos, bonequinha, diga uma tolice para o velho Esopo ver. / Emília desapontou e, torcendo a ponta do seu lencinho de chita, respondeu com muito propósito: / - Assim de encomenda, não sei... / Os dois fabulistas trocaram um olhar de inteligência, como quem diz: ‘Vê?’. (LOBATO, 2005, p. 143)

Na sequência, a turma despede-se dos fabulistas e continua à procura das fábulas. Passam rapidamente pela fábula *A Raposa e o Corvo* e seguem à procura da *Menina do Leite*. A turma espera pelo desfecho da fábula, quando Laura, distraída em imaginar tudo que compraria com o dinheiro do leite que em breve venderia, tropeça e vê seus sonhos correrem pela terra. No entanto, mais uma vez a turma interfere na fábula, interrompendo-a quando percebe que já havia passado da hora do pote cair. Emília chega a sugerir que a menina deixe que o Visconde faça as contas, mas a menina fazia as contas de cabeça. Quando Emília vê que já haviam se passado todos os pontos nos quais o pote caiu, não se contém e fala:

- Pare, senhorita, e derrube o pote de leite, se não a fábula fica sem pé nem cabeça! Laura deu uma gargalhada. / - Já se foi esse tempo, bonequinha! Isso me aconteceu uma vez, mas não acontece outra. Arranji esta lata de metal, que fecha hermeticamente, para substituir o pote quebrado. Agora posso sonhar quantos castelos quiser, sem receio de que o leite se derrame e meus sonhos acabem em desilusões. Adeus, meninada, adeus! / Foi um desapontamento geral. (LOBATO, 2005, p. 145)

A próxima fábula que as crianças presenciam é *Os animais e a peste*. Tudo transcorre como na fábula original até que, enfim, uma enorme pedra cai do teto da caverna no alto da cabeça do tigre-carrasco:

Fora obra do Peninha./ - Bravos! - exclamaram os meninos. - Isso é que se chama boa pontaria. / - Fugamos enquanto é tempo - gritou Peninha. - O leão já nos farejou aqui e está lambendo os beiços. / Não foi preciso mais. Os meninos botaram-se pela montanha abaixo.[...] Na corrida Peninha cruzou com o burro, que também ia fugindo, e pulou-lhe no lombo. (LOBATO, 2005, p. 148)

Este mesmo burro se tornará personagem fixa do sítio, conhecido como *O Burro Falante*.

Na próxima fábula – *Prisioneiros*, Lobato faz uma verdadeira caricatura de Luís XVI e sua corte, os quais fazem parte do contexto histórico de produção literária de La Fontaine. Enquanto o segundo retrata o monarca por animais como o leão, o galo e o lobo, para o primeiro será o macaco-rei, “*Sua Majestade Simão XIV, que os cortesãos chamavam o Rei-Sol, porque quando Simão aparecia todas as caras se iluminavam de sorrisos*” (LOBATO, 2005, p. 148). Outra semelhança entre os dois escritores é a crítica ao comportamento da corte do monarca francês, onde a hipocrisia era a regra geral. Mais uma vez, Lobato rende uma homenagem a La Fontaine e aproveita para criticar, de uma forma indireta, o comportamento da

nobreza em geral, inclusive a brasileira, que desde os anos de 1500 copia os moldes europeus. Através da voz de Pedrinho, Lobato faz sua crítica ao Rei-Sol, Luiz XIV, e seu memorável Palácio de Versalhes:

- O que acho deste reino ? Não acho coisa nenhuma. Não é reino nenhum. Não vejo rei nenhum. Vejo um macacão, como todos os outros, trepado num galho que ele supõe ser trono. As damas da corte? Macacas. Simples macacas, como todas as macacas do mundo. Tudo macaco! Isto não passa dum grande macacal como os que há em todas as florestas...(LOBATO, 2005, p. 149)

Como vimos, La Fontaine é a principal referência de Monteiro Lobato na reescritura e renovação das fábulas. Embora Esopo também faça parte dos diálogos com as crianças, fica claro, sem dúvida nenhuma, que Lobato deixa um espaço bem maior para a participação de La Fontaine e suas fábulas.

CAPÍTULO III – A PRÁTICA FUNDAMENTADA NA TEORIA – UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA.

3.1 Lendo *Reinações de Narizinho*

A ideia de Lobato de escrever para crianças possuía, num primeiro momento, um caráter didático e voltado às escolas. O livro *A menina do narizinho arrebitado* tinha como subtítulo: *Segundo livro de leitura para uso das escolas primárias*. No entanto, misturando fantasia e realidade, conseguiu mexer com o imaginário dos leitores.

[...] Quando Lobato sentiu vontade de criar uma história maior, escreveu *A Menina do narizinho arrebitado*, livro ilustrado por Voltolino e publicado em 1921. [...] o doutor Washington Luis, então governador de São Paulo, tendo ido um dia visitar as escolas, notou que em todas as bibliotecas havia um livro bem gasto, já bem acabado: era *A menina do narizinho arrebitado* [...]. pensou que aquele livro devia ser muito querido pelas crianças, e resolveu mandar comprar novos exemplares para todas as escolas de São Paulo (SANDRONI, p.63 – 66, 2002)

Motivada pelo fato de *Reinações de Narizinho* ser um dos livros mais representativos da produção infantil do referido autor, escolhi-o para iniciar o trabalho que aqui passo a descrever:

No terceiro dia de aula, esperei que as crianças entrassem e se colocassem em seus lugares. Abri o livro e, sem explicar nada, comecei a ler. A maioria da classe ficou em silêncio. Algumas crianças começaram a perguntar: “*É para fazer cabeçalho professora?*”; “*Que caderno que é?*”. Sem responder, continuei lendo e ouvindo o murmúrio de algumas crianças e o “*Psiu!*” de outras. Aqueles mais agitados acabaram, aos poucos, silenciando.

I - Narizinho

Numa casinha branca, lá no sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas - Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem.

Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.

Na casa ainda existem duas pessoas - tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira.

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as "tias Nastácias do rio".

Todas as tardes Lúcia toma a boneca e vai passear à beira d'água, onde se senta na raiz dum velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris.

Não há peixe do rio que a não conheça; assim que ela aparece, todos acodem numa grande fome. Os mais miúdos chegam pertinho; os graúdos parece que desconfiam da boneca, pois ficam resabiados, a espiar de longe. E nesse divertimento leva a menina horas, até que tia Nastácia apareça no portão do pomar e grite na sua voz sossegada:

- Narizinho, vovó está chamando!... (LOBATO, 2005, p.7)

Ao término da leitura, pedi que as crianças fizessem um desenho sobre o que haviam acabado de ouvir. Distribuí as folhas e cada criança começou o seu desenho. Embora o seriado criado pela Rede Globo em 2001 já não tivesse mais sendo veiculado, percebi que as crianças ficaram muito presas ao modelo das personagens criadas para o programa e aos produtos que vieram com ele (capas de caderno, brinquedos etc). Chamei a classe para uma discussão. "Gostaria que vocês procurassem se esquecer daquele 'Sítio' que viram na televisão e que imaginassem as personagens de acordo com sua imaginação e também de acordo com o que o livro descreve. Aquelas personagens que vocês estão acostumados a ver fazem parte da imaginação da pessoa que criou o figurino para o programa ou então da pessoa que ilustrou o livro. Vocês podem imaginar como quiserem as personagens". Num primeiro momento foi um exercício bastante difícil. Com o passar do tempo e com as leituras futuras, as crianças começaram a se soltar e as palavras lidas tornaram parte da imaginação de cada um. Sendo meu objetivo trabalhar com releitura, nada mais apropriado que eu começasse o trabalho com a releitura das personagens da história.

Desenho feito, veio a vontade das crianças de discutirem sobre a leitura que tinham acabado de ouvir. O que mais surpreendeu as crianças foi a descrição de Narizinho: *“Ela tem sete anos é morena como jambo e gosta muito de pipoca...”*. *“O que é Jambo?”*. *“É uma cor de pele, minha mãe falou que eu sou Jambo”*. *“Então é a mesma coisa que morena!”*. *“Não é não, eu vi que ela (Narizinho) é bem branquinha, lá no DVD que minha prima tem”*. *“Mas a ‘Sora’ disse que não é para lembrar daquela Narizinho e sim da que está na sua imaginação”*. Procuramos no dicionário o significado da palavra ‘jambo’ e tivemos o seguinte resultado: *jambo – s.m. 1 fruto doce, arredondado, de casca fina, de cor que varia da rosa ao vermelho. adj. 2 Cuja cor lembra a desse fruto; bem moreno: A maquiagem jambo do artista tentava caracterizar um tipo acaboclado.”* (CEGALLA, 2008, p. 519). Uma criança comentou: *“Eu achei que a Sara se parecesse com a Narizinho, mas é a Nataly que parece...”*

A imaginação de alguns deles ainda estava impregnada da imposição dos Meios de Comunicação, mas com os exercícios realizados durante toda a execução do projeto isso mudaria consideravelmente.

Durante todo o ano, líamos um capítulo do livro de cada vez e realizávamos atividades em torno do que havia sido lido. Embora tenha trabalhado com inúmeras atividades em diversas áreas do conhecimento, durante a leitura do livro procurei me ater às atividades relacionadas à reescrita de fábulas. No entanto, foi importante realizar algumas atividades fora do contexto fábulas, por fazerem parte de um processo que mudaria bastante o resultado das atividades futuras, e que se não tivessem ocorrido anteriormente, provavelmente o trabalho final teria um resultado diferente.

Para aprender a escrever é necessário que o aluno tenha acesso à diversidade de gêneros, textos bem escritos, de preferência de autores renomados, a fim de que, analisando os recursos que os mesmos utilizam, possa aprender com eles e apropriar-se desse repertório. O trabalho com Monteiro Lobato é apenas um desses recursos. No entanto, é tão rico em sua essência que daria para trabalhar meses, e por que não anos, com apenas uma obra do referido autor. Dela e da sua intertextualidade surgiriam outros textos e autores com seus estilos diferenciados, com sua forma de interpretar uma mesma realidade.

A leitura, então, foi nos revelando feitos, a presença de personagens trazidos de muitas das histórias clássicas que povoam o imaginário popular e o universo infantil, participando de aventuras outras com os personagens do sítio, os questionamentos propostos, referentes à cristalização dos relatos sempre iguais, a inovação presente, sem contudo desvincular-se, totalmente, dos modelos trazidos por outras culturas. (RIBEIRO, 2000, p.162)

3.2 A biografia de Monteiro Lobato

Dentre os trabalhos propostos por mim em sala de aula, pedi à classe que fizesse uma pesquisa sobre Monteiro Lobato. Poderia ser retirada de livros ou *internet*, poderiam trazer gravuras, fotos, textos impressos, gravados, isto é, tudo o que encontrassem sobre o assunto.

No dia seguinte, apenas algumas crianças trouxeram o material proposto. Dividi a classe em grupo e pedi que as crianças que haviam trazido o material compartilhassem com os colegas o que tinham em mãos.

A atividade consistia em ler o material que possuíamos e, a partir dele, escrever uma biografia de Monteiro Lobato. As crianças já haviam aprendido, em atividade anterior, em que consistia uma biografia e até já haviam feito sua autobiografia.

Ao observar a atividade, percebi que, geralmente, uma criança fazia o trabalho enquanto as outras brincavam ou conversavam. Pedi que todos participassem e que dividissem as tarefas para todos do grupo, sendo que cada criança seria responsável por uma atividade.

Senti-me um pouco desapontada e um tanto angustiada, pois as crianças faziam somente o que era de sua incumbência, sem interagir com os outros membros do grupo. Quem ficou responsável pela capa, foi e fez. A quem coube escrever, ficou copiando do material a página que lhe era destinada. Também houve quem não fez nada.

O trabalho em grupo, a meu ver, é uma prática que deve ser realizada desde a Educação Infantil, mas como dá muita “dor de cabeça” às professoras,

devido ao barulho e às brigas que eventualmente ocorrem, os professores evitam-na. Talvez por essa razão seja tão difícil para um adulto trabalhar em grupo.

Fiquei questionando minha prática pedagógica e tentando descobrir o que eu poderia fazer para melhorar a atividade. O sinal do recreio tocou e as crianças me ‘atropelaram’ para, enfim, fazer uma atividade que lhes dava prazer. Fui para casa sentindo uma frustração tremenda, com sentimento de impotência e até vontade de chorar. O que fazer para que as minhas crianças, que já estão na 4ª série, tivessem prazer em realizar as atividades de pesquisa? Passei a noite pensando e no outro dia ainda não tinha a resposta. O sinal bateu e eu pedi que as crianças voltassem à formação dos mesmos grupos do dia anterior e terminassem a atividade proposta.

Com o texto feito pelas crianças, sugeri que cada grupo fizesse uma nova leitura e, em seguida, a autocorreção de seus textos antes da apresentação para a classe. Como esta não era uma prática que as crianças vinham realizando em anos anteriores, alguns grupos tiveram dificuldade na autocorreção, o que gerou discussões e brigas entre os componentes do grupo por acharem que o colega estava criticando o que um fez ou mesmo a pessoa que escreveu se recusando em corrigir “*porque está bonito e vai ficar feio se passar corretivo*”. Observei, então, que um texto, para ser bem escrito, precisa passar por diversas correções até que esteja perfeito. Lembrei aos alunos que Monteiro Lobato, antes de fazer *Reinações de Narizinho*, havia escrito *A Menina do Nariz Arrebitado*, e lembrei a eles do texto comparativo entre as duas versões que havíamos lido em classe. Eles concordaram...

No dia da apresentação, as crianças trouxeram cartazes, mas pela falta de experiência nesse tipo de trabalho limitaram-se a ler o que haviam escrito. A apresentação foi cansativa e as crianças só prestavam atenção no próprio grupo. Ao final, fizemos uma avaliação sobre o trabalho. Percebi que as crianças entenderam que, apesar do belo trabalho feito por elas, faltou encontrarem uma maneira de passar aos outros o que haviam aprendido. Os textos ficaram sem coerência, pois copiavam partes dos textos que trouxeram (cópias de livros e *internet*) sem uma ligação entre as ideias. As crianças pediram se podiam fazer a atividade novamente e eu concordei...

Cada grupo queria achar uma curiosidade que o outro grupo não havia achado. Ansiosos, vinham contar no meu ouvido o que haviam descoberto sobre o autor, observando se alguém de outro grupo estava olhando: “*Não vem não... O “Sora”, ele tá querendo copiar...*”. Desta vez, precisei adiar a atividade de ciências, pois não dava para cortar tanta euforia e vontade de fazer uma atividade.

Eu mesma tive que me conter, pois quando sugeria alguma coisa: “*Procurem saber sobre o objeto que Monteiro Lobato tinha e o que estava escrito...*”. “*Shiiiiii... “Sora”, nós já colocamos no nosso trabalho. Não fala...*”. Fui obrigada a me calar e apenas observar.

No dia da apresentação, um grupo apresentou em forma de teatro as personagens do sítio que explicavam sobre a vida de Monteiro Lobato. Um grupo trouxe as personagens em fantoches feitos por uma mãe. O outro grupo vestiu um colega de “Lobato” e o mesmo contou a todos o que sabia sobre o escritor. Veja a seguir o texto criado por um dos grupos sem as devidas correções:

Texto 1: Biografia de Monteiro Lobato – grupo 1 (primeira versão)

José Renato Monteiro lobato nasceu em uma chácara de Taubaté, interior do estado de São Paulo zona rural do rio Paraíba em 18 de abril de 1882. Filho primogênito de José Bento Marcondes Lobato e de Olímpia Augusta Monteiro Lobato.

Quando pequeno foi apelidado por sua mãe de “Juca”. Foi criado na fazenda Santa Maria em Ribeirão das Almas nos arredores de Taubaté e também na sua residência de Taubaté

Monteiro Lobato foi alfabetizado pela mãe, e depois por um professor particular, e aos sete anos entrou em um colégio e aprendeu a ler livros, e já escrevia contos para os jornalzinhos para a escola que estudou.

Em 1893, foi transferido para o Colégio São João Evangelista. Recebeu de seu pai uma bengala como herança antecipada, que trazia gravada no costão as iniciais J.B.M.L., sendo assim, mudou seu nome de José Renato Monteiro Lobato para

José Bento Monteiro Lobato.

Lobato foi a São Paulo em 1896, para prestar exames das matérias estudadas em Taubaté mais foi reprovado e retornou para sua cidade natal.

Após retornar ao Colégio Paulista, fez suas primeiras incursões literárias como colaborador dos jornalzinhos: Pátria; H25 e O Guarany. Logo depois passou no curso preparatório em São Paulo.

Seu grande sonho era ir para a Faculdade de Belas Artes, mas acabou indo para a Faculdade do Largo São Francisco e se formou em direito.

Em 1905, inicia o namoro com Maria da Pureza Natividade, com quem se casou em 1908.

Monteiro Lobato, lançou A Menina do Nariz Arrebitado (1820), que só foi publicado em 1931 onze anos depois, também escreveu outros livros como: (O grupo enumerou uma lista com todos os livros publicados por Lobato de 1921 a 1948).

Em 1927, Monteiro Lobato foi nomeado adido comercial em Nova York, sendo assim se mudou para os Estados Unidos. Volta ao Brasil em 1931, e publica o livro, Reinações de Narizinho, que foi escrito em 1920, este livro foi o maior sucesso em obras infantis.

Monteiro Lobato foi preso em 1940, por enviar uma carta a Getúlio Vargas acusando a Companhia Nacional do Petróleo de agir contra o interesse do País, foi detido em São Paulo e condenado a seis meses de prisão.

Em 1945 o sucesso Reinações de Narizinho é traduzido e lançado na Itália com o título “Nasino”.

Em 1946 se muda para Buenos Aires, na Argentina, onde funda duas editoras. E retorna ao Brasil um ano depois.

O maior escritor da nossa literatura, Monteiro Lobato falece em São Paulo no dia 4/7/1948.

Texto 2: Biografia de Monteiro Lobato – grupo 1 (segunda versão)

José Bento Monteiro Lobato nasceu numa chácara de Taubaté, no interior do estado de São Paulo em 18 de abril de 1882. Filho de José Bento Marcondes Lobato e de Olímpia Augusta Monteiro Lobato.

Quando pequeno tinha o apelido de “Juca”. Foi criado na fazenda Santa Maria em Ribeirão das Almas, próximo de Taubaté e em sua casa em Taubaté

Monteiro Lobato foi alfabetizado e educado pela mãe, e depois por um professor particular.

Quando tinha sete anos entrou em uma escola e lá aprendeu a ler livros e começou escrever contos para os jornalzinhos para a escola.

Em 1893 mudou para a escola São João Evangelista. Neste mesmo ano recebe como herança antecipada de seu pai uma bengala que trazia as iniciais J.B.M.L., sendo assim, mudou seu nome de José Renato Monteiro Lobato para José Bento Monteiro Lobato.

Lobato foi a São Paulo em 1896, para fazer provas das matérias que estudou em Taubaté, mas não conseguiu e retornou para Taubaté.

Depois de voltar ao Colégio Paulista, fez seus primeiros textos para os jornalzinhos: Pátria; H25 e O Guarany. Logo depois passou no curso de São Paulo.

Seu sonho era ir para a Faculdade de Belas Artes, mas foi para a Faculdade do Largo São Francisco e se formou em direito, mas quis ser escritor.

Em 1905, inicia o namoro com Maria da Pureza Natividade e com ela mesma se casa em 1908.

Monteiro Lobato lança seu primeiro livro “A Menina do Nariz Arrebitado” (1920). (O grupo novamente enumerou a lista com todos dos livros publicados por Lobato de 1921 a 1948, desta vez separaram os livros para crianças e os livros para adultos).

Em 1927, Monteiro lobato foi chamado para ser funcionário comercial Nova York, e por isso mudou-se para os Estados Unidos. Volta ao Brasil em 1931 e publica o livro “Reinações de Narizinho” que foi o maior sucesso dos livros infantis.

Monteiro Lobato foi preso em 1940, por acusar a Companhia Nacional do Petróleo de não fazer o interesse do país, foi condenado a seis meses de prisão.

Em 1945 o grande sucesso “Reinações de Narizinho” é lançado na Itália com o título “Nasino”.

Em 1946 muda-se para Buenos Aires, na Argentina, e lá funda duas editoras (fábrica de livros) e volta ao Brasil depois de um ano.

O grande escritor dos livros Brasileiros, Monteiro Lobato, falece em São Paulo no dia 4 de julho de 1948.

Percebam que, na primeira versão, o grupo se ateve a copiar um modelo. Na segunda versão, apesar de manter a maior parte do texto como o original, o grupo utilizou palavras do vocabulário próprio das crianças, trocou expressões formais por outras mais próximas do cotidiano delas, conseguiu corrigir boa parte da pontuação e ortografia empregadas erroneamente. Corrigiram a informação do lançamento do livro *A menibna do Nariz Arrebitado* de 1820 para 1820. Também explicou o significado da palavra editora com a frase entre parênteses “*fábrica de livros*”. Na segunda versão, o grupo utilizou-se com frequência do dicionário para entender as palavras ou expressões que não conhecia, coisa que não fez na primeira. No entanto, não conseguiu perceber que, na tentativa de resumir o assunto, algumas informações ficaram incorretas. O *Jornalzinho da escola* se chamava H2O e não H25. Na verdade, Lobato criou a Companhia Petróleo do Brasil e acusava o Conselho Nacional do Petróleo de ir contra os interesses do Brasil em prol dos interesses dos Estados Unidos, que vendiam-no para nosso país e “*o governo não queria briga com os americanos*”. (SANDRONI, 1997, p. 75)

Pedi que as crianças dobrassem folhas de sulfite ao meio e que escrevessem um “livro” contando a biografia de Lobato. Surgiram “livros” coloridos, com ilustrações caprichadas, índice, textos bem escritos, curiosidades sobre Lobato etc. Uma lembrança que guardarei por toda a vida.

Uma frase que não me sairá da cabeça foi a de uma criança que terminou o “livro” com a seguinte frase: “*Em 1948 Monteiro Lobato morreu deixando a marca da liberdade para as crianças.*” Pedi que a criança me falasse um pouco mais sobre a “liberdade” e ela me respondeu: “*Antes as crianças tinham que pensar como o adulto queria e agora elas podem imaginar, usar sua criatividade, entende?*”. Ler Monteiro Lobato nos remete, sim, a esta liberdade que a aluna se referiu. No

entanto, é preciso certo discernimento do professor que trabalha com suas obras. É comum a prática de distribuir folhas para as crianças em fase de alfabetização com os desenhos dos personagens prontos, geralmente aqueles criados para o programa de televisão, para que as crianças escrevam embaixo o nome dos personagens. Questiono se, desta forma, o professor estará mostrando para seus alunos a tal liberdade que minha aluna pôde encontrar. Não seria melhor contar a história, deixar que a criança desenhe o personagem como o imagina e escreva seu nome sobre ele?

Outro aluno, o mais franzino da classe, procurou contar as aventuras de Lobato na infância e deu um enfoque maior numa briga que o autor tivera na época de infância. *“Na escola Juca chegou perto do menino mais bravo, Juca catou ele por trás e subiu nas costas dele, rodou até bater na porta. Então ninguém mais provocava Juca”*. Acredito que o menino tenha se identificado com o autor que, como herói, fez o que talvez ele gostaria de fazer com os colegas que o importunavam por ser de aparência mais frágil que os outros.

A intimidade das crianças com Lobato aumentava cada vez mais, a ponto de até mesmo a professora começar a “viajar” com eles nas histórias do sítio e voltar a ser criança. Lobato passou a ser um bom amigo e os personagens do sítio coleguinhas de classe.

Comecei a introduzir na biblioteca de sala os livros de Monteiro Lobato. Apesar de grossos, eram disputadíssimos entre as crianças. Então sugeri que cada criança fizesse uma propaganda do livro que lera para que os colegas sentissem vontade de ler também. Veja os textos no ANEXO A.

Uma criança trouxe um cofrinho e a classe começou a trazer moedas para comprar os livros da coleção da editora Globo, que acabavam de ser editados. Uma criança descobriu que na livraria do Shopping Center Rio Claro estava sendo vendida uma edição especial de *Caçadas de Pedrinho* por um valor promocional de aniversário de 50 anos do lançamento da primeira edição. Duas crianças compraram exemplares da edição e com o dinheiro do “cofrinho” comprei mais dois. E assim fomos comprando durante o ano: *Aritmética da Emília*, *Viagens de Hans Staden*, *Histórias de Dona Benta*, entre outros, além do livro *Pinóquio* de Carlo Collodi, com tradução de Monteiro Lobato.

Todos queriam ser os primeiros a ler os livros novos, mas a curiosidade de alguns em saber sobre as aventuras do sítio não impedia que eles quisessem levar as edições antigas. Uma criança comentou: *“É melhor ler o livro ”velho”, porque não tem figura e assim eu posso imaginar como é o lugar. Eu acho que consigo ir para o mundo da fantasia. Com o livro “da Globo” eu não consigo porque fico vendo os desenhos e aí atrapalha”*. Não preciso dizer que achei fantástica as palavras deste aluno, pois já estava pensando em colocar para a classe tal questão, mas partindo de uma criança fez muito mais efeito. Após esse comentário, as crianças começaram a procurar mais os livros *“de capa azul”* (coleção mais antiga), que antes eram esquecidos, e hoje estão com as capas caindo de tanto serem manipulados, lidos, levados para casa.

Na atividade de pesquisa sobre Monteiro Lobato, as crianças descobriram que o autor se correspondia com as crianças leitoras, então começaram a escrever cartas para Lobato e entregarem para mim. Fiquei curiosa e perguntei o porquê de tal atitude. Uma criança respondeu: *“É porque você é amiga dele e pode entregar!”*. Outra criança questionou: *“Ele já morreu, espertinha!”*. A criança respondeu: *“Faz de conta, seu bobo!”*. O fato é que, lendo as cartinhas, percebi como as atividades estavam sendo prazerosas para eles e assim me sentia estimulada a continuar. Veja textos no ANEXO B.

A partir das leituras, surgiu uma vontade enorme na classe de conhecer o *Sítio do Picapau Amarelo*, em Taubaté. Pedimos à coordenação que viabilizasse o passeio ao sítio, mas a direção da escola não aprovou por não haver transporte disponível e ser uma viagem longa, que despenderia muitas horas de viagem para se chegar até lá. A classe se frustrou bastante.

E assim, o ano foi passando. Todos os dias eu lia um capítulo de *Reinações de Narizinho* e, a partir do texto lido, realizávamos as atividades de Língua Portuguesa: cartas, bilhetes, convites, narração, descrição, dissertação, exposições orais, textos científicos, contos (de fadas, de assombração), lendas, poemas, entrevistas, propaganda, quadrinhos, diário, cartazes, folhetos, teatro, relatórios, singular e plural, encontro consonantal e vocálico etc. Mas estes relatos deixo para, quem sabe, outro trabalho científico. Aqui devo me ater ao trabalho proposto no projeto, que são as fábulas.

No decorrer do ano, por motivos ligados à minha saúde, precisei me afastar da escola por algum tempo. Nesse período, pedi à professora que ficou com eles que continuasse a ler o livro e que, se possível, continuasse o meu projeto. No entanto, segundo relato das próprias crianças, a professora substituta leu somente um capítulo em um dia. O trabalho com *Reinações de Narizinho* ficou adormecido, mas muitas crianças continuaram a levar os livros de Monteiro Lobato para casa e a lê-los com entusiasmo. Algumas crianças protestaram: “*Nós só lemos um capítulo de nada, Sora!*”

Quando retornei ao trabalho, foi necessário pular um pedaço do livro para que o trabalho com as fábulas fosse concluído a tempo. Pretendo retornar a leitura no trecho que pulamos até o final do ano.

Como forma de ilustração, doravante citarei os primeiros e os últimos parágrafos dos trechos lidos pela classe.

Pena de Papagaio

I - A voz

A história de Peter Pan, que dona Benta contara aos meninos certo dia, tinha-os deixado de cabeça virada. Narizinho só pensava em Wendy; Pedrinho só pensava em Peter Pan, "o menino que nunca quis crescer".

[...]

Pedrinho ficou no mesmo lugar ainda algum tempo, pensando, pensando. Lembrou-se de que Peter Pan tinha aquela mesma mania de cantar como galo. Suas dúvidas voltaram. Seria Peter Pan? (LOBATO, 2005, p.132-135)

Foi proposto que as crianças desenhassem o mapa que o menino invisível entregou para Pedrinho. A classe ficou dividida. Uma parte ficou um pouco decepcionada por ter que desenhar e a outra gostou da ideia. Mesmo assim, quando a atividade iniciou a classe foi se contagiando com a empolgação de alguns alunos. A seguir, veremos alguns exemplos:

Figura 1 – Mapa do Mundo das Maravilhas 1.



O aluno colocou no mapa do Mundo das Maravilhas as coisas de que gosta. Podemos ver a Ilha do Melado, Ilha do Circo, País das Gosturas, Ilha do açúcar. Não se esqueceu, entretanto, dos lugares mencionados na história, como o Mar dos Piratas, o Sítio do Picapau Amarelo, o País das Fábulas e a Terra do Nunca, provavelmente pela citação a Peter Pan, além da Ilha das Fadas. Observe que o aluno colocou a rosa dos ventos no mapa, da mesma forma como aprendeu nas aulas de geografia.

Figura 2 – Mapa do Mundo das Maravilhas 2.



Se o Mundo das Maravilhas é o mesmo que o Mundo do Faz-de-conta, nada mais natural que colocar nele a Terra do Nunca, das 1001 noites, a gruta do Aladim, o castelo da Cinderela, a ilha de Robson Crusóe e também o Mar dos Piratas e o Sítio do Picapau Amarelo. O aluno não se esqueceu do Reino das Águas Claras, bem próximo ao Sítio. “As pessoas nadando são Narizinho, Emília e o Príncipe Escamado chegando próximo do portão do reino onde o guarda-sapo dorme” - revelou a criança recordando-se do capítulo *Uma Vez* (p.8). No país das Fábulas podemos ver o Lobo e o Cordeiro.

Figura 3 – Mapa do Mundo das Maravilhas 3.



Assim como os outros, o aluno não se esqueceu de desenhar a Terra do Nunca, o Sítio do Picapau Amarelo, o Mar dos Piratas, e completou com a ilha do Sherek, com o castelo, a torre e a floresta onde a personagem morava. Fez outras ilhas, mas não quis revelar a quais histórias pertenciam. Este aluno, apesar de estar na quarta série, possui muitas dificuldades na alfabetização e participa de diversos recursos disponíveis na rede para sanar sua dificuldade de leitura e escrita, e também de outras formas de comunicação. Embora não tenha problemas de audição ou fala, quase não se comunica. No entanto, adora desenhar e o faz muito bem. É uma das únicas atividades em que ele consegue expressar seus sentimentos, o que pensa sobre determinado assunto. Nas atividades de desenho sente-se seguro e feliz em realizá-las.

Figura 4 – Mapa do Mundo das Maravilhas 4.



A criança colocou o máximo de histórias infantis que conseguiu. Ilha do Pinóquio, Casa da Chapeuzinho Vermelho, João e o pé de feijão, casa de João e Maria, Floresta do Tarzan, Ilha do Gato de Botas, Ilha da torre de Rapunzel, oceano da Ariel. Colocou também, como os outros, o Sítio do Picapau Amarelo e o País das Fábulas. A ilha de Monteiro Lobato é cheia de livros. Estão presentes também a ilha dos irmãos Grimm e a cidade onde vive o Pedrinho.

Quanta criatividade as crianças são capazes de colocar no desenho! Da mesma forma, podem colocar em suas produções escritas. Elas só precisam perceber isso e cabe ao professor mostrar a elas.

No dia seguinte, lemos mais um capítulo:

III - A partida

Alta madrugada os meninos pularam da cama, vestiram-se, e, pé ante pé, dirigiram-se ao pomar sem que dona Benta percebesse coisa nenhuma. Emília foi atrás, muito tesinha, também na ponta dos pés. O Visconde, de canastra às costas, fechava o cortejo. Assim que abriram a porteira, ouviram um canto de galo do lado do pé de goiaba.

- Cocóricó!

[...]

- Estamos no País das Fábulas, também chamado Terra dos Animais Falantes - explicou Peninha. - Vamos começar aqui a nossa viagem pelo Mundo das Maravilhas. (LOBATO, 2005, p.135-137)

Novamente propus que as crianças fizessem um desenho sobre o que havíamos acabado de ler e o resultado foi surpreendente. Gostaria de falar agora sobre a característica da classe no início do ano. Ao fazer uma sondagem de início do ano, percebi que a classe, no geral, não gostava de desenhar. Seus desenhos eram pobres de detalhes e poucas crianças coloriam seus desenhos. Quando pedi para que fizessem um desenho com o tema livre, algumas crianças não gostaram e fizeram caras de desaprovação. Muitos fizeram a típica casinha com um(a) menino(a) ao lado, uma árvore, nuvens e o sol. Lembrei-me de quando tinha a idade deles e que desenhar era o que meus colegas e eu mais gostávamos de fazer. Queríamos ter a caixa de 48 cores de lápis de cor e, na certa, queríamos usar todas as cores. Cadernos velhos e até tocos de lápis eram usados. Fico pensando por que as crianças de hoje perdem tão cedo a vontade de desenhar. Serão as facilidades de acesso aos meios de comunicação que entregam tudo pronto? Será culpa dos professores, que não usam o desenho como forma de estimular a imaginação? Não cabe, nesse momento, buscar culpados, mas que essa prática deve ser estimulada no dia-a-dia da sala de aula não resta dúvida.

Vejamos exemplos dos desenhos dos alunos:

Figura 5 – Desenho do País das Fábulas 1.



A criança utilizou-se de diversos materiais para a confecção do desenho (caneta hidrocor, lápis de cor, lápis de escrever, cola e lantejoulas). Ficou muito contente em poder enfeitar seu desenho com o que quisesse e disse que colaria algodão no carneirinho se sua mãe deixasse trazer este material para a escola.

Figura 6 – Desenho do País das Fábulas 2.



As crianças prestaram tanto atenção na leitura do capítulo que a maioria da classe desenhou “um rio de águas cristalinas corria por um vale de veludo verde. Na beira do rio, um carneirinho branco preparava-se para beber. Ao fundo, alta montanha azul erguia-se majestosa, e entre o rio e a montanha era a floresta” (LOBATO, 2005, p. 137). Na releitura desta criança sobre a cena, notam-se livros dando em árvore, coisas que só poderiam acontecer num mundo tão maravilhoso como o da imaginação de uma criança.

Figura 7 – Desenho do País das Fábulas 3.



A mesma observação faço em relação a este desenho, cuja imagem ficou tal e qual o local descrito por Lobato. E ele faz isso em todas as suas obras. Enquanto lemos, conseguimos visualizar com detalhes o que está escrito. Por esta razão, a realidade se confunde com a fantasia e realmente parece que estamos dentro do livro. Lobato já comentava que queria escrever livros que as crianças morassem dentro. Qualquer pessoa, independente da idade, consegue “morar” dentro dos livros de Monteiro Lobato.

Embora tenha procurado alguma coisa teórica sobre a importância do registro na forma de desenho, não encontrei nada voltado para a idade de meus alunos. Tudo o que encontrei tratava da importância do desenho para a fase da Educação Infantil. Deve ser por essa razão que ele vá tomando, cada vez menos, espaço dentro da sala de aula. Nos anos em que venho exercendo o magistério, tenho procurado sempre usar o desenho como forma de despertar a criatividade. Oriento meus alunos a primeiro imaginarem uma cena e depois desenhá-la da forma como imaginaram. Esta prática estimula a criatividade de tal maneira que as crianças passam a ter mais ideias para escrever. Juntando a prática do desenho com a leitura de diversos portadores de textos e, é claro, utilizando *Reinações de Narizinho* como estímulo à leitura e escrita de novos textos, tenho alcançado ótimos resultados. Tanto que, em 2008, meus alunos ganharam o segundo e o terceiro lugares em um concurso sobre o imaginário de Monteiro Lobato; o primeiro lugar ficou para um aluno do sexto ano de uma escola particular.

3.3 Os Fabulistas Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato

Chegado o momento de fazer o trabalho sobre **Fábulas, Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato Fabulista**, seguimos os mesmos moldes do trabalho anterior sobre Monteiro Lobato. No entanto, como a classe já havia passado pela experiência anterior, estava mais segura do que iria fazer. As crianças sabiam que primeiro fariam um rascunho antes do trabalho final.

No dia seguinte, veio a surpresa. As crianças trouxeram muita coisa. Aquelas que não haviam trazido, por diversos motivos, vieram tirar dúvidas, queriam participar. Uma mãe veio me questionar o porquê de eu pedir uma pesquisa com nome de estrangeiros que nem ela conhecia. Expliquei a mãe que se tratava de uma pesquisa sobre fábulas e disse que ao final do trabalho a sua filha lhe explicaria quem eram os tais “estrangeiros”. A mãe entendeu e a filha ficou orgulhosa em poder ensinar a mãe.

Com todo o material em mãos, dividi a classe em grupos e pedi que cada grupo fizesse a leitura do material que trouxera e que cada aluno fizesse um texto

com o que julgasse mais importante. Ao final, todos iriam apresentar para classe o que encontraram.

Para minha surpresa, os grupos se empenharam em fazer cartazes com ilustrações e tudo. Um grupo achou uma ilustração que seria a foto de Esopo. A discussão então começou. Sugeriu que eles vissem as características relacionadas a Esopo nos textos trazidos por eles. Uma criança disse que só poderia ser ele, pois o homem da ilustração usava uma roupa que parecia de grego. Outra criança disse que era roupa de padre, então não era Esopo. A primeira criança disse que ele era Filósofo e que filósofo usava esse tipo de vestimenta. Uma terceira criança disse que ele também foi escravo e poderia ser os trapos que escravos usavam naquela época. Como havíamos assistido ao filme *1492 – A conquista do Paraíso*, para ilustrar a aula de história sobre as grandes navegações e Cristovão Colombo, a segunda criança lembrou-se dos padres escribas que aparecem no filme e concluiu que seria um padre que estava escrevendo as histórias que o Esopo contava. Ao final, não chegaram a um consenso, mas se prontificaram a pesquisar.

No dia seguinte, foi impossível dar a aula de matemática que eu havia programado. Tive que ceder o espaço para que continuassem o trabalho em grupo sobre os fabulistas. E assim foi durante todo o período. O grupo que trouxe a ilustração de Esopo chegou à conclusão de que aquela era a visão que o pintor Diego Velázquez tivera de Esopo. “*Ele pintou como achava que Esopo era*”, concluiu uma criança. Este mesmo grupo trouxe a foto do busto de Esopo que se encontra no Museu Pushkin. Discutiram também o fato dele ser bem diferente da pintura e da descrição da pesquisa que fizeram.

A apresentação foi bastante divertida, uma criança veio vestida de La Fontaine e outra de Esopo para apresentarem as personagens. O outro grupo trouxe a turma do sítio e a Emília interrompia os outros personagens para explicar sobre os fabulistas. Numa versão original das personagens, ao final todos do grupo deram uma “surra” na Emília, até mesmo o Visconde. A classe riu bastante. O grupo que questionou as fotos de Esopo, durante a elaboração do trabalho, trouxe o problema para a classe e mostrou as fotos para todos. Então, como a escola tem acesso à *internet* via wireless e eu havia trazido, por coincidência, meu computador, fizemos uma pesquisa sobre as fotos, o pintor e o museu citados. As crianças ficaram

encantadas com o tamanho do museu. Uma aluna trouxe a foto do túmulo de La Fontaine que a irmã tirou quando esteve na França. A aula foi bastante proveitosa.

Retomamos a pesquisa que as crianças haviam feito sobre Esopo e La Fontaine. A classe leu suas pesquisas (as dos grupos) e em seguida sugeri que fizéssemos uma versão coletiva. As crianças participaram muito, deram opiniões e pediram para trocar frases ou palavras: “Assim fica melhor...”

Texto 3: Texto coletivo sobre Fábulas e os Fabulistas.

Fábulas

São pequenas histórias onde as personagens são, geralmente, animais que representam humanos, como o egoísta, o ingênuo, o espertalhão, o vaidoso, o mentiroso, etc. Geralmente o leão é o rei; o tigre e o macaco são “puxa-sacos”; o burro, a cabra, o carneiro são o povo; a coruja simboliza os sábios.

A fábula se divide em duas partes:

1ª parte: a história (o que aconteceu)

2ª parte: a moral (o significado da história)

Sua origem é muito antiga. Muito antes de Cristo nascer, o Grego Esopo já era famoso por contar histórias para mostrar o que era certo e o que era errado

Os Fabulistas

Esopo

Viveu na Grécia, lá pelo século VI antes de Cristo. Dizem que era corcunda, gago e muito sábio. Foi vendido como escravo para um filósofo que o libertou. Contava histórias simples e divertidas, com animais falantes como personagens. Suas histórias traziam lições que ensinavam o certo e o errado (moral).

La Fontaine

Jean de La Fontaine era um Francês que estudou direito, mas não seguiu a profissão. Escreveu diversos tipos de texto como poemas e contos. Mas por ser muito “nervoso”, brigou com a igreja e com o rei Luiz XIV.

Seguindo o estilo de Esopo, escrevia fábulas em forma de poemas e assim podia “falar mal” da sociedade (igreja e nobreza), dos seus problemas e das diferenças sociais.

Foi considerado o “poeta da França” porque misturava poemas e fábulas de uma forma divertida e engraçada. Fã de Esopo, reescreveu suas fábulas e inventou outras.

3.4 As fábulas

O trabalho de reescrita das fábulas apresentadas no livro *Reinações de Narizinho* iniciou-se com a leitura do capítulo *O Senhor de La Fontaine*. Não falei nada sobre a intenção da reescrita para evitar causar ansiedade nas crianças, pois teriam que escrever depois da leitura. Lemos o capítulo e o mais importante naquele momento era que eles conseguissem imaginar o que estava sendo lido.

A seguir, apresentarei as reescritas das crianças. Note que as fábulas estão digitadas sem correção para que possamos fazer uma análise mais detalhada dos textos. A atividade da escolha do pseudônimo não foi bem sucedida. As crianças esqueciam seu pseudônimo, trocavam constantemente o mesmo ou colocavam o nome verdadeiro no texto. Para evitar constrangimentos, optei por não colocar o nome das crianças. Os textos aqui apresentados também foram escolhidos de forma aleatória.

3.4.1 O Lobo e o Cordeiro

Seguimos com a leitura e o capítulo a seguir foi lido com a participação de um narrador e cada personagem envolvido. Ao final da leitura dividimos a classe em grupo e apresentamos o trecho do livro em forma de teatro. Cada grupo se empenhou para apresentar da melhor forma.

IV - O Senhor de La Fontaine

- Que lindo lugar! - exclamou Pedrinho. - Aqui é que devia ser o sítio de vovó.

A menina também se mostrou maravilhada. Mas Emília fez cara de pouco caso. Tinha tido uma decepção. Que pena não terem começado a viagem pelo Mar dos Piratas! Emília andava com a secreta esperança de ser raptada por algum famoso pirata, que comesse Rabicó assado e se casasse com ela. O sonho de Emília era tornar-se mulher de pirata - para "mandar num navio".

[...]

Grande alegria na meninada. Emília correu a brincar com o carneirinho, enquanto os outros se dirigiam para o lado do senhor de La Fontaine. (LOBATO, 2005, p.138-139)

No dia seguinte, cada criança recebeu uma folha contendo a versão de *O lobo e o cordeiro* de La Fontaine, Esopo e Monteiro Lobato (Veja ANEXO C). Lemos novamente o capítulo lido no dia anterior e os textos que cada criança havia acabado de receber.

Fiz uma tabela na lousa e cada criança ia completando, em seu caderno, uma tabela semelhante, conforme íamos discutindo. Ao final a tabela ficou da seguinte forma:

Tabela 2: Ficha comparativa da fábula *O Lobo e o Cordeiro*

	La Fontaine	Esopo	Lobato: Fábulas	Lobato: Reinações
Personagens	Lobo Cordeiro	Lobo Cordeiro	Lobo Cordeiro	Lobo Carneirinho La Fontaine
Forma	Poema	Prosa	Prosa	Prosa
Onde	Ribeiro	Regato	Córrego	Rio
Tratamento	Lobo: Vossa Majestade Cordeiro: pobre servo	Vossa Alteza	Senhor	Lobo: Vossa Lobencia Cordeiro: lanzudo
Lobo disse:	Há 6 anos	Ano passado	Ano passado	Ano passado
Idade do cordeiro	3 meses	Não fala	Não fala	3 meses
Final	O lobo come o cordeiro	O lobo devora o cordeiro	O lobo sangra o cordeiro no pescoço	La Fontaine bate no focinho do lobo com a bengala
Moral	“Que a razão do mais forte predomina, esta fábula ensina”	“Onde a lei existe, ao que parece, a razão do mais forte prevalece”.	“Contra a força não há argumentos”	Não há uma frase explicando a moral

Ao término da elaboração da ficha comparativa, perguntei se as crianças sabiam por que existem pequenas diferenças entre cada versão. As crianças foram capazes de perceber sozinhas que era porque *“cada pessoa acaba colocando um pouco da maneira como ela imagina a história”*. *“Se fosse totalmente igual, seria uma cópia e não uma reescrita”*. Acredito que estas reflexões só foram possíveis devido às diversas atividades realizadas durante todo o ano.

Em seguida, lemos novamente a fábula escrita por La Fontaine e foi proposto que a classe ajudasse a professora a preencher uma Avaliação Formativa do Texto lido. Esta avaliação é proposta por Jolibert (2006, p. 154).

 Avaliação Formativa

Gênero Textual: Fábula

Título: *O Lobo e o Cordeiro*

Autor: La Fontaine

Situação Inicial: O Cordeiro estava bebendo água no rio, quando chegou um Lobo.

Acontecimento: O Lobo começou a arrumar encrenca com o cordeiro acusando-o de 1º turvar a água; 2º o cordeiro andou falando mal dele; 3º foi o irmão, depois o pai ou o avô

Situação-Problema: O Lobo queria arrumar uma desculpa para comer o Cordeiro, que sempre tinha argumento para provar que o Lobo estava mentindo.

Situação-Final: O Lobo foi ficando cada vez mais feroz e acabou comendo o cordeiro.

Personagens: Cordeiro e Lobo

Ensino: O mais forte sempre vence.

As atividades “desenhe e escreva como you imagina” deram subsídios para que os alunos entendessem o objetivo da realização da Ficha Comparativa, da Avaliação Formativa e também para a reescrita da fábula proposta.

Texto 4: Reescrita da fábula *O Lobo e o Cordeiro*

Estava um cordeiro na beira de um córrego bebendo a água, quando o lobo apareceu e falou.

- Estais bebendo a minha água e sujando.

O pobre do cordeiro sem saber o que era falou:

- Eu estou só matando a sede Majestade eu só sou o seu servo e nada mais.

O lobo falou:

- Saia para lá seu cordeiro.

- Eu estou sabendo que você estava falando mal de mim ano passado.

- Mas eu nasci este ano.

- Então foi seu irmão.

- Como se sou filho único.

- Então foi seu pai seu tio seu avô.

Então ele levantou seu dente para o cordeiro e o cordeiro soutedo um pum na cara do lobo e ele saiu correndo.

Contra os mais forte você nunca vence.

A criança apresenta um pouco de dificuldade na pontuação do texto, grafou a palavra soltou erroneamente. Mas é incontestável a criatividade da criança

que, embora tenha seguido o mesmo enredo da fábula original, nos deu um final surpreendente. O mais forte no caso não se trata do animal e sim do cheiro do “pum” do cordeiro. Fantástico!

Texto 5: O lobo e o cordeiro.

O lobo num belo dia estava tomando sol. Num lugar bem, mais bem perto do lobo um pote de água e lá estava um cordeiro bebendo.

O lobo não gostou de nada daquilo então o lobo foi até lá e disse: Porque estas bebendo em meu pote de água eu que ralo o dia inteiro para ir aqui do lado pegar água e você que bebe cordeiro.

O cordeiro disse: Me desculpe eu não irei fazer mais isso magestade.

O lobo não aguentou e deixou ele beber no pote de água que agora é o cordeiro que rala todo dia.

Esta criança fugiu um pouco da fábula, seu texto se aproxima mais das características de contos de fadas (Num belo dia) que das fábulas. Falta mais clareza na lição que o texto nos remete. Futuramente comentarei outro texto feito pela mesma criança.

Texto 6: O lobo e o cordeiro.

Cordeiro, um sujeitinho legal, alegre e muito fofo.

Lobo, um sujeito chato, mal e não fofo.

Um dia na floresta o cordeiro estava bebendo água na beira de um lindo riacho cristalino. Quando chegou sua vossa magestade o lobo dizendo:

- *Tire sua boca imunda de meu rio, seu cordeiro inútil!*
- *Eu!*
- *Sim, não se lembra que me insultou na frente de todos.*
- *Quando?*
- *Ano passado.*
- *Mas eu nasci mês passado!*
- *Então foi teu pai ou teu irmão.*
- *Mas não tenho pai nem irmão.*

Ai o lobo se irritou e quando ia pegar ele, o cordeiro apanhou uma pedra e acertou bem em sua cabeça e enquanto isso ele saiu correndo para sua mãe.

Moral: As vezes o mais fraco ganha do mais forte é só pensar.

Apesar de trabalharmos a característica de ensinamento da fábula, percebo que as crianças ainda se preocupam com o final feliz, quando o bem

sempre vence o mal. Muitos alunos mudaram o final da fábula para que o carneiro sobrevivesse e para que o lobo fosse punido.

Texto 7: O cordeiro e o Lobo

Um cordeiro estava bebendo água, ate que um lobo disse:

Como ousa sujar a água que bebo?

Eu não sujei coisa alguma senhor lobo! exclamou o pobre cordeiro:

É que fiquei sabendo que ano passado que coce falou de mim! falou o lobo já com raiva.

Isso é falso e saiba que eu nem estava e eu nasci neste ano! – disse o cordeiro.

Se não foi você foi seu irmão! lobo.

Sou filho único! carneiro.

Então foi seu pai seu avô! lobo.

Também não! carneiro.

Já Chega! e nhac!

O lobo devorou o pobre carnerinho e fim!

Moral: os mais espertos sempre escapam mais os mais fortes sempre ganham!

A criança conseguiu manter o ensinamento da fábula, mas na moral acrescentou que “os mais espertos sempre escapam”.

Texto 8: O lobo e o cordeiro.

Em um certo dia, um carneirinho branquinho matava sua sede. Derepente da floresta saiu um lobo feroz e faminto em jejun o dia inteiro. Ao ver o carneirinho a fome despertou querendo arrumar encrenca com intenção de comer o carneirinho foi falando:

Como ousa invenenar a água que eu eis de beber.

O carneirinho tremendo de medo respondeu:

Como posso invenenar a água que a vossa ecelencia vai beber se estou ao lado de baixo? O lobo meio atrapalhado falou:

Ouvi falar que o você andou falando mau de mim o ano passado, inocente o carneirinho respondeu:

mas naci este ano.

Então foi seu pai ou seu avô!!! E em uma mordida só devorou o cordeirinho.

Moral: Não adianta falar nada o mas forte ganha.

Observe que o aluno não usou travessão nos diálogos e coloca a indicação da personagem que fala (cordeiro e lobo) no final das orações.

Texto 9: O lobo e o cordeiro.

Em um belo dia, um cordeiro estava bebendo água em um rio.

Ai chega um lobo, pensando como comeria o cordeiro.

- *Como ousas a beber a água do rio que estou bebendo? disse o lobo.*
- *Mas esta água está em direção para baixo, e não para você.*
- *A então era você que eu estava procurando, no ano passado.*
- *Mas como se eu nasci neste ano. disse o cordeiro.*
- *Pois então foi o teu irmão mais velho.*
- *Mais eu não tenho irmão mais velho se eu tivesse eu ti falasse.*
- *Então foi teu pai que fez eu perder o caminho para a minha casa.*
- *Mas não tenho pai.*
- *Então foi teu avô.*

Depois o lobo chegou perto do carneirinho e nhac o comeu. E volto para casa com a barriga cheia.

Texto 10: O Lobo e o Cordeiro.

Um cordeiro estava bebendo água do córrego matava a sede e a pareceu um lobo faminto.

que é isso na água que venho beber? disse o lobo rosnando. Eu vou castigar você!

O cordeiro, tremendo de medo disse:

como eu posso chujar água que o senhor vem beber se ela core do senhor para mim?

Era verdade mas o lobo ficou atrapalhado.

- *Além disso – inventou – eu sei que você falou mal de mim ano passado.*
- *Como eu disse mal do senhor ano passado, se eu naci este ano?*

O lobo estava ficando mais furioso:

- *Então não foi você foi seu irmão mais velho.*
- *Como poderia ser meu irmão mais velho eu so filho único?*

O lobo furiosos, vendo que não veseria uma falando com pobrisinho, estava com uma vontade de comer ele:

- *então não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!*
- *E nhoque! Mordeu pelo pescoso e matou o cordeiro.*

Moral: O mais forte sempre vence.

Os textos 8, 9 e 10 conseguem manter o enredo da fábula, mas os três apresentam muitos erros ortográficos e de pontuação, bem como mostram falta de coesão.

3.4.2 A boneca, o carneirinho e o tatu-canastra

V - Emília e La Fontaine

Narizinho sabia duas palavras em francês - bon jour e au revoir. Os outros não sabiam nenhuma. Em vista disso os outros a empurraram para falar com o fabulista.

[...]

Narizinho agarrou-a e enfiou-a no bolso, dizendo:

- É demais. Parece que os ares deste campo lhe desarranjaram a cabeça duma vez. (LOBATO, 2005, p.139-140)

Lemos o capítulo com bastante entusiasmo, era como se nós estivéssemos dentro da história. Um aluno que ficou batendo com o lápis na carteira levou um bronca de outra aluna que disse: “Não vê que você está atrapalhando, eu quero entrar dentro da história, entende?”. Outros alunos também fizeram olhares de reprovação e o menino, sem graça, guardou o lápis no estojo.

Antes mesmo que eu sugerisse que as crianças escrevessem uma fábula conforme as recomendações de Emília, um aluno falou: “Já sei, Sora, a gente podia fazer uma reescrita desta fábula, né?”. “Mas esta fábula existe?” – perguntou outro aluno. “Não!” – respondi. “Então não é reescrita, é escrita” - afirmou o segundo aluno. Perguntei se a classe saberia me explicar a diferença entre escrita e reescrita. Coloquei na lousa as diferenças conforme as crianças foram apontando.

<i>Escrita</i>	<i>Reescrita</i>
Escrever sobre alguma coisa.	Escrever o que alguém já escreveu com suas palavras.
Inventar uma história.	Colocar um pouco de você dentro do que alguém escreveu.
Fazer um livro.	Escrever uma história que já existe, mas com suas palavras.
Pegar o lápis e escrever no papel.	

Por fim, procuramos no dicionário o significado das duas palavras:

<i>Escrita</i> sf 1. Aquilo que se escreve. 2. Caligrafia. 3. Escrituração mercantil e contábil.	<i>Reescrita</i> não tem
Escrever v 1. Representar por letras. 2. Colaborar (em um órgão de imprensa).	<i>Reescrever</i> v Tornar a escrever.

Fonte: ROCHA, 1996.

O dicionário que tínhamos na classe, no momento, não nos ajudou muito, e as definições das crianças foram mais proveitosas que as do dicionário.

Em seguida, mãos à obra:

Texto 11: Três amigos no País das Fabulas

Era uma vez, uma boneca de pano, que se chamava Bibi, ela tava sentada no chão entediada, Bibi era uma boneca de pano que fala, ai ela avistou uma velha senhora a velha tava indo na direção dela e a velha chegou até ela disse:

- *Olá bonequinha? – velha.*
- *Olá senhora! - Bibi.*
- *Qual é seu nome? - velha.*
- *O meu nome é Bibi a boneca de pano e da senhora? - Bibi.*
- *Meu nome é Charleny, mais eu vi você que esta intediada né? - Charleny.*
- *O pior de tudo é! - Bibi.*
- *Eu tenho a solução do seu problema! - Charleny.*
- *Diga logo! - Bibi.*
- *Você quer numa aventura? - Charleny.*
- *Sim adoraria! – Bibi.*
- *Então cheire esse pó de Pirlimpinpin!*

Ai bibi cheiro, depois dormiu e depois de 1 minuto ela abriu os olhos levanto se e viu que estava num lugar. Maravilhoso, com, águas azuis claras e gramas verde, verde, e varias arvores cheias de frutas deliciosas etc, ai ela disse:

- *Que esplendido! - Bibi.*
 - *Lindo não é? - tatu canastra.*
 - *Uau você é o tatu – canastra eu já ouvi fala de você! - Bibi.*
 - *Sim sou eu, e quero que conheça meus amigos, esse é o lãn o cordeiro!*
 - *Prazer, e acho que vamos nos dar muito bem. – Bibi.*
- Eles foram brincar depois ela foi embora feliz da vida!*

Moral: Nem tudo é intediante só basta usar a imaginação.

Muitos alunos tiveram dificuldade em manter as características do gênero textual fábula. A maioria da classe ficou presa nas características dos contos de fadas, iniciando o texto com “Era uma vez” e terminando com “felizes para sempre”. É o caso do texto acima que, apesar de apresentar uma moral no final, mostra claramente a presença dos elementos pertinentes aos contos de fadas. Observamos também que a criança coloca a indicação da personagem no fim da frase.

Texto 12: O Inteligente Carneirinho

Num sítio do pé da montanha, um carneirinho estava no pasto, quando sai de um buraco um tatu bem grande, conhecido como tatu – canastra, ele começou a conversar com o carneirinho.

Logo depois a filha do dono do sítio aparece com uma boneca de pano, chamada Rebequinha. A dona da boneca deixou cair perto do carneirinho e do tatu-canastra. A boneca bem entrometida, perguntou.

- *O que vocês estão fazendo?*
- *Estamos conversando, porque?*
- *Por nada. (Respondeu a boneca).*
- *O tatu-canastra começou a ficar bravo com a boneca e o carneirinho disse:*
- *Clama tatu, ela não fez nada de mal.*
- *E daí?*
- *E daí que não precisa exagerar.*

Logo depois o tatu quase matou a boneca, só que o carneiro ajudou ela. O carneirinho disse:

- *Me ouça ela não fez nada; você vai se dar mal porque o chefão vai te matar!*

Depois que o tatu parou o chefão deles matou o tatu. E o carneirinho e a boneca de pano (Rebequinha) se deram bem; também o tatu não quis ouvir o carneirinho e se deu mal.

Moral: Ouça antes de agir.

Esse aluno convive com o tráfico de drogas e a violência. Podemos perceber em suas palavras, claramente, que o ensinamento que ele nos quer passar tem a ver com o ensinamento que ele próprio vivencia no seu dia a dia. Achei importante colocar este texto para mostrar o quanto as crianças colocam de si dentro das histórias e o quanto, muitas vezes, elas querem gritar para o professor que insiste em fingir-se de surdo. Isto é, em suas produções as crianças podem fantasiar sua realidade ou até mesmo contar coisas que não contariam em outra ocasião. O professor precisa ser sensível para perceber. Embora a estrutura fabular não esteja totalmente apresentada neste texto e lhe falte um pouco de coesão, a meu ver, se fôssemos dar uma nota, ele mereceria um dez, pois se o objetivo de sua fábula foi nos dar um ensinamento, esta nos deu vários.

Texto 13: A boneca de pano, o carneirinho e o tatu canastra

Ni um belo dia ensolarado a pareceu uma Sara de Pano que falava e perto de um riacho tinha um lindo carneirinho a Sara vendo ele gostou muito do carneiro e foi brincar com ele mas a pareceu um tatu canastra como ele era muito grande o tatu pensou eles van ficar com medo de mim. Mas nem um ficou com medo do tatu canastra.

A Sara disse – oi como é o seu nome.

O tatu disse – tatu canastra mas você não tem medo de mim. –

Sara – não você não é perigoso pra mim.

O tatu – que bom mas como é o seu nome.

A sara – Sara você que se meu amigo perguntou ela.

O tatu – quero muito eu não tenho amigos.

A Sara – Por que.

O tatu – Por que todo mundo tem medo de mim. Por isso não tenho amigos agora vamos brincar.

A Sara – Sim vamos convidar aquele carneirinho. – vamos sim.

O tatu- carneirinho vamos brincar?

O carneirinho – sim vamos.

Mas teve um final feliz para o tatu canastra por que ele sempre voltou para brincar la naquele lugar bonito sempre.

Essa criança possui uma dificuldade grande em se expressar, seja pela escrita ou mesmo pela fala, tem poucos amigos e é bastante tímida. Suas produções se resumem em poucas linhas, sem coerência e coesão. Geralmente não as termina e mostra grande ansiedade nesse tipo de atividade. Na realização desta atividade, a ansiedade ainda estava presente, mas estava mais solta e concluiu sua produção em poucos minutos. Ela colocou o nome da sua melhor e única amiga da classe na boneca, o que mostra afetividade com sua produção. Através desta atividade pude observar um grande avanço na produção de sua escrita. Notem que, novamente, a estrutura dos contos de fadas prevalece, mas é a primeira vez que essa criança escreve um texto com começo, meio e fim.

Texto 14: O carneiro e o tatu canastra

Certa manhã um carneiro estava comendo amoras em um pequeno arbusto, quando seu amigo Tatu canastra veio falar sober o desfile de carruagens pagando pela boneca de pano Keily o Tatu canastra e o cordeiro combinavam de se encontrar para começar a construir a carruagem no pomar das araras ao 12:00 acompanhadas de um belo piquinique.

No outro dia ao meio dia o tatu canastra chegou não encontrou ninguém e esperou, esperou e resolvel começar sosinho e teve um trabalhão. No desfile o carnerim e o tatu se encantaram e o carneirinho falou: uau, so devemos palmas a uma pessoa...

O tatu canastra falou: a não presisava...

O carneiro: A gente! Viva a gente!

(palmas).

No desfile a carruagem descontrolou-se e desmanchou todo o desfile, a boneca Keily perguntou: -quem fes essa carruagem!?

o Tatu canastra!!! Respondeu o carneiro

Moral: Quando é um mérito fala que foi você, quando é pra se meter em encrenca fala que realmente fez é culpado...

A criança conseguiu, a meu ver, fazer uma fábula. A ortografia, a pontuação e outras regras gramaticais precisam ser trabalhadas. Mas, dos textos feitos pela classe, o que mais se aproximou do gênero foi este.

3.4.3 A Cigarra e a Formiga

VI - A formiga coroca

A cigarra estava cantando num galho seco, perto dum formigueiro. Ao aproximar-se da árvore o senhor de La Fontaine parou.

- Gosto do canto das cigarras - disse ele. - Dá-me idéia de bom tempo, sol quente, verão. Este inseto é um pouco boêmio como em geral todos os cantores.

[...]

Emília soltou a formiga surrada, que lá se foi para o fundo do formigueiro com o nariz deste tamanho e mais tonta do que se tivesse bebido um cálice de formicida. (LOBATO, 2005, p.140-142)

Mais uma vez fizemos na lousa a Ficha Comparativa, seguida da Avaliação Formativa após as leituras das versões (veja ANEXO C). A participação da classe foi grande, mas ao final estavam cansados e tivemos que deixar a reescrita para outro dia.

Tabela 3: Ficha comparativa da fábula *A Cigarra e a Formiga*

	La Fontaine	Esopo	Lobato: Fábulas A formiga boa	Lobato: Fábulas A formiga má	Lobato: Reinações
Personagens	Cigarra e Formiga	Cigarra e Formiga	Cigarra e Formiga	Cigarra e Formiga	Cigarra e Formiga
Forma	Poema	Prosa	Prosa	Prosa	Prosa
Linguagem	Difícil de entender.	Fácil de entender.	Fácil de entender	Fácil de entender	Fácil de entender.
Pedido da cigarra	Rogou-lhe que lhe emprestasse algum grão com que manter-se.	Será que eu posso entrar? Estou com frio e com fome!	Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...	Desesperada implorou, emprestado, miseráveis restos de comida.	É que não tenho casa, nem sogro, e estou morrendo de fome e frio. Se a senhora não me dá uma folhinha para comer e um cantinho para me abrigar, certo que morrerei à míngua.
Reação da Formiga	A formiga nunca empresta, nunca dá, por isso junta.	O que? Enquanto nós trabalhávamos duro, você só pensava em se divertir. Pois agora: boa diversão!	A formiga olhou de alto a baixo.	Como não sabia cantar e era invejosa, tinha ódio da cigarra por vê-la querida de todos os seres.	
Pergunta da formiga	No verão em que lidavas?	-	E que fez durante o bom tempo que não construiu sua casa?	Que fazia você durante o bom tempo?	Que fazia no bom tempo?
Resposta da cigarra	Eu cantava noite e dia, a toda hora.	-	Eu cantava, bem sabe...	-	Eu cantava, senhora formiga. Sou cantadeira de nascença.
A formiga diz por fim:	Oh! Bravo Cantavas? Pois dança agora.	-	Isso mesmo, era eu (após a formiga perguntar: Era você que cantava enquanto nós labutávamos?)	Cantava? Pois dance agora, vagabunda!	Cantou enquanto era moça e sadia? Pois dance agora que é velha e doente, sua vagabunda!
Final	-	Bateu a porta na cara da cigarra, que foi obrigada a cantar em outra freguesia.	Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo. A formiga entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.	A cigarra morreu e quando voltou a primavera o mundo ficou triste.	Quando a cigarra já ia morrendo a Emília a susteve e bolou um plano contra a formiga. A Emília segurou a formiga para que a cigarra malhasse a porta no nariz dela.
Moral	Os que não pensam no dia de amanhã, pagam sempre um alto preço por sua imprudência.	Ao preguiçosos nada têm a colher.	-	Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade.	Amor com amor se paga.

 Avaliação Formativa

Gênero Textual: Fábula

Título: *A Cigarra e a Formiga*

Autor: Esopo

Situação Inicial: A cigarra cantava enquanto as formigas trabalhavam.

Acontecimento: O inverno chegou e como a cigarra só cantou, não fez um abrigo e nem guardou comida, ficou com fome, frio e doente.

Situação-Problema: A cigarra procurou a vizinha formiga para conseguir comida e abrigo. Mas a formiga achava que como a cigarra só cantou e não trabalhou, não merecia comida nem abrigo.

Situação-Final: A formiga não ajudou a cigarra que acabou morrendo.

Personagens: cigarra e formiga.

Ensino: Os preguiçosos nada têm a colher.

No dia seguinte, retomamos a Ficha e a Avaliação e as crianças fizeram suas reescritas.

Texto 15: A formiga e a Cigarra

Um belo dia avia uma Cigarra cantando numa rede, Quando passou um monte de formiguinha com frutas e legumes derrepente apareceu uma formiga que dice._

- O que você esta fazendo?

Respondeu a cigarra

- Estou cantando por que? Tem algum problema

Falou a formiga:

- Tem sim

Falou a cigarra

- Então qual é a problema?

Respondeu a formiga

- O inverno vai chegar ai você não catou nada de frutas e legumes.

Respondeu a cigarra:

- ahhh, isso é tudo mentira.

- Então ta eu vou embora antes que o inverno chege.

E sarrou a formiga para o formigueiro. Derrepente veio o frio muito forte Então a cigarra disse:

- Nossa tudo aquilo era verdade.

Bateu na porta e disse:

- cara amiga posso me abrigar ai não tenho casa não tenho nada

Respondeu a formiga:

- É claro que sim pode entrar você é uma ótima cantora aqui tem cama, agasalho e comida para todos nos.

Moral: Os preguiçosos sempre acham uma ajuda

A criança escreveu a fábula usando o vocabulário próprio de sua idade, numa linguagem do seu dia-a-dia. Possui bastante erro de pontuação, ortografia e estruturação de texto. Sua fábula segue a característica, já comentada anteriormente, de final feliz. A estruturação dos contos de fadas ainda está bastante presente nas reescritas de muitos alunos.

Texto 16: A Cigarra e a formiga

Num lindo dia na floresta, os animais tudo dano duro, quanto uma formiga muito forgada, só dormia, comia e brincava mas um dia chegou o inverno todos tinham a sua casa, comida, mas a formiga não tinha nada ela passou na casa da cigarra e disse: Tem algum lurga para mim dormi e comer?

A formiga com muito calma disse: O que fazia cantava lá era você que cantava?

A cigarra disse: Pode entrar sua cantoria me ispirava então ela entrou e teve tudo o queria.

Moral: Sempre tem aquele que via que você fazia ajudava a ser alegre e ti ajudou.

Neste texto o aluno trocou seguidamente as posições das duas personagens, deixando o texto confuso. Há muitos erros de concordância, pois este aluno fala desta forma. Assim como ocorreu no texto anterior, o aluno não consegue diferenciar a comunicação falada da escrita. O final feliz também está presente nesta reescrita.

Texto 17: A Cigarra e a Formiga

Num dia de verão, as formigas trabalhavam, trabalhavam; enquanto isso, uma cigarra cantava que é uma beleza.

Quando o inverno chegou as formigas estavam com comida e um bom abrigo. A cigarra à de bater a porta e ... toque, toque, toque

- Olá dona formiga será que posso entrar para ter comida e um abrigo?

- O que você fez neste verão todo?

- Cantei, cantei.

- Então dance agora!

Moral: Os preguiçosos nada tem a colher

O aluno conseguiu fazer a reescrita utilizando-se da estrutura fabular, apesar dos erros de pontuação e ortográficos.

Texto 18: A cigarra e a formiga

Uma cigarra vivia cantando em uma árvore que ficava em frente de uma casa de uma formiga.

Cantava ela dia e noite, noite e dia.

A formiga não conseguia dormir e nem trabalhar direito. Mas o problema é que a formiga até que gostava da cantoria da formiga e chegou o inverno e a cigarra não tinha nem uma folhinha para comer, foi bater na porta da casa da formiga e falou:

- você tem uma comida para me dar

A formiga falou:

-Quem é você

-Sou, a cigarra e cantava

A formiga:

-Você catou agora Dancê

E bateu a porta no rosto da cigarra

Chegou o verão e a formiga sentiu falta da cantoria da cigarra que tinha morrido.

Moral: Sempre ajudar os outros.

Nesta reescrita a fábula aparece com o mesmo desfecho, mas a criança acrescenta a chegada do verão e o arrependimento da formiga. Por essa razão, mudou o ensinamento.

Texto 19: A Cigarra e a Formiga

Num belo dia de sol uma Cigarra que só sabia cantar, apareceu por lá umas formigas que só trabalhavam a Cigarra ficava admirada com as formigas e as formigas ficavam exatamente igual ao ver a cigarra cantar com aquela voz linda.

Estava chegando o frio e a cigarra só cantava e não trabalhava, e as formigas já tinham feito o seu trabalho.

Chegou o frio e a cigarra estava quase morrendo quando uma formiga lhe agarrou por trás e levou a cigarra para dentro de sua casa, a cigarra acordando disse eu só queria um pouco de comida e abrigo até o sol brilhar novamente.

Passou 3 dias e o sol voltou novamente a cigarra agradeceu e saiu com sua malinha na mão e antes de dar o segundo passo virou para trás e falou agora eu aprendi a lição.

Moral: quem não trabalha não chega a lugar nenhum.

A maneira como a criança escreveu a moral pode, a princípio, causar dúvidas sobre o ensinamento da fábula. Mas é possível, lendo somente o texto, perceber o ensinamento que ela queria passar. A cigarra não pensou no futuro e precisou da ajuda de quem pensou. A criança sabia o que queria, mas faltou pouco para conseguir passar no seu texto.

Para que pudesse fazer uma avaliação comparativa, selecionei textos de dois alunos, sendo que a primeira versão refere-se a uma sondagem aplicada no primeiro dia de aula como forma de obter material para o portfólio do aluno. Todos os professores da 4ª série da rede municipal de Rio Claro foram orientados a dar a mesma atividade. O professor leu duas vezes a fábula da Cigarra e a Formiga e as crianças tinham que reescrevê-la. Saliento que, após a segunda leitura, o professor não podia mais comentar sobre o texto. A orientação era para fazer silêncio e deixar que a criança, sozinha, se lembrasse do que foi lido. A segunda versão é a reescrita feita após as atividades propostas pelo meu trabalho. Vejamos as diferenças:

Texto 20: A cigarra e as formigas – Versão I

Era uma vez, uma jovem cigarra que só sabia cantar.

A cigarra cantava belas canções perto de um formigueiro, enquanto as formigas trabalhavam duro.

As formigas tinham que pegar comida para o inverno aquecer as formigas recém-nascidas.

Era um entra e sai do formigueiro.

Mas o inverno chegou, e a cigarra veio bater na porta do formigueiro.

A guardiã atendeu.

A cigarra disse:

- Dona formiga, a senhora deixa eu me aquecer um pouco?

A formiga disse:

- Não, por que você ficava aí se divertindo, enquanto nós trabalhávamos duro.

- Agora vai se divertir.

Então a formiga bateu a porta na cara da cigarra.

Então a cigarra foi obrigada a mudar de residência

Moral: Com a preguiça, não se pode fazer nada.

Texto 21: A cigarra e a formiga - Versão II

Em um belo dia de sol, a cigarra estava cantando em um galho de uma árvore, perto de um formigueiro.

O tempo se passou, o inverno veio e a cigarra estava com frio e fome.

Então ela bateu na porta de um formigueiro.

- Oi senhora formiga!

- Oi, o que deseja?

- Eu posso ficar dentro de sua casa, até mudar a estação?

- Mas primeiro me diz, o que você fazia no verão?

- Eu cantava.

- A então era você que me dava muita dor de cabeça com a suas cantorias né?

- Eu não sabia, me desculpe?

- Não. Então se você cantava agora dance.

Moral: Quem não faz a sua parte, não merece nada.

Na primeira versão, a criança tentou escrever com as mesmas palavras o que a professora havia lido. Na segunda, parece mais solta, sabia o que estava escrevendo, embora ainda estivesse bastante presa às palavras da fábula original. Nas duas versões a aluna coloca a moral com suas próprias palavras.

Texto 22: Cigarra e a formiga – Versão I

Era uma vez uma cigarra que cantava, alegremente, em quanto isso as formigas trabalhavam duro pegavam folhas para se aquecer e sementes para ter oq come.

Ai o inverno chego e a cigarra quase congelou e foi a casa das formigas e bateu na porta e falou:

- Posso entrar to com fome e frio

- Oooq enquanto agente trabalhava você se divertia agora tenha uma boa diversão! E fim

Texto 23: A Cigarra e a Formiga – Versão II

Num dia ensolarado, uma cigarra que cantava alegremente num alto de uma árvore, e lá embaixo varias formigas trabalhavam muito.

Até o inverno chegar, mais a cigarra não tinha onde-se abrigar e nem oque comer, então resolvel ir no formigueiro falar com sua amiga formiga e bateu na porta – toc toc!

- Olá posso ajudar? – formiga

- Por favor podez me dar um pouco de comida e um lugar para me abrigar? –

Cigarra

- Você é aquela cigarra que cantava enquanto agente trabalhava? Formiga

- Sim sou eu! – Cigarra

- É oque você fazia em vez de contrui uma casa e colher comida? Formiga

- bem eu...cantava! cigarra

- Ah então entre suas musicas sempre me alegrou.

Ai a cigarra ficou no formigueiro até a primavera chegar e resebel comida e acochego e volto a cantar.

Moral: os artistas – pintores, poetas, músicos – são as cigarras da humanidade.

Na primeira versão a aluna tinha somente um argumento para sua reescrita, na segunda pôde optar pelo desfecho. Lembro-me que na ocasião da primeira reescrita a aluna não lembrava o que eu havia lido, então, como já conhecia a fábula, escreveu como lembrou. Na segunda versão, ela tinha mais de um modelo e também outras atividades, além da simples leitura. Ficou bem mais segura para sua reescrita.

3.4.4 Os Dois Pombinhos

[...] Nisto a pena de papagaio apareceu flutuando no ar, vinda da floresta, em companhia dum homem esquisito. Todos se voltaram para ver.

- Quem será o bicho careta? Com certeza algum homem que estava tomando banho e perdeu as roupas - berrou Emília. - Vem embrulhado na toalha. [...]

- Eu quero ver aqueles dois pombinhos do apólogo tão bonito que a vovó contou – disse a menina. [...]

Se de fato houvesse um tatu-canastra, que bom! (LOBATO, 2005, p.143-144)

Fizemos a Ficha com as versões (veja ANEXO C) em um dia e no dia seguinte a Avaliação e a reescrita da fábula. As crianças não cansaram tanto e ficaram mais solícitas para fazerem as reescritas.

Tabela 4: Ficha comparativa da fábula *Os Dois Pombinhos*

	La Fontaine	Lobato: Fábulas	Lobato: Reinações
Personagens	Dois pombos	Dois pombinhos	A fábula é
Forma	Poema	Prosa	somente
Para quê o pombo queria viajar?	“À casa toma tédio, quer ver mundo.”	Para ver terras novas, respirar novos ares.	citada.
Conselho do companheiro:	Alertou-o sobre os falcões, tiros, flechas, chuva.	Não vá! Há mil perigos pelo caminho, incertezas, traições, além da época de temporais.	
O que aconteceu com o aventureiro	Chuva, laço, águia, pedra do rapaz turbulento.	Temporal; ficou preso num laço; gavião, bodoque do menino.	
Final	“Vai para casa, gemendo, meio-coxo, meio-morto. E sem outra novidade”	Voltou para casa todo machucado	
Moral	Não aparece aparentemente. O ensinamento está no entendimento do poema.	“Bem certo o ditado: boa romaria faz quem em casa fica em paz”	

 Avaliação Formativa

Gênero Textual: Fábula

Título: *Os dois Pombinhos*

Autor: La Fontaine

Situação Inicial: Dois pombos viviam felizes e em paz.

Acontecimento: Embora o irmão insistisse para o pombo ficar, ele preferiu ir e prometeu contar todas as aventuras que vivesse, mas na viagem aconteceram somente coisas ruins.

Situação-Problema: Um dos dois queria conhecer o Mundo.

Situação-Final: O pombo voltou para casa todo machucado e sem boas aventuras para contar.

Personagens: Os dois pombos.

Ensino: “Boa romaria faz quem em casa fica em paz”

Texto 24: Os dois pombos

Existiam dois pombos felizes. Mas um queria conhecer o mundo melhor.

- Eu vou sair para conhecer o mundo. Disse o pombo.

- Não vai se não você vai ser pegado pelos caçadores ou pelos gatos ou qualquer coisa. Falou o pombo

- Eu vou, até. Falou o pombo.

O irmão ficou desesperado. Quando o pombo está conhecendo o mundo começaram a jogar coisas, dar tiro. O pombo conseguiu chegar na casa dele. Mas chegou tudo machucado. Ele deveria ter escutado o irmão.

Moral: Boa romaria faz quem fica em paz.

A linguagem coloquial está bastante presente no texto, mas o aluno reescreveu a fábula com o mesmo enredo e desfecho.

Texto 25: Os pombinhos

Num pequeno ninho moravam dois pombinhos irmãos, um dia um deles decidiu ir viajar (ver grandes aventuras) e o outro irmão não concordava com isso.

No dia seguinte o pombinho aventureiro acordou bem cedo e saiu.

Pela viagem o pombinho viu varias coisas legais.

O pombinho que ficou em casa achou melhor assistir um filme e comer uma pipoca, enquanto comia o pombo se engasgou com um milho e morreu ali mesmo no sofá.

No outro dia o pombo chegou de viagem todo esperequetoso para contar o que havia acontecido e viu o céu irmão jogado no chão.

Moral: quem espera desespera

As reescritas estão começando a ter uma estruturação fabular maior. O modelo dos contos de fadas começa a se dissolver, dando maior espaço para o modelo das fábulas. A vontade de colocar um pouco de si na reescrita fez com que diversas crianças mudassem o desfecho do texto. É o caso desta aluna, que troca o final. Nele, em vez do pombo que saiu de casa se frustrar, o que ficou em casa foi o que não teve um bom final. As crianças começam a trocar as morais apresentadas nas fábulas originais por outros provérbios ou ditos populares.

Texto 26: Dois pombinhos

Estavam dois pombos que viviam felizes em paz. Mas um dia um dos pombos queria fazer aventuras. O irmão disse:

- Não vá! O mundo tem muita coisa perigosa lá fora!

- Eu prometo que lhe contarei as aventuras mais boas que existira!

Na viagem ocorreu muitas coisas legais e nem perigo! E quando voltou em casa não viu o irmão e disse: quem vai, volta com coisa interessante, quem fica vira mira de mirante.

O aluno também mudou o desfecho da história. Realmente fiquei encantada com o que o aluno pôde nos trazer. Acredito que o aluno tenha tirado a frase “*quem vai, volta com coisa interessante, quem fica vira mira de mirante*” de algum provérbio já existente, embora eu não o conheça. No entanto, quando perguntei de onde ele havia tirado a frase, disse que tinha sido da cabeça dele. Se realmente foi, temos um exemplo de como as crianças são brilhantes quando estimuladas.

Texto 27: Os pombinhos – contraris (sic)

Numa árvore avia dois pombinhos, até um dos pombos perdeu a cabeça por uma idéia de percorrer o mundo.

- Prá qué?

- Quero ver novas terras, respirar novos ares!

- Não vá! Há mil perigos lá fora!

Mais não adiantou ele foi, quando saiu lá fora tinha um caçador já pra atirar no pobre pombo, ai – Bum! O tiro acertou bem na perna e ficou um pouco sem penas, E mal conseguia voar até a chuva chegou ele parou numa caverna.

Quando a chuva parou um gavião acordou e ficou de olho no pombo. O pombo viu o olhar da ave gigante, depois tentou voar o mais rápido que pode, mais o gavião conseguiu alcançar mais por sorte, o pombo caiu no chão mais por azar um menino de stling na mão mirando no pombo e acertou bem na asa e o pombo saiu correndo pra casa quando chegou, ele chego com a asa quebrada com a perna escorrendo sangue.

- Não ti falei.

Moral: “Quem espera sempre alcançar” “Quem espera desesperador”

A criança começou o texto com o propósito de escrever a fábula ao contrário, mas acabou por manter o enredo da versão original. A moral ficou bastante confusa.

Apesar do exemplo acima, começo a observar uma pequena melhora não só na estrutura fabular, como na intimidade da classe com a escrita. No começo, a maioria não conseguia pôr no papel o que pensava, agora são poucos os alunos que não conseguem. Temos ainda bastante erro de ortografia e pontuação, mas os textos estão começando a ficar mais coerentes na maioria dos casos.

3.4.5 O Corvo e a raposa

[...]

Peninha contou que na floresta havia muito mais bichos do que ali - leões, tigres, macacos, ursos - todos os animais importantes. Em vista disso, para lá se encaminhou o bando, guiado pela pena de papagaio flutuante. Assim que entraram na floresta viram no topo de uma árvore seca um corvo de queijo no bico. Pedrinho, muito sabido em fábulas, disse logo:

- Aposto que embaixo da árvore está uma raposa. Ela vai gabar a voz do corvo, dizendo que nenhum sabiá canta mais bonito que ele. O vaidoso acredita, fica todo ganjento, abre o bico para cantar e o queijo cai e a raposa pega o queijo e foge com ele, na risada. Já sei tudo. Não vale a pena pararmos para ver isso. [...] (LOBATO, 2005, p.144)

Repetimos a atividade: leitura das fábulas (ANEXO C) e confecção da Ficha comparativa. No outro dia, leitura da fábula de Esopo novamente e confecção da Avaliação Formativa.

Tabela 5: Ficha comparativa da fábula *O Corvo e a Raposa*

	La Fontaine	Esopo	Lobato: Fábulas	Lobato: Reinações
Personagens	Corvo e raposa	Corvo e raposa	A fábula não aparece na	Corvo e raposa
Forma	Poema	Prosa	Obra.	A fábula é contada brevemente por Pedrinho.
Como a raposa chegou:	Sentiu o cheiro do queijo	A raposa passou e viu o corvo com o queijo na boca		
Tratamento da raposa ao corvo	Meu lindo corvo; és outra fênix; tens a voz como a figura.	Que pássaro magnífico, que beleza estonteante, que cores maravilhosas. Será que tem voz suave para combinar com tanta beleza. Será chamado rei dos pássaros.		
Reação do corvo	Para mostrar que é bom cantor (solfista) abre o bico e solta a presa.	Ficou que era pura vaidade.		
Final	O corvo aprende a lição depois que a raposa rouba o queijo que ele deixou cair.	O corvo soltou um sonora “Cróóó!” e a raposa abocanhou o queijo,		
Palavra final	Corvo: “Velhaca! Deixou-me em branco, fui tolo em fiar-me dela; mas este logro me livra/ de cair noutra esparrela”.	Raposa: olhe, meu senhor, estou vendo que voz o senhor tem. O que não tem é inteligência!”		
Moral	“Meu amigo, aprende como vive o lisonjeiro À custa de quem o atende. Esta lição vale um queijo, tem destas para teu uso”	Cuidado com que muito elogia.		

 Avaliação Formativa

Gênero Textual: Fábula

Título: O Corvo e a Raposa

Autor: Esopo

Situação Inicial: O Corvo estava numa árvore com um queijo no bico quando passou uma Raposa.

Acontecimento: A Raposa ficou elogiando o Corvo que ficou lisonjeado, abriu o bico para cantar, o queijo caiu e a raposa o comeu.

Situação-Problema: A raposa queria o queijo para ela.

Situação-Final: O Corvo ficou se recriminando e aprendeu a lição.

Personagens: Corvo e raposa

Ensino: Cuidado com os “puxa-sacos”

Texto 28: O corvo e a Raposa

Era um belo dia que um corvo numa árvore com o seu queijo no bico. E quando uma Raposa com muita fome passa e fala: - Nossa que corvo lindo. Aposto que canta bem né corvo. Ele falou: - Você acha? A Raposa falou: - Sim eu acho. - Então eu vou cantar. Ele abriu o bico e cantou “cróóó!” e o queijo caiu na boca da Raposa e a Raposa falou: - Você é um bobão e começou a dar risada e o corvo ficou muito triste e fim.

Moral: cuidado com quem te elogia.

A palavra raposa está escrita com inicial maiúscula todas as vezes que aparece no texto, inclusive no título, enquanto que o corvo está escrito em minúscula. Acredito que desta forma, inconscientemente, a criança enfatiza a importância de cada personagem no texto. A pontuação ou a falta dela prejudica bastante o entendimento do texto, mas a criança consegue manter o enredo da fábula.

Texto 29: O Corvo e a Raposa

Numa tarde estava passeando uma Raposa, que de longe viu um corvo com um queijo no bico em cima de uma árvore.

A Raposa esperta foi se aproximando e com o ar de esperteza falou, o que vejo lá em cima será um pavão ou uma arara azul? Claro que não. Continuou ela que tolice minha é mais bonito é um corvo o mais brilhante que já vi.

O Corvo ficou todo todo e a tagarela da Raposa falou, eu acho que um corvo tão lindo assim sabe cantar né?

O Corvo abriu o bico e deixou cair o queijo, na hora a Raposa o abocanhou e disse beleza você não tem queijo e esperteza também não.

Cuidado com quem muito o elogia.

Não fosse o problema com a pontuação, a reescrita estaria perfeita. A aluna consegue cativar o leitor com seu texto.

Texto 30: O corvo e a raposa

Era um lindo dia de sol, um corvo estava em uma árvore com um queijo na boca, só olhando ao redor.

Então veio uma raposa, e falou:

- Oi meu corvo favorito!

- Oi raposa, o que você quer?

- A, eu quero ficar te vendo com esta beleza toda o dia todo. Com tanta beleza, você não sabe cantar?

Então o corvo todo metido soltou o queijo da boca e começou a cantar. A raposa pegou o queijo, comeu e sumiu.

Com tanta tristeza o corvo foi procurar um outro queijo.

Cuidado com aqueles que te elogiam por boca e falam mau por traz.

Texto 31: O corvo e a Raposa

Num dia de sol havia um corvo numa árvore com um queijo no bico. Quando à de passar uma raposa.

Nesse mesmo instante a raposa disse:

- Nossa! Como você é lindo, maravilhosos, tem cores vivas maravilhosas.

Nisto o corvo ficou vaidoso.

A raposa também disse.

- Sua voz também deve ser maravilhosa, cante!

Aí aconteceu; o corvo abriu o bico e deixou o queijo cair. Depois ficou se lamentando:

- Como fui burro, deixei aquela raposa me enganar!

E aconteceu que o corvo se deu mal.

Moral: Cuidado com os “puxa-sacos”.

Compare os textos 30 e 31 com os textos 8 e 10, respectivamente. São dos mesmos alunos. Veja a grande evolução em relação à estrutura fabular, à coerência e coesão, e até mesmo em relação aos erros ortográficos e de pontuação. Um dos motivos é que esses alunos estão praticando a autocorreção. Percebo que os mesmos lêem várias vezes suas produções e fazem muitas correções. Às vezes apagam o certo para colocar o errado, mas somente o fato de estarem preocupados em escrever bem já pode ser considerado um grande avanço.

Entre os textos 8 e 30 podemos ver uma evolução grande na pontuação e, principalmente, na ortografia. Esta aluna tem usado bastante o dicionário, acredito

que tem ajudado. Entre os textos 10 e 31 podemos ver um avanço na coerência e coesão. O texto está bem mais claro e o aluno consegue empregar bem melhor a pontuação e a ortografia. Este aluno lê o texto várias vezes e muda as frases, refaz trechos do texto, apaga e preocupa-se em escrever bem, tanto que fica o tempo todo me questionando: *“Eu melhorei professora? Você entendeu meu texto? Tinha muitos erros? Onde eu errei?”*. Nos dois casos, os alunos estão lendo mais. Na hora de levarem livros para casa escolhem os da coleção de Monteiro Lobato. A primeira criança leu a obra *Os doze trabalhos de Hércules*, do referido autor, em três semanas. É um livro bem grosso para uma turma que não gostava de ler nem os livros destinados a alunos da fase de alfabetização. O segundo aluno costuma vir comentar comigo trechos do livro que está lendo, e desta forma percebo que realmente a leitura tem surtido ótimos resultados para eles.

3.4.6 A menina do leite

- Onde mora o leão, Peninha? - perguntou ele.
 - Na montanha. Vai-se pelo caminho da casa da Menina do Leite.
 - [...]
 - Já se foi esse tempo, bonequinha! Isso me aconteceu uma vez, mas não acontece outra. Arranjei esta lata de metal, que fecha hermeticamente, para substituir o pote quebrado. Agora posso sonhar quantos castelos quiser, sem receio de que o leite se derrame e meus sonhos acabem em desilusões. Adeus, meninada, adeus!
- Foi um desapontamento geral. (LOBATO, 2005, p. 144)

A leitura (ANEXO C) e confecção da ficha avaliativa foram realizadas antes do recreio e no retorno fizemos o desenho da fábula. Uma criança comentou ter uma boneca da menina do leite que ganhara com a compra do leite condensado. No dia seguinte ela trouxe a boneca e pudemos ilustrar a aula. Todos queriam ver. Um menino gesticulou com a boneca fazendo voz feminina com os diálogos da fábula. A classe achou bastante graça, então ele foi até à frente da classe com a boneca e representou a fábula gesticulando com a boneca. Nessa hora a classe ficou bastante agitada e barulhenta. As crianças falavam alto o que o colega tinha que fazer, levantavam das carteiras. Não interrompi, fiquei somente observando a espontaneidade das crianças. Uma inspetora de aluno foi até a classe para ver o que estava acontecendo. Eu expliquei a ela que fazia parte da atividade. Após a agitação, *“vamos respirar fundo, fazer a Avaliação Formativa e fazer as reescritas”*.

Tabela 6: Ficha comparativa da fábula *A Menina do Leite*

	La Fontaine	Esopo	Lobato: Fábulas	Lobato: Reinações
Título	A leiteira e a bilha de leite	A menina do leite	A menina do leite	Não tem
Forma	Poema	Prosa	Prosa	Prosa
Nome da Menina	Maria	Não tem	Laurinha	Laura
O sonho	Ovos, vender galinhas, vaquinhas e vitelo	Ovos, pintinhos, galos e francos, cabritos, porcos	Ovos, pintinhos, frangos, galos, galinhas, porcos e cabritos	Idem a anterior, mais vaca, casa, automóvel, marido, morar na cidade...
Final	Tropeçou e os sonhos vão embora com o leite caído.			Não tem fim
Moralidade	É fácil decorar a lição singela e breve. Que ensina que ninguém deve fazer castelos no ar.	Não se deve contar com uma coisa antes de consegui-la.	Não devemos contar com uma coisa antes de termos conseguido.	Não tem.

Avaliação Formativa

Gênero Textual: Fábula

Título: *A Menina do Leite*

Autor: La Fontaine

Situação Inicial: A menina estava feliz com um pote de leite na cabeça, o qual venderia na cidade para ganhar dinheiro.

Acontecimento: Ela imaginava tudo que compraria com o dinheiro da venda até que tropeçou, seu leite caiu e se espalhou pelo chão.

Situação-Problema: Enquanto a menina sonhava com tudo o que conquistaria, tropeçou em uma pedra.

Situação-Final: A menina viu todos os seus sonhos indo embora junto com o leite derramado no chão.

Personagens: A menina

Ensino: Não devemos contar com o que ainda não temos.

Texto 32: A menina do leite

Estava ela caminhando até a cidade feliz com um balde de leite na cabeça para ganhar dinheiro. Estava pensando em coisas, sonhando o que faria com seu vestido e falou. “Eu compro meia dúzia de ovos, choco os ovos e ganho uma dúzia de pintinhos”. Enquanto ia fazendo as contas tropeçou numa pedra e caiu o leite no chão.

Não pense antes de acontecer.

A criança pula alguns pontos importantes da fábula, deixando-a sem coerência.

Texto 33: A menina do leite

Num dia, uma menina chamada Laurinha estava feliz da vida porque ia vender o leite que retirou de sua vaquinha.

Eu vou, eu vou vender o leite eu vou, ganhar dinheiro, ganhar dinheiro e vou! (A criança desenhou notas musicais)

A menina estava sonhando, fazendo contas, pensando no que ia comprar, etc.

Quando de repente ela tropeçou e caiu. Deixou cair também o leite e derramou, o sonho dela passou por um segundo.

Moral: “Não devemos contar com o que ainda não temos”.

No trecho “Eu vou, eu vou...” a criança faz uma referência ao desenho *Branca de Neve* dos estúdios Disney. Apesar disso, a estrutura fabular aparece com mais intensidade. A criança manteve o enredo da fábula.

Texto 34: A menina do leite

Uma menina estava feliz com uma lata de leite na cabeça. Era o primeiro leite da sua vaca mocha. Andando no caminho para a cidade, ela pensou.

Vou vender o leite e comprar uma dúzia de ovos. Depois eu vou chocar os ovos e vou ter uma dúzia de pintinhos. Quando crescer, eu vou vender os galos e vou ficar com as galinhas, para nascer mais pintinhos. Aí eu vou vender tudo e comprar três porcos e algumas cabritas.

A menina tão distraída tropeçou numa pedra e derramou todo o leite.

Quem tudo quer nada tem.

A criança caprichou nos detalhes da fábula. Consegue escrever um texto coerente e coeso, com poucos erros de acentuação e pontuação.

3.4.7 Os animais e a peste

[...] VIII - Os animais e a peste

O leão havia reunido toda a bicharia a fim de resolver sobre a terrível peste que estava arrasando o reino. Antes de decidirem qualquer coisa, os reis costumam consultar os sábios, os astrólogos, os bobos da corte e outras notabilidades do reino. Assim também fazia o Leão da Fábula. O primeiro consultado foi um macaco de barbas brancas, sabido como ele só.

[...]

- Fugamos enquanto é tempo - gritou Peninha. - O leão já nos farejou aqui e está lambendo os beiços.

Não foi preciso mais. Os meninos botaram-se pela montanha abaixo. (LOBATO, 2005, p.145-148)

Li para a classe as três versões da fábula (vide anexo III), mas não fizemos a ficha comparativa, pois o tempo não nos permitiu. Fizemos então a ficha formativa e partimos para as reescritas.

Avaliação Formativa

Gênero Textual: Fábula

Título: *Os animais e a peste*

Autor: La Fontaine

Situação Inicial: Uma peste espalhou-se entre os animais.

Situação-Problema: Os animais precisavam sacrificar alguém em oferenda aos Deuses.

Acontecimento: O rei declarou-se culpado por ter matado muitos animais, mas os animais não ousaram concordar com ele. A raposa fez um monte de elogios dizendo que ele era santo. E o mesmo fez com o tigre e outros animais ferozes. Quando o burro falou que tinha lambido o capim do convento, foi declarado culpado.

Situação-Final: Os bichos disseram que o burro era culpado e foi eleito para o sacrifício.

Personagens: Diversos animais, entre eles: leão, macaco, raposa, tigre e o burro.

Ensino: Aos poderosos tudo se desculpa, aos miseráveis nada se perdoa.

Texto 35: Os animais e a peste

Havia uma peste que estava se espalhando pela floresta.

O rei leão consultou um animal especialista em coisas parecidas; como tomar uma atitude. Esse animal disse:

- Nós temos que fazer sacrifício aos deuses.

- Mas que tipo de sacrifício?

- O que mais tem crimes. – Respondeu o especialista.

Logo depois o rei convocou os animais da floresta e fez uma assembléia; ele disse:

- Eu devo ser sacrificado, pois matei veados, ratos etc.

- Não! – Respondeu a raposa – Isso não é nada; esses animais não são de nada.

A raposa disse o mesmo com o tigre e alguns segundos depois o burro chegou e disse:

- Eu só lambisquei a couve do padre.

Nisso os animais mandaram o pobre burrinho ser sacrificado.

Moral: Aos poderosos tudo se desculpa; aos miseráveis nada se perdoa.

Texto 36: Os animais e a peste

Em uma floresta uma peste se espalhou e o rei chamou todos os animais. O macaco de barba branca falou que deviam sacrificar um deles para oferecer aos deuses. O leão parou pensou e falou:

- Eu devo ser sacrificado por matar muitos animais. O que acham!

Todos se olharam e do meio dos animais saiu uma raposa falando:

- Senhor não faça isso você fez sim é uma limpesa.

E aconteceu o mesmo com as outras feras quando chegou a vez do burro falou:

- Comi uma folhinha da grama de um convento.

- Ai Senhor leão está o criminoso comendo grama do convento. Disse a raposa e ele foi escolhido para o sacrifício.

Moral: são sempre os miseráveis que acabam sendo culpados.

Os alunos representaram bem a fábula, conseguindo colocar seus pontos mais relevantes. Desde a fábula “O lobo e o cordeiro”, até agora, podemos notar uma boa evolução nas reescritas.

Texto 37: Os animais e a peste

Os animais precisavam sacrificar um animal para oferecer aos deuses. O rei declarou-se culpado por ter matado muitos animais, mas como ele é o rei ninguém quis sacrificá-lo. A raposa fez um monte de elogios dizendo que ele era santo. E o mesmo fez com o tigre e outros animais ferozes. Quando o burro falou que tinha dado uma lambida no capim do convento, os bichos quiseram sacrificar o burro e ele foi sacrificado.

Os poderosos tudo se desculpa, aos miseráveis nada se perdoa.

Não sei se foi o fato da fábula ser muito longa ou porque precisamos sair da classe para assistirmos uma palestra sobre o jogo de xadrez (nova atividade extracurricular da escola). O fato é que neste dia a atividade não foi muito produtiva.

Reparei, nesta reescrita, que muitos alunos escreveram textos iguais. Só então percebi que estavam copiando as informações da avaliação formativa, como é o caso do texto 37. Fiquei um pouco frustrada, pois o instrumento que deveria ser usado para auxiliá-los na reescrita serviu como cópia. Por esta razão conversei com a classe sobre o ocorrido e decidimos, a princípio, não fazer a avaliação para a próxima fábula. As crianças também reclamaram de estarem cansadas de fazer a ficha comparativa, mas disse a elas que seria importante fazer pelo menos um dos dois instrumentos para dar mais argumentos na hora de escrever. Elas optaram pela Avaliação Formativa.

3.4.8 Os Prisioneiros

IX - Prisioneiros

Na corrida Peninha cruzou com o burro, que também ia fugindo, e pulou-lhe no lombo. Isso fez que os outros ficassem para trás e se perdessem no mato. Sem o Peninha para guiá-los, andaram, andaram às tontas e por fim entraram sem o saber no país dos macacos. Assim que transpuseram as fronteiras desse reino, vários guardas lhes caíram em cima e os enlearam com cipós. Em seguida os levaram à presença de Sua Majestade Simão XIV, que os cortesãos chamavam o Rei Sol, porque quando Simão aparecia todas as caras se iluminavam de sorrisos. [...]

- Felicidade, teu nome é juventude!... Em seguida voltou a sentar-se na pedra, à beira do ribeirão, e retomou a conversa com Esopo no ponto em que os meninos a haviam interrompido. (LOBATO, 2005, p.148-150)

Como comentado anteriormente, por opção da classe, após a leitura de *Reinações* e das versões do livro *Fábulas* de Monteiro Lobato e *Fábulas de Esopo*, feitas por Ruth Rocha, fizemos a Avaliação Formativa na lousa com a participação das crianças. É conveniente ressaltar que, a princípio, a única versão que eu tinha era a de Monteiro Lobato. Entretanto, no dia da aula um aluno trouxe o livro *Fábulas de Esopo* com as reescritas feitas pela escritora Ruth Rocha. Desta forma, a classe não recebeu a folha contendo as cópias das fábulas, como nas atividades anteriores. No entanto, isso não mudou em nada o desenrolar da atividade. É certo que, com as cópias em mãos, cada criança podia acompanhar a leitura, mas como

já estavam acostumadas e comprometidas com o que era proposto, nesse ponto elas não fizeram diferença.

Avaliação Formativa

Gênero Textual: Fábula

Título: *Os dois viajantes da macacolândia*

Situação Inicial: Dois viajantes se perderam na mata.

Acontecimento: Foram capturados por macacos que os levaram até o Macaco-rei que queria saber a opinião de cada um sobre o seu reino.

Situação-Problema: O Macaco-rei pediu que os viajantes falassem o que achavam do seu reino.

Situação-Final: O viajante que falou bem do reino foi presenteado. O que falou a verdade foi punido.

Personagens: viajantes e macacos

Ensino: Quem for amigo da verdade, use couraça ao lombo.

Texto 38: Dois viajantes na macacolândia

Dois viajantes perdidos na floresta viram um monte de macacos. Os macacos pegaram os dois e levaram até o rei que era um macaco.

Quem são vocês?

Somos dois viajantes.

Aliás, gostei muito deste reino, eu quero conhecer muito disse um viajante.

Soltem eles. Disse o rei.

O rei mostrou o seu reino todo a eles.

Mas no meio do caminho um dos viajantes disse:

Isso aqui não é um reino, aquela que você diz que é uma rainha, não passa de uma macaca. E você, não passa de um macaco também, todos aliás.

O rei não gostou de nada e mandou trancar o viajante.

A noite, o outro viajante recolheu algumas bananas e pos um remédio de dormir na banana.

O viajante falou para os macacos comerem porque era nutritivo.

Os macacos comeram e dormiram e o viajante salvou o outro viajante e foram embora.

De vez em quando precisamos mentir, mas não sempre.

O aluno fez a reescrita mantendo seu enredo. Na moral ressaltou que mentir sempre não é bom, mas de vez em quando pode.

Texto 39: Os dois viajantes na Macacolandia.

Havia dois meninos que estavam andando em uma floresta, mas na hora eles foram capturados por babuínos e infelizmente foram amarrados em uma árvore e um dos babuínos perguntou:

De onde vocês são?

Os dois meninos assustados disseram:

Nós somos de Rio Claro.

Muito interessante! Afirmou o babuíno.

E passou o tempo e os meninos não foram soltos até que um teve um plano para fugir e era assim: “se eu raspar o cipó ele vai se desfilar e depois eu soutarei o meu amigo, sorte que eu sou inteligente”.

Foi o que ele fez. Raspou o cipó na árvore. Ele desfilou e soltou o amigo e saíram correndo dizendo: “Conseguimos”

Moral: A amizade vale mais do que tudo.

Esse aluno mudou o enredo da fábula, bem como seu ensinamento.

Texto 40: Dois viajantes na Macacolandia.

Numa floresta havia dois viajantes perdidos, até derrepente eles acabaram entrando no Reino dos Macacos. Na Entrada dois gurilas de guarda pularam neles e os levaram ao Rei dos Macacos Simão III terceiro é um dos viajantes começou a elogialo e aí Simão disse:

Ora bom homem, arranje uma árvore boa e uma gentil e bella para esposa! Disse ele.

Mais o outro disse o que achava do Reino, mas o Rei não gostou nada e mandou pegarem ele, mais ele fugiu e conseguiu e o outro ficou com o conforto e outro desconforto.

Moral: Nem sempre a Verdade é necessária

A aluna grifou algumas palavras para enfatizar sua importância. O texto possui muitos erros ortográficos. Falta coerência e coesão textual.

Texto 41: Os dois viajantes na Macacolândia.

Havia dois viajantes que estavam perdidos, quando de repente guardas apareceram e levaram para o rei Simão XIV.

O rei Simão estava em pouco bravo e disse:

- O que vocês estão fazendo aqui?!

- Estamos perdidos, mas agora que eu estou aqui vendo esta maravilha de palácio, majestoso...

- E o outro o que acha?

- Não gostei, mais ou menos.

- O que?! Executem-no

*E assim foi o palácio não é bonito, mas nesta ocasião ele agiu errado.
Moral: Para salvar a sua vida se precisar dizer a mentira, diga!*

Conseguiu produzir sua reescrita respeitando as características do gênero.

Sobre a fábula *Os dois viajantes da macacolandia*, é pertinente comentar que seu ensinamento gerou polêmica na classe. A mentira é tida como algo errado e agora eles se deparam com uma situação que diz exatamente o contrário. Houve resistência de alguns alunos em dizer que a mentira é necessária. O aluno que fez o texto 39 optou por mudar seu enredo para *“não ter que mentir”*. Um grupo achou uma maneira de aliviar a culpa ao mentir. *“Se for necessário, tudo bem”*. Não sei se as crianças são capazes de discernir o que realmente seja *“necessário”*.

Fiquei preocupada e fiz alguns questionamentos para que a classe refletisse. *“Mentir para os pais quando fazemos uma coisa errada é necessário?”*. As crianças responderam que não. *“E se vocês forem apanhar por causa disso? Aí pode?”*. A classe ficou dividida e lembrei-me das colocações de Rousseau sobre as fábulas.

Realmente, a partir dessa experiência comecei a questionar se algumas fábulas não deveriam ser lidas somente por adultos. Ao mesmo tempo fico pensando porque Lobato teria colocado essa fábula em seu livro, já que tinha uma preocupação tão grande com as crianças. Não cheguei a uma conclusão, mas ficarei buscando uma resposta até encontrá-la.

3.4.9 Escrevendo suas próprias fábulas

Como texto de apoio, utilizei a página 22 do livro didático de Português, *Aprender Juntos 4*, com algumas adaptações. Passei na lousa a seguinte atividade:

Fábula

Vamos relembrar algumas características próprias das fábulas. Leia:

Personagens	Há sempre poucas personagens, em geral animais, que apresentam qualidades, defeitos e sentimentos típicos do ser humano.
Título	Os títulos apresentam as personagens principais do texto e não antecipam as ações delas, ou seja, eles não dão pistas sobre o assunto da história.
Enredos curtos	Não é preciso descrever em detalhes as personagens nem o lugar onde se passa a história, porque é por meio da ação das personagens que vamos entender qual é o ensinamento passado. Por esse motivo, as fábulas não são longas.
Ensinamento	Toda fábula tem o objetivo de transmitir um conselho ou ensinamento. Assim, mesmo que a moral não seja escrita, é muito importante deixar claro, por meio da história, qual é a lição que se pretende passar.

Que tal escrever uma fábula? Para isso, não se esqueça de nenhum dos itens do quadro acima.

Produzindo

Em uma folha à parte, você irá elaborar uma fábula. Antes de começar a escrever, pense nas seguintes questões.

- Quem são os personagens que aparecerão na fábula?
- Como eles agem?
- O que vai acontecer?
- A história será contada por um narrador ou haverá diálogos?
- Os diálogos serão indicados com aspas ou travessão?
- Qual é o ensinamento da história?
- Que título seria mais adequado para essa história, escrita como fábula?

Quando terminar de escrever, você trocará de texto com um colega e:

- 1) Ler o texto do colega com atenção.
- 2) Ler novamente grifando as palavras que você acredita estarem erradas ou que você não entendeu.
- 3) Fazer observações quanto à falta de título, parágrafo, se é realmente uma fábula, enfim, tudo o que pode ser melhorado no texto.
- 4) Destrocar os textos e passá-lo “a limpo” com as mudanças que você julgar necessárias.

Esta atividade foi bastante prazerosa para as crianças. Algumas confessaram que já estavam pensando em fazer sua própria fábula, e dois alunos disseram já ter até mesmo esboçado uma fábula em casa sem que a professora tivesse pedido. Achei fantástico, pois o real papel da escola não seria o de criar nas crianças vontade de aprender por si só? Despertar a vontade de escrever um texto

sem que haja obrigação ou nota para isso? Senti então que estes objetivos estavam sendo alcançados.

A troca de texto causou um pouco de desconforto, pois as crianças tinham medo que o colega “tirasse sarro” do seu texto (expressão utilizada pelas crianças). Acalmei os ânimos e disse que o objetivo da atividade era que o colega desse uma opinião de amigo para que o outro tivesse seu texto melhorado. “Final, o amigo sempre dá opinião para ajudar, não é?”. Eles concordaram.

Mesmo assim, quando os textos foram destrocados algumas crianças vieram comentar que o colega havia grifado palavras que estavam grafadas corretamente, ou não tinham visto um erro que o aluno acabou achando em seu próprio texto. Houve um aluno que veio reclamar que a colega não grifou nada, ao que a mesma respondeu que não achara nada errado no texto. Coloquei para eles que agora teriam que ler seu texto novamente e em outra folha mudar o que fosse necessário. Não era preciso, para isso, concordar com a opinião do colega. O importante era que o texto fosse melhorado. No geral, as crianças acabaram corrigindo mais os erros ortográficos, poucos observaram se o colega fez o que era proposto – uma fábula.

Texto 42: O burro e a raposa

Primeira versão

Havia um burro que tinha o compromisso de cuidar dos bolinhos que dona aranha preparou, ele começou a ficar com sono e dormiu. Uma raposa, espiondo foi ver o que era.

- Um que delícia esses bolinhos – disse a raposa e voz baixa.

*A raposa estava com fome; ela viu o burro dormindo profundamente e aí – nhoc!
– comeu os bolinhos; aprendeu a lição.*

Moral: Quando se tem um compromisso cumpra.

Segunda versão

Havia um burro que tinha o compromisso de cuidar dos bolinhos que dona aranha preparou, ele começou a ficar com sono e dormiu. Uma raposa, espiondo foi ver o que era.

- Ummmmm... que delícia esses bolinhos – Disse a raposa e voz baixa.

*A raposa estava com fome. Ela viu o burro dormindo profundamente e aí – Nhoc!
– comeu os bolinhos e o burro aprendeu a lição.*

Moral: Quando se tem um compromisso cumpra.

O colega que leu o texto na primeira versão grifou as palavras compromisso, espiando e voz. Na segunda versão a criança não julgou necessário corrigir as palavras, pois estavam grafadas corretamente. No entanto, mudou a palavra “Um” para “Ummmmm..”, com o intuito de enfatizar que se tratava de uma interjeição e não de número. Também mudou a pontuação em “A raposa estava com fome. Ela viu o [...]” e “comeu os bolinhos e o burro aprendeu a lição.” Mudou a letra para maiúscula em “– Disse a raposa em voz baixa.” E em “– Nhoc!”. Acrescentou “o burro aprendeu a lição”, para dar mais entendimento no texto.

Texto 43: A lagarta e a formiga

Primeira versão

Era uma vez uma formiga que só se achava, e o sonho dela era ser cantora.

Um dia a formiga encontro a lagarta e falou: o que faz por aqui (,) não vez que estou ensaiando para o concurço de melhor cantora? Sim sim disse a lagarta, mais a senhora não sabia que o concurço foi ontem e quem ganhou fui eu? a formiga toda envergonhada deu duas tocidas e falou em voz baixa eu tenho que acabar com ela.

No dia seguinte teve mais um concurço e quem ganhou foi a lagarta, passou um tempinho todos viram a formiga espatifada no chão e disseram inveja mata.

Segunda versão

Uma formiga que só se achava, tinha o sonho de ser cantora.

Um dia a formiga encontrou a lagarta e falou: O que faz por aqui, não ve que estou ensaiando para o concurso de melhor cantora? Sim sim disse a lagarta, mais a senhora não sabia que o concurso foi ontem e quem ganhou fui eu? a formiga toda envergonhada deu duas tocidas e falou em voz baixa eu tenho que acabar com ela.

No dia seguinte teve mais um concurso e quem ganhou foi a lagarta, passou um tempinho todos viram a formiga espatifada no chão e disseram inveja mata.

Na primeira versão o colega que corrigiu grifou: Era uma vez, vez, “ensaiando” e as duas primeiras vezes que a palavra “concurço” aparece. Também acrescentou uma vírgula (o que faz por aqui (,) não...). Não corrigiu “tocidas”, nem a ultima vez que a palavra “concurço” aparece. Ao receber seu texto, a aluna fez as correções sugeridas pelo colega e melhorou por conta própria o primeiro parágrafo, corrigiu a palavra encontrou, colocou letra maiúscula (falou: O), mas não foi capaz de corrigir a pontuação do texto, palavra “tocidas”, separar os diálogos por travessão ou aspas.

Texto 44: O pernelongo e a aranha

Primeira versão

A via um pernelongo, que tinha saído de casa, e siperdeu e em controu uma aranha e o pernelongo falou:

- Oi Mosa eu me perdi de casa você pode me ajudar.

E a aranha dise:

- Esta bem, mas eu quero que você venha na minha casa para você ficar um tempo até eu em contrala.

- Esta bem.

Quando o penelongo chegou ela prendeu ele e foi comelo quando veio um pernelongo que prendeu a aranha e sauvou o pernelongo ele falou.

- O brigado porme me salvá.

- Ate encontrou a mãe do penelogo e ela ficou feliz.

Moral: Nunca saia de casa sem um aduto por perto,

Segunda versão

Avia um pernelongo, que tinha saído de casa, e se perdeu e viu uma aranha e o pernelongo falou:

- Oi moça eu me perdi de casa você pode me ajudar?

E a aranha dise:

- Esta bem, mas eu quero que você venha na minha casa para você ficar um tempo até eu encontrala.

- Esta bem.

Quando o penelongo chegou, ela prendeu ele e foi comelo quando veio um pernelongo adulto que prendeu a aranha e salvou o pernelongo. Ele falou.

- Obrigado por me salvar.

Até encontrou a mãe dele. Eles ficaram feliz por ter conseguido encontra-lo.

Moral: Nunca saia de casa sem uma pessoa que mora com você.

A criança que trocou de texto com ele devolveu sem nenhuma alteração. Disse que o texto estava perfeito. O autor do texto ficou contrariado e veio me questionar. “Mas, sora, ela não corrigiu nada!”. Disse a ele que podia concordar ou não com a correção da colega. Deveria ler o texto novamente e fazer as correções que julgasse necessárias. Note que na segunda versão o próprio aluno fez diversas alterações, melhorando o seu próprio texto de acordo com a bagagem que possuía.

Após essa atividade, continuamos com a leitura de *Reinações de Narizinho*, partindo para o capítulo *O pó de pirlimpimpim*. Mas, a proposta deste trabalho termina por aqui.

Gostaria de encerrar com essa fábula criada por uma aluna. Acredito que ela conseguiu colocar todas as características pertinentes a uma fábula. Veja:

Texto 45: Os animais e o Natal

Era dia de Natal. Os animais fizeram uma ceia para comemorar.

Cada um queria ganhar um presente melhor que o outro.

Uma serpente disse:

- Eu quero um celular.

O macaco disse:

- Eu quero uma Ferrari

O Papai Noel ficou doidão.

O leão não gostou daquilo. Ele se irritou, comeu o Papai Noel e disse:

- Ninguém vai ganhar presente.

E foi embora.

Moral: Quem muito quer nada tem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de, como professora, estar sempre buscando atividades que sejam significativas para meus alunos, talvez esteja intimamente ligado à minha vida escolar, quando as atividades de Língua Portuguesa não eram, para mim, nem um pouco significativas. Era uma aluna mediana e me esforçava muito para conseguir chegar à média. Meus professores não contribuía e só fui dar conta das minhas dificuldades quando entrei no magistério e me tornei bolsista de uma escola particular. Naquele momento, tive que enfrentar uma professora que me humilhava perante minhas colegas e, por essa razão, corri sozinha atrás do prejuízo para não perder minha bolsa e decepcionar meus pais. Consegui, através de muita leitura.

Os contatos que tive com fábulas na escola não foram experiências muito agradáveis. Em 1980, eu cursava a 2ª série do então chamado 1º grau. Lembro-me que na cozinha da minha casa havia um calendário com duas folhas. Na primeira, os meses de janeiro a junho; na segunda, de julho a dezembro. Como ilustração, havia uma cena com animais vestindo roupas e em duas patas; sobre ela um título e embaixo a famosa “moral da história”. Tratava-se da ilustração de duas fábulas. Como não havia o texto das mesmas, eu costumava observar a figura e inventar histórias com elas. A moral eu reproduzia ao pé da letra, pois não tinha condições de entender a sua subjetividade. Sempre ouvia, vez por outra, a professora ler uma fábula ou ilustrar uma aula com ela, mas todas as vezes a leitura era apenas de simples decodificação. Nunca entendia o que a moral tinha a ver com a estória.

Mais tarde, na 6ª série, a professora de português nos apresentou quatro frases com “moral da estória” para que, como tarefa, escolhêssemos uma e fizêssemos um texto. A atividade não foi discutida, nem sequer a proposta foi explicada. Simplesmente as frases foram entregues sem nenhum comentário explicativo. Mesmo assim, criei minha estória com toda empolgação. Nunca me esquecerei de que na personagem principal coloquei o nome da minha amiga que havia acabado de perder o tio, que representava para ela a figura paterna, e de sua avó, que era muito carinhosa com ela e que muitas vezes representava sua figura materna. Escolhi a frase “não há rosas sem espinhos!” e narrei o desespero da menina em encontrar uma rosa que não tivesse espinho. No final, a avó consolou-a

dizendo: “- Não chore minha neta, as rosas são muito belas e precisam se defender, por isso, não há rosas sem espinhos”. Em classe, a professora pediu para que lêssemos nossas narrativas. A primeira a ler foi a Renata, uma das melhores alunas da classe, e nem prestei atenção na sua história, mas me lembro que a moral escolhida foi “em casa de ferreiro o espeto é de pau”. Após a sua leitura, outros “melhores alunos” também leram suas histórias. Era praxe que sempre os mesmos alunos lessem. Minha excitação era tão grande que não abaixava a mão e pedia “eu, eu...”, queria ler a todo custo e tanto insisti que a professora deixou. Foi a primeira e última vez. Após ler minha produção a professora disse, aos berros, que não era aquilo que ela havia proposto e as risadas dos colegas ecoam até hoje nos meus ouvidos. Primeiro, ela não havia proposto nada, a não ser escrever uma história e colocar a frase no final dela, e era exatamente o que eu tinha feito. Segundo, se ela tivesse me questionado o porquê de escrever daquela forma, o que pensei para escrever, veria que havia muito mais coerência com a moral proposta do que ela, meus amigos e eu pensávamos.

Rememorando hoje essas experiências que vivi, entristeço-me ao pensar que não são tão diferentes daquelas que outras crianças ainda vivem, atualmente, em sala de aula. Desse modo, penso que cabe ao professor buscar meios para criar um espaço de estímulo e aprendizado para seus alunos.

Foi buscando esse meio prazeroso de aprendizado que optei por trabalhar com Monteiro Lobato. Posso garantir que esse trabalho em sala de aula traz um prazer tão grande em realizar o Plano de Aula que o professor não sabe bem se está pensando em atividades mais prazerosas para os alunos ou se, na verdade, está tornando sua prática mais prazerosa e assim atendendo a uma necessidade não só do aluno, mas dele próprio.

Os objetivos do meu projeto foram alcançados. Trabalhamos com a estrutura e características do gênero e criamos condições para que os alunos reescrevessem fábulas. Por consequência, recuperamos os ensinamentos das fábulas no cotidiano escolar, enquanto discurso da sabedoria, e trabalhamos com a intertextualidade na sala de aula.

Nas leituras dos capítulos de *Reinações de Narizinho*, realizadas todos os dias, meus alunos e eu viajamos junto com a leitura para mundos que só a imaginação de cada um é capaz de descrever com riqueza de detalhes. Essa

imaginação aguçada despertou nas crianças a vontade de ler mais, principalmente outros livros do autor, bem como os originais de *Dom Quixote*, *Pinóquio*, *Fábulas de La Fontaine*, *Peter Pan*, entre outros.

Percebeu-se melhora na produção de textos, na criatividade ao desenhar, no discurso falado, e o assunto da classe evoluiu de “Reboleixon” (música da moda) para críticas de filmes clássicos, comparados com a leitura dos livros originais, os seriados da TV, os livros que utilizam os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* e o imaginário da criança. Um dia, tivemos o seguinte diálogo: “A *Emília* nunca usou esse vestido vermelho e amarelo, né Sora? O Lobato “falou” que ela foi trocando de vestido, mas nunca foi esse”. “E qual você mais gostou?”- perguntei. “Do Lobato é claro, porque ele é bem mais bonito”. “Sabe por quê? Por que ele é do jeitinho que a SUA imaginação quer que ele seja, e não do jeito que uma outra pessoa imaginou” - respondi.

A experiência foi muito proveitosa. No entanto, percebo hoje que é preciso que o professor esteja sempre avaliando sua prática para melhorá-la. As leituras das fábulas vinculadas com a leitura de *Reinações de Narizinho* e o embasamento teórico prévio trouxeram muitos subsídios para uma aula diferente e divertida, mas, ao final, pude perceber que pequei pela repetição. Quando fazemos uma coisa que dá certo, buscamos repeti-la, mas precisamos tomar cuidado para que essa prática não se torne cansativa.

Hoje, faria diferente. Se em cada fábula eu tivesse trazido uma coisa diferente para as crianças fazerem, meus alunos não ficariam tão cansados em fazer as reescritas. Pequei porque iniciei todas as aulas da mesma forma. Leitura de *Reinações de Narizinho*, leitura das versões das fábulas apresentadas no capítulo, confecção da ficha comparativa, seguida da avaliação formativa e, por fim, a reescrita.

Iniciamos a leitura do capítulo proposto no trabalho com desenhos, teatro, pesquisas. Depois, porque achei necessário reescrever todas as fábulas, e por uma questão de tempo, resolvi seguir sempre um mesmo esquema. Seria realmente necessário reescrever todas as fábulas? Poderíamos ter feito outros tipos de releitura, como criação de um painel coletivo gigante, algum tipo de entrevista, mais pesquisas, mais teatro, dança talvez.

O trabalho me trouxe esse desassossego. Mas é certo que a empolgação das crianças com Monteiro Lobato ultrapassa gerações. Estamos passando pela geração da informação, como já mencionamos no início deste trabalho. Mas como fica a formação de nossas crianças? Ouvi alguém comentar que a *internet* informa, “in” forma, mas não forma. Concordo. Cabe à família, à sociedade e à escola esta formação, principalmente à escola, quando as duas primeiras deixam de cumprir esse importante papel.

Hoje, quando recebo depoimentos de ex-alunos, através da minha página no *Orkut*, sobre o trabalho com Monteiro Lobato, chego à conclusão de que estou no caminho certo. Esta semana recebi um depoimento de um aluno que dizia o seguinte: *“Professora, muito obrigado por me deixar ler todos aqueles livros grossos de Monteiro Lobato. Saiba que eu continuo lendo muito e graças a suas aulas engraçadas, meus professores me elogiam muito, dizem que eu escrevo muito bem e perguntam onde eu estudava. Eu sempre respondo: No Marrote e com a professora Gracilene. Nunca vou te esquecer. Obrigado, Sora!”*

É isso que dá força para que um professor não desista. Devido a uns problemas de saúde, não consegui concluir este ano meu trabalho com Monteiro Lobato, pois fui novamente afastada da sala de aula. Espero que no ano que vem eu possa retornar e continuar mostrando como vale a pena ler, principalmente Monteiro Lobato.

Aaah! Que pena!
 tá na hora
 de ir embora.
 Não queria, não queria ir
 Queria mais história
 é tão lindo.
 Fico triste de pensar que tudo pode terminar.
 Minha vida
 tem dois mundos.
 por de fora é chamado de realidade
 e o que está no peito
 bem guardado
 que se chama ilusão. [...]
 Seria bem melhor
 se a vida fosse assim
 Pirlimpimpim.
 Tudo que é real virava fantasia. [...]
 Já que a vida tem dois mundos:
 Realidade e ilusão.
 Todo mundo bem podia ter os dois no coração.

(Música: Real Ilusão. Dalton Nóbrega Esp. Pirlimpimpim. Rede Globo, 1983)

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Os caminhos dos livros**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2003.

ADRADOS, F. R. **História de la Fabula Greco-latina**. Introduccion y de los origines a la edad helenistica. Madri: Editorial de la Universidad Complutense, v. 1 e 2, 1979-1987.

ALBANESE Jr., R. **La Fontaine à l'école républicaine**: du poète universel au classique scolaire. Charlottesville: Rookwood Press, 2003.

ALVES, F. **Noções Gerais de Literatura**. Rio de Janeiro: FTD, 1929.

BAGNO, M. www.scribd.com/doc/6946592/Bagno-Fabulas ACESSO EM 22/06/10.

_____. Fábulas Fabulosas. In: CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. (orgs.). **Práticas de Leitura**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.261-305.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Experiência e pobreza. In: **Obras escolhidas** – Magia e técnica, arte e política. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. v.2. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2001.

_____. Brasil, Ministério da Educação. PDE: **Plano de Desenvolvimento da Educação**: Prova Brasil: ensino Fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

CARVALHO, B. V. **Literatura infantil**: estudos. São Paulo: Lótus, 1973.

CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. (orgs.). **Práticas de Leitura**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CEGALLA, D. P. **Dicionário Escolar da língua portuguesa**. 2ª Ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2008.

CHAMBRY, E. (Org. e Trad.). **Ésope. Fables.** Paris, Société d'édition "les belles lettres"; Collection des Universités de France; publiée sous le patronage de l'association Guillaume Budé, 1927.

COELHO, N. N. **A Literatura Infantil.** São Paulo/Brasília: Quiron/INL/MEC, 1981.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil.** São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

DEZOTTI, M. **O professor e a mediação de leitura: Uma experiência com Monteiro Lobato.** Dissertação (mestrado em Letras), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004.

DEZOTTI, M. C. C. **A tradição fabular: de Esopo a La Fontaine.** Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

ESOPO. **Fábulas de Esopo.** Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2003.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à Pesquisa Científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2001.

INTERTEXTUALIDADES. Poetique: **Revista de Teoria e Análise Literária**, n. 29. Coimbra: Livraria Almedina, 1979, p.21.

JINZENJI, M. Y. **A reescrita das fábulas pelos liberais moderados no início do século XIX brasileiro.** UFMG . GT-02: História da Educação, artigo em PDF. 2008.

JOLIBERT, J. et. al. **Além dos muros da Escola: A escrita como ponte entre alunos e comunidade.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos.** Coleção: caminhos da lingüística. São Paulo: Contexto, 1997.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida.** São Paulo: Moderna, 2000.

LA FONTAINE, J. de. **Fábulas.** v.1.; traduzidas por poetas portugueses e brasileiros. São Paulo: Landy Editora, 2004.

_____. **Fábulas de Esopo** – Adaptação de Lúcia Tulchinsky. São Paulo: Scipione, 1998.

LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A 2002.

_____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. 17ª Reimpressão da 48ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Fábulas**. 1ª Ed. São Paulo, 2008.

_____. **A barca de Gleyre**. 14ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. v. 8. 1946.

LOPES, E. M. T. et. al. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACHADO, A. M. **Contracorrente: Conversas sobre leitura e política**. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, A. R. **Gêneros de textos, heterogeneidade textual e questões didáticas**. ABRALIN, nº 23, 1998.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PONTES, J. M. F. **Dicionário antológico das literaturas portuguesa e brasileira**. [S.1.]: Formar, [197-?]. v.1.

PORTELLA, O. **A fábula**. 1979. 91 f. Trabalho de pesquisa apresentado à COPERT, Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1979.

RIBEIRO, M. A. H. W. **Um diálogo com Reinações de Narizinho de Monteiro Lobato**. In: MICOTTI, M. C. de O. (org.), **Alfabetização: o trabalho em sala de aula**. – Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, 2000. p. 161-184.

_____. **Guia de Leitura de Reinações de Narizinho**. Projeto da UNESP/Fapesp em CD-ROM. 2005.

ROCHA, R. **Minidicionário Ruth Rocha**. São Paulo: Scipione, 1996.

_____. **Fábulas de Esopo**. Ed. renovada. São Paulo: FTD, 2006.

ROJO, R. Letramento e diversidade textual. In: CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. (orgs.). **Práticas de Leitura**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

ROSA, N. S. S. **Monteiro Lobato**: crianças Famosas. São Paulo: Callis, 1999.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

SANDRONI, L. **Minhas Memórias de Lobato**. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2002.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Os gêneros escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, nº 11. 5-17. 1999.

_____. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça francófona. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez. 1990.

SOUZA, L. N. **O processo estético de reescrituras das fábulas por Monteiro Lobato**. Dissertação (mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

TRIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2003.

VAL, M. da G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. (orgs.). **Práticas de Leitura**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VARGAS, M. V. A de M. **Reflexos da fábula indiana nos textos de Monteiro Lobato**. Magma, São Paulo, nº 2, p. 74-87, 1995.

_____. **Do Pañcatantra a La Fontaine**: tradição e permanência da fábula, 1990. Tese (Doutorado em Filosofia e Linguística Românica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

VASCONCELOS, A. **Aprender juntos português**. 4º ano: ensino fundamental. 2ª Ed. São Paulo: Edições SM, 2008.

ZILBERMAN, R; LAJOLO, M. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 4. Ed. São Paulo: Global, 1993.

_____. **A Formação da leitura no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1998.

ANEXO A – Atividades dos alunos: Propagandas dos livros de Monteiro Lobato.

Transcrição dos cartazes feitos pelas crianças para divulgação dos livros de Monteiro Lobato. Os erros de escrita não foram corrigidos.

Texto 46: Cartaz de propaganda do livro *Serões de Dona Benta*.

Leiam este livro.
Porque é muito legal.
Porque vocês vão aprender Ciências e Geografia.
Vocês não sabem o que estão Perdendo.

Texto 47: Cartaz de propaganda do livro *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

Propaganda: Veja como Hércules consegue derrotar a medusa que com um olhar é capaz de transformar uma pessoa em pedra. Leia e veja as mais grandes aventuras de Hércules e leia as "asneirices" falou! Leia! É interessantíssimo.

Texto 48: Cartaz de propaganda do livro *Memórias da Emília 1*.

Jornal Escola Informa
Livros Monteiro Lobato, fantásticos que levam os leitores para o mundo de fantasias e literatura.
O livro Memórias de Emília destaca no livro mais engraçado do ano com a parte onde o Popeye é do mal e luta contra o capitão Gancho, e o coitadinho do Visconde...
Só lendo para descobrir!
Se surpreenda com a inteligência de Monteiro Lobato.

Texto 49: Cartaz de propaganda do livro *Memórias da Emília 2*.

Você quer saber como a danadinha da Emília troca o espinafre do Popeye por couve amassado, e o Popeye come e fica todo fraco? Então venha ler este livro. É muito legal e engraçado. Leia!

Texto 50: Cartaz de propaganda do livro *Memórias da Emília 3*.

Leiam este livro
Não perca este maravilhoso livro de Monteiro Lobato, em que Emília, com ajuda de Visconde de Sabugosa e muito mais, escreve um livro contando todas as aventuras da turma do Sítio.
Não perca a luta entre Pedrinho e Pete Pan contra Popeye, e outras várias aventuras.
Divirta-se lendo Memórias da Emília...
Leia!!

Texto 51: Cartaz de propaganda do livro *A chave do Tamanho*.

Este livro tem uma coisa muito interessante: Leiam!
A Emília entra numa casa cheia de chave e acha uma das chaves preciosas do mundo, era a chave do tamanho.
Ela tocou na chave do tamanho e ficou pequenininha. Só que depois ela encontrou uma caixa de fósforo-de-segurança e entrou dentro. Quando ela saiu ela estava pelada. E ela ficou com muita vergonha.

Texto 52: Cartaz de propaganda do livro *Don Quixote das Crianças*.

Leia esse livro eu sei que você vai gostar
Emília estava atrás dos livros de Dona Benta lendo os livros da prateleira de baixo. Mas ela sempre queria ler os livros da prateleira lá de cima, mas ela não alcançava. Um dia ela pediu para o visconde uma escada. Emília subiu a escada, mas ela não conseguia pegar o livro. O resto você só vai saber se ler o livro.

Texto 53: Cartaz de propaganda do livro *História do Mundo para Crianças*.

Leia! Lenham o livro mais espetacular de Rio Claro.
Monteiro Lobato faz questão de que nós participamos dessa aventura com, Emília, Narizinho, Pedrinho e o resto da turma no livro: Histórias do mundo para crianças.
Lá você aprende as perguntas sem respostas, as coisas científicas, etc.
Esse livro educa e diverte as crianças do mundo inteiro Não perca! Quando a Emília descobre a ciência!

Texto 54: Cartaz de propaganda do livro *Viagem ao Céu*.

Se você acha que andar de “jetisqui” é legal, imagine andar de cometa, no livro “Viagem ao Céu” a turma do sítio viajam até o céu. Se você não quer perder essa fantástica aventura corra já para uma papelaria de seu bairro.

Texto 55: Cartaz de propaganda do livro *Caçadas de Pedrinho*.

Este livro é uma aventura animal. Pedrinho, Emília e Narizinho vão se aventurar pelo capoeirão.
A inveja lá vai correr a toa, Emília tem um rinoceronte e narizinho e Pedrinho ficarão com inveja, Pedrinho diz que se fosse Emília, montaria em três rinocerontes ao mesmo tempo.
Descubra o que vai acontecer. Leiam o livro Caçadas de Pedrinho, você vai adorar.
Escritor do livro: Monteiro L.

ANEXO B – Atividades espontâneas dos alunos: Cartas para Monteiro Lobato.

Observação: Abaixo seguem as produções feitas pelas crianças sem as devidas correções.

Texto 56: Carta para Monteiro Lobato 1.

Querido escritor Monteiro Lobato você é um gênio eu gosto muito de seus livros e de suas idéias maravilhosas você criou muitos personagens [...] seus livros são muito legais você tem muita inspiração nesses livros todo mundo gosta deles eu gosto muito do Visconde porque ele é gênio a Emilia quer dar muita aventura Narizinho também tia Nastácia faz uns bolinhos de chuva maravilhosos que da água na boca. Dona Benta a dona do sítio do Picapau amarelo é muito legal lá o porco Rabicano vive lá também temos o Sasi que fica na floresta fazendo travessuras com as pessoas queria que ele fosse mais bonzinho eu gosto muito de você Lobato você é um escritor e tanto.

Texto 57: Carta para Monteiro Lobato 2.

Olá Monteiro Lobato

Eu gostei de todos os seus livros pra mim ler falta 2, o livro Viagem ao céu e o que lançou o Dom Quixote das crianças em quadrinhos.

Lobato eu gosto muito dos seus personagens que eu gostei mais foi da Emilia porque ela é sapeca, quer tudo, tagarela, etc.

A professora Gracilene gosta muito de você, no caderno de português tem tudo sobre você, ela fala que você é o autor mais querido, ela fala que você fez todos os livros a esqueci seus livros são uma beleza.

PS: Eu esqueci a Professora Gracilene sempre explicou onde você nasceu, que dia, que ano e muito mais.

Texto 58: Carta para Monteiro Lobato 3.

Querido Lobato

Tudo Bem com você?

Eu estou ótima

Meu nome é Bella tenho 10 anos e moro em Rio Claro- SP.

Bom primeiramente gostaria de dizer que adorei todos os seus livros que li. Ainda faltam alguns, mas pretendo ler todos.

Para mim a sua melhor obra foi memórias da Emília, pois é uma história legal e divertida, mas adorei também *O saci*, *O Minotauro*, *Viagem ao Céu* e *Histórias diversas* entre outros.

Como não seria diferente, a minha personagem favorita é a Emília. Porque ela é loquinha, fala o que pensa é muito engraçada, também adoro Narizinho e todos os outros Personagens, mas tenho dó do pobre Visconde, pois ele sempre serve de Capacho para a Emilia, e quase sempre morre.

O meu maior sonho, é participar de um livro seu, pois já estou viciada no sítio. Adoro o carinho com que trata seus fãs lendo e respondendo todas as cartas que eles mandam a você.

Por isso mais coisas você é o melhor escritor do mundo para mim, Beijos

Bella

PS: Te adoro!!

Texto 59: Carta para Monteiro Lobato 4.

Querido Monteiro Lobato adoro os seus livros e principalmente a Emilia sempre muito divertida e engraçada. Aqui onde eu estudo a minha professora também é engraçada e adora os seus livros assim como todos os alunos da 4ª G. Gosto muito de ler Reinações de Narizinho tanta coisa nova, legal e sempre muito divertida. Na férias fui ao sítio onde morava e adorei rever sua história e seus objetos de quando era mais jovem também vi suas roupas e etc. Li também vários livros [...]

Você ia adorar conhecer a minha professora maluquinha ela é divertida, super engraçada... e sempre muito criativa, você devia por ela em um livro seu, acho que a Emilia ia ficar morrendo de inveja. Nós já fizemos várias coisas sobre o sítio do Picapau amarelo tipo inventamos um personagem, fizemos a Emilia e o Visconde e até cada aluno fez um personagem do sítio. Eu fiz de Narizinho e até hoje eu lembro direitinho de cada palavra. Gostei muito de conversar com você.

Milhares de beijos e até a próxima!!!

Ass: Super Tiffany

ANEXO C – Folhas que as crianças receberam com diferentes versões das fábulas.

O Lobo e o Cordeiro



O LOBO E O CORDEIRO

Na límpida corrente de um ribeiro
Mata a sede um cordeiro.
Chega um lobo em jejum que a fome atíça,
A farejar carniça.

"Ousas turvar-me as águas, malcriado?"
(Uiva o lobo irritado).

Cordeiro

"Rogo, senhor, a Vossa Majestade,
E com tôda a humildade,
Que não se zangue com seu pobre servo;
Pois, respeitoso, observo

Que embaixo e no declive estou bebendo,
E a água vem descendo".

"Turvas (retruca o bárbaro animal):
Demais, falaste mal,
Há seis meses, de mim".

Cordeiro

"Não é verdade;
Conto só três de idade;
Não tinha inda nascido".

Lobo

"Pois então
Falou um teu irmão".

Cordeiro

"Não o tenho".

Lobo

"Foi um dos teus parentes,
Que me têm entre dentes;
E eu vingo-me de vós — cães e pastores,
Que sois tão faladores".

Disse, e sobre o cordeiro se despenha
E o conduz para a brenha,
Onde o come do mato no recesso,
Sem forma de processo.

Qual a razão do mais forte predomina
Esta fábula ensina.

BARÃO DE PARANAPIACABA



O LOBO E O CORDEIRO

Na água límpida de um regato,
matava a sede um cordeiro,
quando, saindo do mato,
veio um lobo carniceiro.

Tinha a barriga vazia,
não comera o dia inteiro.
- Como tu ousas sujar
a água que estou bebendo?
- rosnou o Lobo a antegozar
o almoço. - Fica sabendo
que caro vais me pagar!

- Senhor - falou o Cordeiro -
encareço à Vossa Alteza
que me desculpeis mas acho
que vos enganais: bebendo,
quase dez braças abaixo
de vós, nesta correnteza,
não posso sujar-vos a água.

- Não importa. Guardo mágoa
de ti, que ano passado,
me destrataste, fingido!
- Mas eu nem tinha nascido.
- Pois então foi teu irmão.
- Não tenho irmão, Excelência.
- Chega de argumentação.
Estou perdendo a paciência!
- Não vos zangueis, desculpai!
- Não foi teu irmão? Foi o teu pai
ou senão foi teu avô.
Disse o Lobo carniceiro.
E ao Cordeiro devorou.

*Onde a lei não existe, ao que parece,
a razão do mais forte prevalece*

O lobo e o cordeiro

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? — disse o monstro arreganhando os dentes. Espere, que vou castigar tamanha má-criação...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

— Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

— Além disso — inventou ele — sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

— Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

— Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser o meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

— E — *nhoque!* — sangrou-o no pescoço.

Contra a força não há argumentos.

Estamos diante da fábula mais famosa de todas — declarou Dona Benta. Revela a essência do mundo. O forte tem sempre razão. Contra a força não há argumentos.

— Mas há a esperteza! — berrou Emília. Eu não sou forte, mas ninguém me vence. Por quê? Porque aplico a esperteza. Se eu fosse esse cordeirinho, em vez de estar bobamente a discutir com o lobo, dizia: "Senhor Lobo, é verdade, sim, que sujei a água deste riuzinho, mas foi para envenenar três perus recheados que estão bebendo ali embaixo." E o lobo com água na boca: "Onde?" E eu, piscando o olho: "Lá atrás daquela moita!" E o lobo ia ver e eu sumia...

— Acredito — murmurou Dona Benta. E depois fazia de conta que estava com uma

espingarda e, *pum!* na orelha dele, não é? Pois fique sabendo que estragaria a mais bela e profunda das fábulas. La Fontaine a escreveu dum modo incomparável. Quem quiser saber o que é obra-prima, leia e analise a sua fábula do Lobo e o Cordeiro.

M.L.

A Cigarra e a Formiga

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga.
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso estio.

“Amiga, diz a cigarra,
Prometo, à fé d'animal,
Pagar-vos antes d'agosto
Os juros e o principal”.

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso junta.
"No verão em que lidavas?"
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: - "Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora".
"Oh! bravo", torna a formiga.
"Cantavas? Pois dança agora!".

LIÇÃO DE VIDA: Os que não pensam no dia de amanhã, pagam sempre um alto preço por sua imprevidência.

BOCAGE

A cigarra e as formigas

Era uma vez uma jovem cigarra que não fazia outra coisa na vida a não ser cantar.

Encontrava as mais lindas canções perto de um formigueiro.

Enquanto isso, as formigas trabalhavam sem parar.

Coziam pedações de folhas para torrar o berrão das formigas recém-nascidas. Transportavam grãos para que no inverno tivessem o que comer. Enfim, viviam atarefadas, trabalhando e saando do formigueiro.

O inverno chegou. O frio era tanto que a cigarra quase ficou congelada. Então, bateu na porta do formigueiro à procura de um lugar quentinho para se abrigar.

- Olá! Será que eu posso entrar? Estou com frio e com fome!

A guardiã do formigueiro não se conteve:

- O quê? Enquanto nós trabalhamos duro, você só pensava em se divertir. Pois agora: boa diversão! - disse.

E bateu a porta na cara da cigarra, que foi obrigada a cantar em outra freguesia.

Os preguiçosos não têm a colher.

A Cigarra e a Formiga

Tendo a cigarra cantado durante o verão, apaixonou-se com o frio da próxima estação.

Sem mosca ou verme para se alimentar,

Com fome, foi ver a formiga, sua vizinha,

pedindo-lhe alguns grãos para agüentar

Até vir uma época mais quentinha!

- "Eu lhe pagarei", disse ela,

- "Antes do verão, palavra de animal,

Os juros e também o capital."

A formiga não gosta de emprestar,

É esse um de seus defeitos.

"O que você fazia no calor de outrora?"

Perguntou-lhe ela com certa espreiteza.

- "Noite e dia, eu cantava no meu posto,

Sem querer dar-lhe desgosto."

- "Você cantava? Que beleza!

Pois, então, dance agora!"

Esopo

A cigarra e as formigas

1 - A FORMIGA BOA

Houve uma jovem cigarra que tirava o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando chovia; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna fãta de abastecer as tuhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas focas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galinheiro seco e nestida em grandes apuros, debilitou socorreu-se de alguém. Manquiolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigia para o formigueiro.

Bateu - *tap, tap, tap, figue, figue...*

Apareceu uma formiga frutuosa, embrulhada num xalinho de palha.

- Que quer? - perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tosse.

- Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...



A formiga olhou-a de alto a baixo. - É que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda vermelho, respondeu depois dum acesso de tosse.

- Eu cantava, bem sabe...

- Ah!... exclamou a formiga, reconduzindo-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós trabalhávamos para encher as tuhas?

- Isso mesmo, era eu... - Foi entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua canterria nos proporcionou. Aquela chibido sua distraía e aliviava o trabalho. Distintos sempre: que felicidade ser como vzinha tão gentil cantoral! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entous, sarra da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

II - A FORMIGA MA

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e cam duceca a sepelir de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo sem casa onde abrigar-se, nem fôhitas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou - emprestado, porcel! - uns miséricórdia restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem conrâncias. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

- Que festa você durante o bom tempo?

- Já... eu cantava...

- Cantar? Pois dêmos agora, vagabunda! - e fechou-lhe a porta no nariz. Revoltada: a cigarra ali morreu entusgaíntia; e quando voltou a primavera o inverno apresentava um aspecto mais triste, e que faltava na música do mundo o seu característico ibiquêda cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usúria ma tivesse: quem daria pela fãta (fãta)

Os artigos - *Novéla, fábulas, notícias - são de rigorri da Humanidade.*

- Essa fãta está errada - gritou Narizinho. Verê nos les apêlo livro do Macarrão sobre a vida da formiga - e lá a gente vê que a formiga não é o único insecto caridoso que existe. Formiga sai como seu irmão.

Dona Benta explicou que as fãtas não eram livros de História Natural, mas de Moral.

- É, tanto é assim - disse ela - que as fãtas em todas as línguas falam e na realidade do não falar.

- Isso não - protestou Estela. Não há animalidade, não, formiga eu palço, que não fale. Só é que não entendemos a linguagem dela.

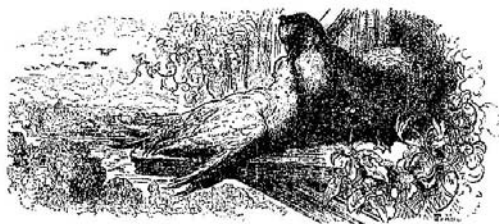
Jana Benta acitou a objeção e disse:

- Não, não tem fãtas em algumas línguas a nível fãta e na realidade se fãtas se fãtas fãtas. Não sei.

- Agora, sim - disse Estela muito generosa com o úsua. Com outra.



Os Dois Pombinhos



OS DOIS POMBOS

Amavam-se dois pombos ternamente
Com suave meiguice e amor profundo.
Um deles — que loucura! — de repente
À casa toma tédio, quer ver mundo.

“Que vais fazer? diz-lhe, então,
Já saudoso o companheiro:
Medita, pensa primeiro,
Assim deixas teu irmão?
Ninguém duvida que a ausência
É dos males o maior;
Não para til... Só se for
Que os trabalhos, a inclemência,
E dessa jornada o p'riço,

Que pretendes arrostar,
Possam teu peito mudar
Em peito bondoso, amigo.

Se mais perto a primavera
Sorrisse alegre, então... vá!
Quem te obriga a partir já!
Espera o zéfito, espera;

Há pouco um sinistro corvo
Crocitou, e à nossa raça
Agourou muita desgraça
Em tom profético e torvo.

Só nas coisas infelizes
Doravante pensarei;
Em redes, falcões, que sei!...
Tiros, flechas, e bufzes.

Ah! — direi quando chover:
Meu pobre irmão, coitadinho,
Terá ceia, terá ninho,
E tudo o que lhe é mister?”

Esta linguagem branda e cheia de bondade
Enternece-lo faz;

Teve porém mais força a indômita vontade
Do viajante audaz.

“Não chores; três dias bastam-me —
Já vês que é curta a demora —
Para matar este fêrvido
Desejo que me devora.

Quando voltar, com que júbilo
Referirei por miúdo
Aventuras, episódios,
Incidentes, tudo, tudo!
Quem pouco vê, é certíssimo,
Que pouco pode contar.

Uma pedra com tal ânsia
Lhe enviá, que sem alento

Quase o deixa. — Maldizendo
A sua curiosidade,
Vai para casa, gemendo,
Meio-coxo, meio-morto,
E sem outra novidade
Chega do ninho ao conforto.

JOSÉ ANTÔNIO DE FREITAS



Os dois pombinhos

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham. Mas um deles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou na cabeça a idéia de correr mundo.

— Para quê? — advertiu o companheiro. Não é tão sossegado aqui este remanso?

— Quero ver terras novas, respirar novos ares.

— Não vá! Há mil perigos pelo caminho, incertezas, traições. Além disso, o tempo não é próprio. Época de temporais.

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de propósito, uma hora depois o céu se tolda, os ventos rugem. O imprudente viajante agüenta o temporal inteiro fora de abrigo, encolhido numa árvore

seca. Sofre horrores; mas salva-se, e quando veio a bonança pôde continuar a viagem. Dirigiu-se a um lindo arrozal, pensando:

— Que vidão irei passar neste mimoso tapete de verdural!

Ail... Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço.

Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu, exausto, com várias penas de menos e um fio de barbante aos pés, a lhe embaraçar o voo.

Nisto um gavião surge, que se precipita sobre ele com rapidez de flecha. O mísero pombinho, atarantado, mal tem tempo de abrigar-se no terreiro dum casebre de lavradores. Desse modo livrou-se do rapinante, mas não pôde livrar-se dum menino que de bodecoço em punho correu para cima dele e espoeteou-o.

Corre, que corre, perececa que perececa, o mal-aventurado pombinho conseguiu ainda uma vez escapar, oculto num oco de pau.

E ali, curtindo as dores da asa quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, pôde fugir para o ninho.

Ao vê-lo chegar, arrastando a asa, depeñado, moído de cansaça, o companheiro beijou-o por entre lágrimas e disse: “Bem certo o ditado: *Boa romaria faz quem em casa fica em paz.*”

— Não concordo, povó! — disse Pedrinho. Se toda gente ficasse fazendo romaria em casa, a vida perderia a graça. Eu gosto de aventuras, sem que volte de perna quebrada.

— Eu também! — berrou Emília, e hei de escrever uma fábula o contrário dessa.

— Como?

— Assim que o pombinho viajante partiu, um caçador aparece e dá um tiro no que ficou fazendo romaria em paz. Quando o viajante volta, todo estropiado, vê as penas do companheiro no chão, manchadas de sangue. Compreende tudo e diz: “Quem vai, volta estropiado; mas quem não vai cai na panela.”

Dona Benta explicou que a sabedoria popular é uma sabedoria de dois bicos. Muitos ditados são contraditórios.

— Há um que diz: “Quem espera sempre alcança” e outro diz: “Quem espera desespera.” Conforme o caso, a gente escolhe um ou outro — e quem ouve elogia a sabedoria da sabedoria popular.

M.L.

O Corvo e a Raposa



O CORVO E A RAPOSA

É fama que estava o corvo
Sobre uma árvore pousado,
E que no sófrego bico
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro àquele sítio
Veio a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe falou desta maneira:

"Bons dias, meu lindo corvo;
És glória desta espessura;
És outra fénix, se acaso
Tens a voz como a figura!"

A tais palavras o corvo
Com louca, estranha afoiteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e solta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadanho,
E diz: "Meu amigo, aprende
Como vive o lisonjeiro
À custa de quem o atende.

Esta lição vale um queijo,
Tem destas para teu uso".
Rosna então consigo o corvo,
Envergonhado e confuso:

"Velhaca! Deixou-me em branco,
Fui tolo em fiar-me dela;
Mas este logro me livra
De cair noutra esparrela".

BOCAGE



A raposa e o corvo

(Esopo)

Um dia um corvo estava pousado no galho de uma árvore com um pedaço de queijo no bico quando passou uma raposa. Vendo o corvo com o queijo, a raposa logo começou a matutar um jeito de se apoderar do queijo. Com esta idéia na cabeça, foi para debaixo da árvore, olhou para cima e disse:

-Que pássaro magnífico avisto nessa árvore! Que beleza estonteante! Que cores maravilhosas! Será que ele tem uma voz suave para combinar com tanta beleza! Se tiver, não há dúvida de que deve ser proclamado rei dos pássaros.

Ouvindo aquilo o corvo ficou que era pura vaidade. Para mostrar à raposa que sabia cantar, abriu o bico e soltou um sonoro "Cróóó!". O queijo veio abaixo, claro, e a raposa abocanhou ligeiro aquela delícia, dizendo:

-Olhe, meu senhor, estou vendo que voz o senhor tem. O que não tem é inteligência!

Moral: *cuidado com quem muito elogia.*

Do livro *Fábulas de Esopo*, 1994.

A Menina do Leite

A menina do leite

A menina não conta em si de felicidade. Pela primeira vez iria à cidade vender o leite de sua vaquinha. Trajando o seu melhor vestido, ela partiu pela estrada com a lata de leite na cabeça.

Enquanto caminhava, o leite chacoalhava dentro da lata. E os pensamentos faziam o mesmo dentro da sua cabeça.

"Vou vender o leite e comprar uma dúzia de ovos."

"Depois, choco os ovos e ganho uma dúzia de pintinhos."

"Quando os pintinhos crescerem, terei bonitos galos e galinhas."

"Vendo os galos e crio as frangas, que são ótimas botadeiras de ovos."

"Choco os ovos e terei mais galos e galinhas."

"Vendo tudo e compro uma cabrita e algumas porcas."

"Se cada porca me der três leitões, vendo dois, fico com um e..."

A menina estava tão distraída que tropeçou numa pedra, perdeu o equilíbrio e levou um tombo.

Lá se foi o leite branquinho pelo chão.

E os ovos, os pintinhos, os galos, as galinhas, os cabritos, as porcas e os leitões pelos ares.

Não se deve contar com uma coisa antes de conseguí-la.



A menina do leite

Laurinha, no seu vestido novo de pintas vermelhas, chinelos de bezerro, *treque, treque*, lá ia para o mercado com uma lata de leite à cabeça — o primeiro leite da sua vaquinha mocha. Ia contente da vida, rindo-se e falando sozinha.

— Vendo o leite — dizia — e compro uma dúzia de ovos. Choco os ovos e antes de um mês já tenho uma dúzia de pintos. Morrem... dois, que sejam, e crescem dez — cinco frangas e cinco frangos. Vendo os frangos e crio as frangas, que crescem viram ótimas botadeiras de duzentos ovos por ano cada uma. Cinco: mil ovos! choco tudo e lá me vêm quinhentos galos e mais outro tanto de galinhas. Vendo os galos. A dois cruzeiros cada um — duas vezes cinco, dez... Mil cruzeiros!... Posso então comprar doze porcas de cria e mais uma cabrita. As porcas dão-me, cada uma, seis leitões. Seis vezes doze...

Estava a menina neste ponto quando tropeçou, perdeu o equilíbrio e, com lata e tudo, caiu um grande tombo no chão.

Pobre Laurinha!

Ergueu-se chorosa, com um ardor de esfoladura no joelho; e enquanto espanjava as roupas sujas de pó viu sumir-se, embebido pela terra seca, o primeiro leite da sua vaquinha mocha e com ele os doze ovos, as cinco botadeiras, os quinhentos galos, as doze porcas de cria, a cabritinha — todos os belos sonhos da sua ardente imaginação...

A LEITEIRA E A BILHA DE LEITE

Com sua bilha à cabeça,
Maria, de pouca idade,
Vinha, marchando com pressa,
Vender o leite à cidade.

E a leiteira diligente,
Enquanto assim caminhava,
Estes cálculos na mente,
Consoladores, formava:

"Com o dinheiro da venda
Encho de ovos três cestinhas;
Deito os ovos, e a fazenda
Aumento a vender galinhas.

Depois, na feira anual,
Comprarei porquinho belo;
Mais tarde, no meu curral,
Terei vaquinha e vitelo".

Antegozando um deleite
Nestas idéias, tropeça;
Cai-lhe a bilha da cabeça,
E entorna-se todo o leite.

E' fácil de decorar
A lição singela e breve
Que ensina que ninguém deve
Fazer castelos no ar!

J. I. D'ARAUJO

Emília bateu palmas.

— Viva! Viva a Laurinha!... No nosso passeio ao País das Fábulas tivemos ocasião de ver essa história formar-se — mas o fim foi diferente. Laurinha estava esperta e não derrubou o pote de leite, porque não carregava o leite em pote nenhuma e sim numa lata de metal bem fechada. Lembra-se, Narizinho?

A menina lembrava-se.

— Sim — disse ela. Lembro-me muito bem. A Laurinha não derramou o leite e deixou a fábula errada. O certo é como vovó acaba de contar.

— Está claro, minha filha — concordou Dona Benta. É preciso que Laurinha derrame o leite para que possamos extrair uma moralidade da história.

— Que é moralidade, vovó?

— É a lição moral da história. Nesta fábula da menina do leite a moralidade é que não devemos contar com uma coisa antes de termos conseguido...



Os animais e a peste



OS ANIMAIS ENFERMOS DA PESTE

MACHADO DE ASSIS

Mal que espalha o terror, e que a ira
[celeste
Inventou para castigar
Os pecados do mundo; a peste, em suma,
[a peste;
Capaz de abastecer o Aqueronte num dia,
Veio entre os animais lavrar;
E, se nem tudo sucumbia,
Certo é que tudo adoecia.
Já nenhum pode dar vida ao moribundo
[alento,
Catava mais nenhum sustento.
Não havia manjar que o apetite abrisse,

Raposa ou lobo que sáfise.
Contra a presa inocente e mansa,
Rola que à rola não fugisse,
E onde amor falta, adeus, folgança.
O leão convocou uma assembléia e disse:
"Sócios meus, certamente este infortúnio
[veio
A castigar-nos de pecados.
Que o mais culpado entre os culpados
Morra, por aplacar a cólera divina.
Para a comum saúde esse é, talvez, o meio.
Em casos tais é de uso haver sacrificados.
Assim a história no-lo ensina.
Sem nenhuma ilusão, sem nenhuma
[indulgência,
Pesquemos a consciência
Quanto a mim, por dar mate ao ímpeto
[glutão,
Devorei muita carneirada.
Em que, é que me ofendera? Em nada!
E tive mesmo ocasião
De comer igualmente o guarda da manada.
Portanto, se é mister sacrificar-me, pronto.
Mas, assim como me acusei,
Bom é que cada qual se acuse; de tal sorte
Que (devemos querê-lo, e é de todo ponto
Justo) caiba ao maior dos culpados a
[morte.
— Meu senhor, acudiu a raposa, é ser rei
Bom demais; é provar melindre exagerado
Pois então devorar carneiros,
Raça lórpa e vilã, pode lá ser pecado?

Em os comer muito favor.
Não. Vós fizestes-lhes, senhor,
E no que toca aos pegureiros,
Toda a calamidade era bem merecida,
Pois são daquelas gentes tais
Que imaginaram ter posição mais subida
Que a de nós outros animais".
Disse a raposa; e a corte aplaudiu-lhe o
[discurso.
Ninguém do tigre nem do urso,
Ninguém de outras iguais senhorias do
[mato,
Inda entre os atos mais daninhos,
Ousava esmerilhar um ato:
E até os últimos rafeiros,
Todos os bichos rezingueiros
Não eram, no entender geral, mais que uns
[santinhos.
Eis chega o burro: — Tenho idéias que no
[prado
De um convento, indo eu a passar, e picado
Da ocasião, da fome e do capim viçoso,
E pode ser que do tinoso,
Um bocadinho lambisquei
Da plantação. Foi um abuso, isso é
[verdade.
Mal o ouviu, a assembléia exclama: Aqui
[d'el-rei
Um lobo, algo letrado, arenga e persuade.
Que era bom imolar esse bicho nefando,
Empeteado autor de tal calamidade.
E o peccadilho foi julgado
Um atentado.

Os animais e a peste

Em certo ano terrível de peste entre os animais, o leão apreensivo, consultou um mono de barbas brancas.

— Esta peste é um castigo do céu — respondeu o mono, e o remédio é aplacarmos a cólera divina sacrificando aos deuses um de nós.

— Qual? — perguntou o leão.

— O mais carregado de crimes.

O leão fechou os olhos, concentrou-se e, depois duma pausa, disse aos súditos reunidos em redor:

— Amigos! É fora de dúvida que quem deve sacrificar-se sou eu. Cometi grandes crimes, matei centenas de veados, devorei inúmeras ovelhas e até vários pastores. Ofereço-me, pois, para o sacrifício necessário ao bem comum.

A raposa adiantou-se e disse:

— Acho conveniente ouvir a confissão das outras feras. Porque, para mim, nada do que Vossa Majestade alegou constitui crime. Matar veados — desprezíveis criaturas; devorar ovelhas — mequinho bicho de nenhuma importância; trucidar pastores — raça vil, merecedora de exterminio! Nada disso é crime. São coisas até que muito honram o nosso virtuosíssimo rei leão.

Grandes aplausos abafaram as últimas palavras da bajuladora — e o leão foi pôsto de lado como impróprio para o sacrifício.

Apresentou-se em seguida o tigre e repete-se a cena. Acusa-se ele de mil crimes, mas a raposa prova que também o tigre era um anjo de inocência.

E o mesmo aconteceu com todas as outras feras.

Nisto chega a vez do burro. Adianta-se o pobre animal e diz:

— A consciência só me acusa de haver comido uma folha de couve na horta do senhor vigário.

Os animais entreolhavam-se. Era muito sério aquilo: A raposa toma a palavra.

— Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrível o que ele nos conta, que é inútil proseguirmos na investigação. A vítima a sacrificar-se aos deuses não pode ser outra, porque não pode haver crime maior do que furtar a sacratíssima couve do senhor vigário.

Toda a bicharia concordou e o triste burro foi unanimemente eleito para o sacrifício.

Aos poderosos tudo se desculpa; aos miseráveis nada se perdona.

— Viva! Viva!... Esta é a fábula do Burro Falante — e Pedrinho recordou todos os incidentes daquele dia lá no País das Fábulas. Essa história estava se desenvolvendo, e no instante em que as feras iam matar o pobre burro, o Peninha derrubou do alto do morro uma enorme pedra sobre as fuças do leão.

— Salvamos o Conselheiro — disse Emília — mas o fabulista pegou um segundo burro para poder completar a fábula. Pobre segundo burro!... — e Emília suspirou.

— Esta fábula me parece muito boa, você — opinou Narizinho.

— E é, minha filha. Retrata as injustiças da justiça humana. A tal injustiça humana é implacável contra os fracos e pequeninos — mas não é capaz de pôr as mãos num grande, num poderoso.

— Falta um Peninha que dê com pedras do tamanho do Corcovado no focinho do Leão da injustiça...

M. L.

Os Prisioneiros

Os dois viajantes na Macacolândia



Dois viajantes, transviados no sertão, depois de muito andar alcançam o reino dos macacos. Ai deles! Guardas surgem na fronteira, guardas ferozes que os prendem, que os amarram e os levam à presença de Sua Majestade Simão III.

El-rei examina-os detidamente, com macacal curiosidade, e em seguida os interroga:

– Que tal acham isto por aqui?

Um dos viajantes, diplomata de profissão, responde sem vacilar:

– Acho que este reino é a oitava maravilha do mundo. Sou viajadíssimo, já andei por Ceca e Meca, mas, palavra de honra, nunca vi gente mais formosa, corte mais brilhante, nem rei de mais nobre porte do que Vossa Majestade.

Simão lambeu-se todo de contentamento e disse para os guardas:

– Soltem-no e deem-lhe um palácio para morar e a mais gentil donzela para esposa. E lavrem incontinenti o decreto de sua nomeação para cavaleiro da mui augusta Ordem da Banana de Ouro.

Assim se fez e, enquanto o faziam, El-rei Simão, risonho ainda, dirigiu a palavra ao segundo viajante:

– E você? Que acha do meu reino?

Este segundo viajante era um homem neurastênico, azedo, amigo da verdade a todo o transe. Tão amigo da verdade que replicou sem demora:

– O que acho? É boa! Acho o que é!...

– E que é que é? – interpelou Simão, fechando o sobrelenho.

– Não é nada. Uma macacalha... Macaco praqui, macaco prali, macaco no trono, macaco no pau...

– Pau nele! – berra furioso o rei, gesticulando como um possesso.

– Pau de rachar nesse miserável caluniador...

E o viajante neurastênico, arrasado dali por cem munebas, entrou numa roda de lenha que o deixou moído por uma semana.

Quem for amigo da verdade, use couraça ao lombo.

– Também concordo – disse Pedrinho. – A verdade a gente deve dizer com muita cautela e só nas ocasiões próprias. Aquela sora que o Quim dá bexiga tomen outro dia, por que foi? Porque o bobo disse na cara do Coronel Teodorico o que toda gente pensa dele pelas costas. O bobo do Quim disse o que pensava e levou um pé-de-ouvido que o deixou surdo por três dias. É o que ainda acaba acontecendo para Emilia. Vai dizer do as verdades mais duras na cara de toda gente e um dia estropana-se. Lembra-se, vovó, do que ela disse para Dom Quixote, naquela vez em que o herói montou no Conselheiro por engano e ao perceber isso pôs-se a insultar o nosso burro? E se Dom Quixote a espalasse com a lanca?

– Emilia sabe o que faz – observou Dona Berta. – A espreteza chegou, ali e parou. Ela sabia muito bem que o Cavaleiro da Mancha era incapaz de ofender uma “dama” e por isso abusou...

Emilia rebolou-se toda ao ouvir-se classificada de dama...

O Rei dos Macacos e os Dois Homens

Dois companheiros se perderam na floresta e foram parar na terra dos macacos.

Foram levados à presença do rei, que era, naturalmente, um macaco.

O rei quis saber o que os hóspedes estavam achando do seu reino e de seus súditos.

Um dos viajantes, desconfiado da pergunta, respondeu:

– Este é um belo reino, estou vendo que o rei é muito bom e que os súditos são muito inteligentes...

O outro, que gostava de dizer tudo o que pensava, respondeu:

– Acho que este reino é um reino de macacos, e que você é um macaco como os outros...

Na mesma hora o rei mandou que lhe dessem a maior surra.

E o mentiroso ganhou uma porção de presentes.

Dra. Maria Augusta H. W. Ribeiro
Orientadora

Gracilene Costa do Vale